

**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS 2020**
Nº 63 - ABR/JUN



REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



Nº 63

NATAL, ABRIL / JUNHO - 2020

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado/ CJA Edições.

Arte da capa: Abraham Palatnik (Coleção de Diogenes da Cunha Lima)

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.63
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Trimestral.

Número atual: 63, Abr/Jun.2020

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

SUMÁRIO

ARTIGOS E ENSAIOS

NATAL E CLARICE - Diogenes da Cunha Lima	11
PRESENÇA DA OBRA DE ABRAHAM PALATNIK NA PINACOTECA DO ESTADO - Iaperi Araujo.....	14
VIDAS SECAS, SÉCHERESSE, ARIDES - Vicente Serejo	19
VERÍSSIMO DE MELO: TRÊS ACERTOS E OUTROS FEITOS - Nelson Patriota.....	23
ALGUMAS LEMBRANÇAS DE JOÃO CABRAL - Paulo de Tarso Correia de Melo.....	27
MURILO MELO FILHO - Cláudio Emerenciano	33
PROFESSOR JOÃO WILSON - Manoel Onofre Jr.	40
A ARTE CINÉTICA E CINECROMÁTICA DO NATALENSE ABRAHAM PALATNIK - Alfredo Neves	44
FRANCISCO IVAN: POESIA À RISCA - Armando Prazeres ..	50
OS CAMINHOS DE MYRIAM COELI - Diulinda Garcia	56
ARTE LITERÁRIA DE DÁCIO GALVÃO - Thiago Gonzaga ..	61
OSWALDO DE SOUZA - Jurandyr Navarro	64
HENRY KOSTER E A NATUREZA DO RIO GRANDE DO NORTE - Flávio Hildemberg da Silva Gameleira.....	67
VALÉRIO MESQUITA: O AMIGO E O MEMORIALISTA Valério de Andrade.....	72
VERÍSSIMO DE MELO E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A LITERATURA DE CORDEL - Francisco Martins.....	76

A ÚLTIMA CEIA - Daladier Pessoa Cunha Lima	82
A BELEZA - ENCANTO DO MUNDO - Francisco de Assis Câmara	87
DOM JOSÉ ADELINO DANTAS, UM LATINISTA - Padre João Medeiros Filho	90
EIDER FURTADO DE MENDONÇA E MENEZES - Carlos Roberto de Miranda Gomes	99
PADRE SÁTIRO: MENTE ILUMINADA A SERVIÇO DO POVO DE DEUS - Edilson Segundo	105
A REPRESENTATIVIDADE FEMININA EM “A PAREDE” DE EDNA DUARTE (parte 1) - Denise Coutinho de Souza & Cássia de Fátima Matos dos Santos.....	114
AS CONTRIBUIÇÕES DE RUI BARBOSA E DE ANTÔNIO GONÇALVES DIAS PARA A HISTÓRIA OFICIAL DO ES- TADO DO RIO GRANDE DO NORTE - Francisco Fernandes Marinho.....	120
QUEM FOI PADRE CÍCERO? - Benedito Vasconcelos Mendes	124
MANOEL FERNANDES DE NEGREIROS - 50 anos de sauda- des - Paulo Negreiros	131

ENTREVISTA

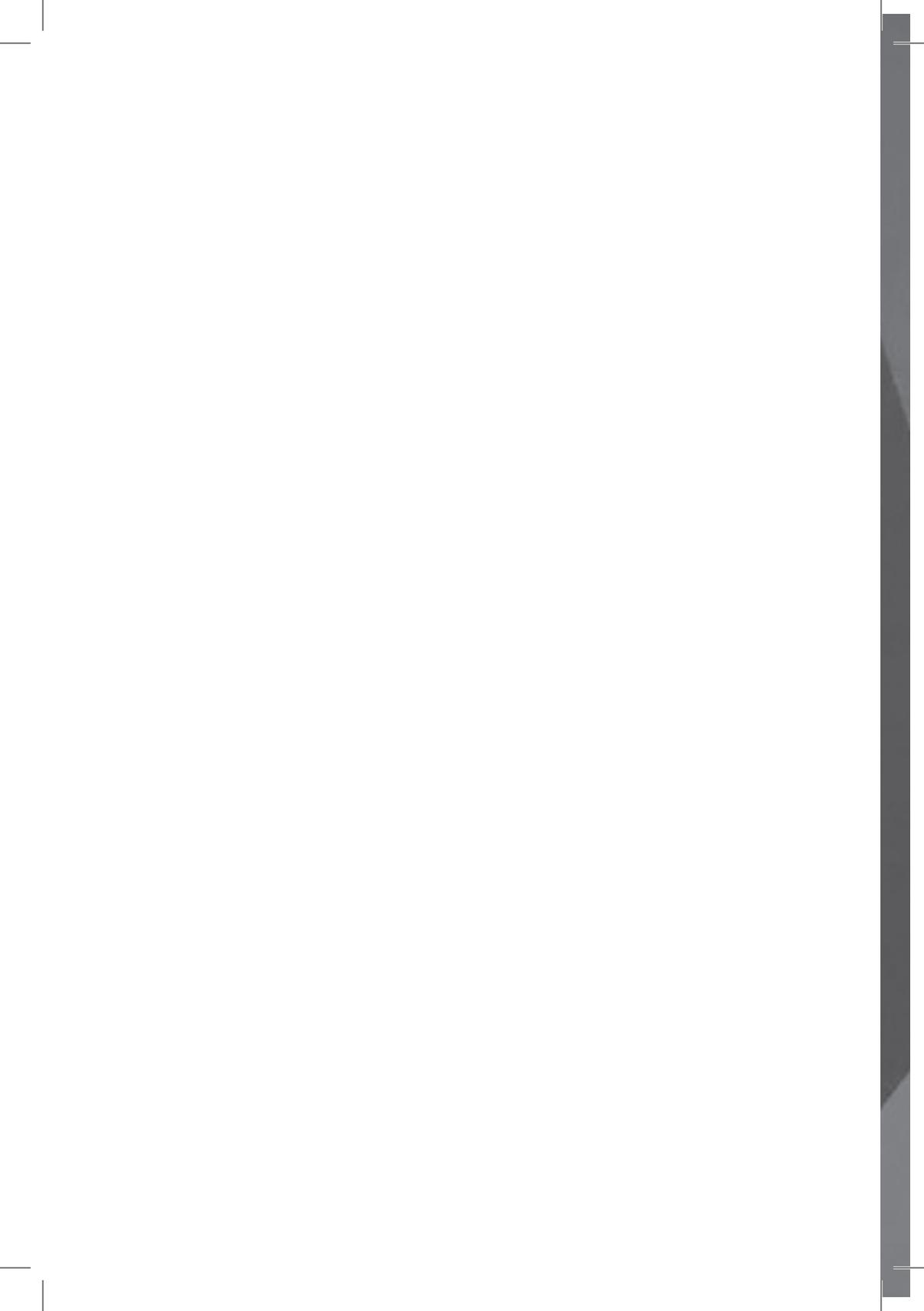
MURILO MELO FILHO: “AQUI EM NATAL FICARAM AS MINHAS RAIZES”	139
--	-----

CONTOS E CRÔNICAS

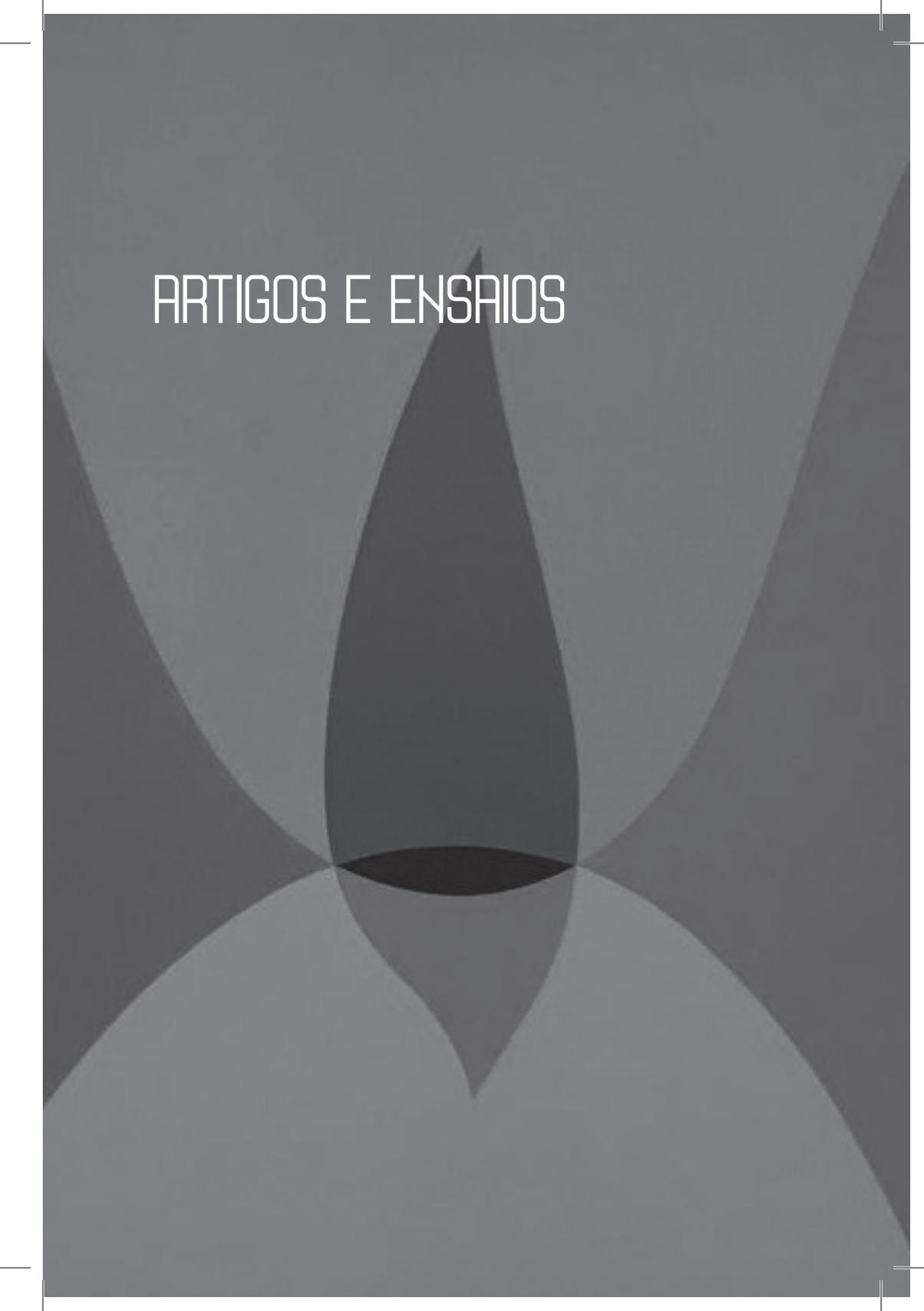
O CORTEJO - Humberto Hermenegildo	149
SENTENÇA - Clauder Arcanjo	152
UM DIÁRIO MEIO ATRASADO (três fragmentos) - Lívio Oliveira	154
A DESONESTIDADE ATÉ COM NÚMEROS - Armando Negrinhos	157
HUMOR NOSSO DE CADA DIA - MEMÓRIA POPULAR V - Valério Mesquita	161

POEMAS

DOIS POEMAS DE RACINE SANTOS - Para Jarbas Martins	171
TRÊS POEMAS DE JARBAS MARTINS.....	172
TRADUÇÃO - UM SONETO DE JORGE LUIS BORGES	174
ATRACA A CATRAIA - Oreny Júnior	176



ARTIGOS E ENSAIOS

The background of the page is a dark gray color. It features a central, abstract graphic composed of several overlapping, teardrop-shaped elements. These shapes are rendered in different shades of gray, creating a layered, three-dimensional effect. The shapes are arranged in a way that they appear to be part of a larger, symmetrical design, possibly representing a stylized flower or a geometric pattern. The overall aesthetic is modern and minimalist.



NATAL E CLARICE

Diogenes da Cunha Lima

A mais internacional das escritoras brasileiras, Clarice Lispector (1920-1977), é reconhecida como enigmática, bela e fascinante. No Egito, ao ver a esfinge de Gizé afirma não saber decifrá-la. Demora um pouco, e observa: ela também não me decifra.

A sua presença em Natal ficou marcada por intensa tristeza e, por outro lado, por alumbramento.

Em 1944, escreveu a seu amigo Lúcio Cardoso, dizendo estar hospedada no horrívelzinho Grande Hotel. Sentia-se desorientada em Natalzinho. Era saudade dos amigos do Rio e de Belém, das irmãs e do marido. Em uma cidadezinha sem caráter à espera de um clipper, nova carta ao amigo anota passar doze dias em Natal.

Clarice não entendera nada da nossa cidade, que, na ocasião, estava vivendo uma festa pela chegada dos norte-americanos, com dólares, alegrias, shows de artistas de cinema, inovações. Não deve ter sido convidada para nenhuma celebração.

Também não apreciou as belezas e riquezas de paisagens e pessoas. Provavelmente, não ouviu, no hotel, o piano de Paulinho Lira. Não conheceu intelectuais tão interessantes ou mais que seus amigos cariocas e paraenses. Não viu Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo, Américo de Oliveira Costa. Limitou-se a perceber a amabilidade natural dos garçons.

Clarice não viu, à beira do rio, a Fortaleza dos Reis Magos, uma estrela de pedra plantada sobre arrecifes. Não admirou o Potengi, que acolheu o Presidente dos EUA, Roosevelt, vindo no hidroavião Clipper da Boeing, e que no mesmo tipo de avião, pela Panair, a levaria de volta para matar suas saudades.

“Haya” foi o nome recebido na Ucrânia. Que, em hebraico,

significa “Vida”. No Brasil, passou a ser Clarice, que quer dizer “luminosa, brilhante”.

A primeira biografia de Clarice Lispector foi escrita pelo mairiense, filho de galegos, Renard Perez. E o retrato fiel ditado e revisado pela biografada. A publicação tem o título de “Escritores Brasileiros Contemporâneos (1964)”. Renard publicou entre longa entrevista pelo Correio da Manhã. Graças ao potiguar, Clarice Lispector foi traduzida em alemão com o seu conto chamado: “Uma Galinha”. A edição original do conto foi registrada na revista “Senhor”, da qual participava o natalizado jornalista Luiz Lobo.

Natal tem poderes ocultos, faz magia. É outra esfinge, difícil de ser decifrada. E decidiu mostrar a ela sua força de encantamento.

O episódio foi narrado por Clarice sobre o título SILENT NIGHT HOLY NIGHT:

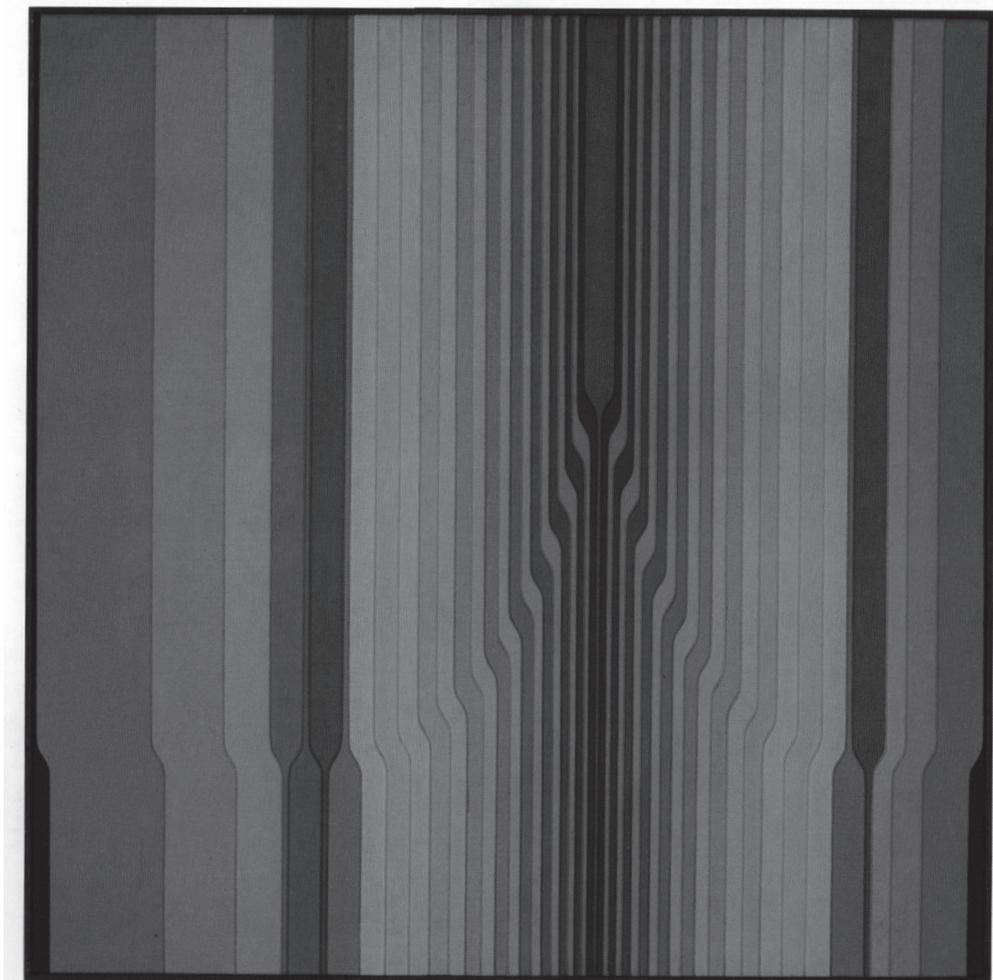
“Em Natal, Rio Grande do Norte, acordei no meio da noite tranquila como se estivesse despertando de uma tranquila insônia. E ouvi aquela música de ar que uma vez antes já tinha ouvido. É extremamente doce e sem melodia, mas feita de sonhos que poderiam se organizar em melodia. É flutuante, ininterrupta. Funções como quinze mil estrelas. Tive a certeza de que estava captando na mais primária vibração do ar, como se o silêncio falasse. O silêncio falava.”

O alumbramento continuou sentido por ela:

“É de uma beleza incrível impossível de ser descrita, pois não existe palavra que seja silêncio. Não se sente a presença de autor, anjos em grupos incontáveis e pessoais, anônimos como anjo”. E conclui: “O quarto do Hotel estava cheio do canto coral do silêncio que se evidenciava. E eu abençoada desse jeito.”

Natal deu a ela benção e perdão.

DIOGENES DA CUNHA LIMA é poeta, escritor e advogado, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.



Abraham Palatnik
Sem título, 1992
Acrílica com relevos, 100x100 cm
Doação do artista, s.d.
Museu Pinacoteca do Estado



PRESENÇA DA OBRA DE ABRAHAM PALATNIK NA PINACOTECA DO ESTADO

Iaperi Araujo

A Pinacoteca do Estado do Rio Grande do Norte surgiu de doações dos artistas que para exporem na Galeria de Artes da Biblioteca Pública Câmara Cascudo, retribuía com a doação de um quadro dos expostos para compor a Coleção do Estado.

Pela Galeria de Artes passaram grandes nomes de nossas artes plásticas. Desde os pioneiros Newton Navarro e Dorian Gray ao grupo dos anos cinquenta Leopoldo Nelson, Tulio Fernandes à geração dos novos Iaponi e Iraken à dos novíssimos Iaperi, Carlos José, Marcos Silva, Eugenio Medeiros, Falves Silva, Olavo Medeiros, Walter Varela, Arruda Sales, Nivaldo, Toinho Silveira, Nival Mendes, Manxa,, Irmã Miriam, Francisquinha Cruz e Jota Medeiros e até artistas de outros estados como Clóvis Junior, Flávio Tavares, Chico Silva, Brenand, e Arturo Washington, um uruguaio, de uma fabulosa arte abstrata. Até Maria do Santíssimo, do alto dos seus 72 anos, uma primitiva de São Vicente (RN), descoberta pelo artista Iaponi abrilhantou os salões da Galeria da Biblioteca Pública.

Não era incomum, nas sextas feiras, as vernissages que iluminavam a rua Potengi onde dezenas de pessoas compareciam para admirarem as exposições. Das doações dos artistas foram sendo acumulados nas paredes da Fundação José Augusto um acervo diversificado como um corte nos caminhos da arte potiguar sem seleção, mas representativo.

Era um acervo sem sistematização, um apanhado de quadros não selecionados por especialistas, mas que nada custara aos cofres públicos.

No Governo Garibaldi Alves foi decidido a mudança do Gabinete do Governador para o Centro Administrativo de Lagoa



Nova que insistentemente sugeri ter o nome do governador Cortez Pereira que o consolidou. Ficou o Palácio Potengi sem destinação, fechado. Na época, a Fundação José Augusto decidiu transferir para o prédio todo o acervo, sob sua guarda, inclusive em situação crítica de conservação, para o antigo Palácio do Governo, acessando-o ao público. Foi instalada também no local uma oficina de restauro e conservação de obras de artes sob supervisão de Helio de Oliveira.

A exposição permanente teve um arranjo, sem muita ordem didática, de acordo com a cronologia e a importância dos artistas expostos. Foi dado destaque aos pioneiros Newton Navarro e Dorian Gray que tinham mais obras do que outros, no patrimônio do Estado. Além do mais, tinham dezenas de obras em Secretarias como painéis pintados diretamente nas paredes, painéis em azulejos e tapeçarias. Manxa estava representado no acervo por grandes painéis em madeira entalhada, alguns com metal marchetado para composição de espaços entre os elementos esculpidos, retirados de prédios públicos que foram desocupados como as agências do BANDERN, extinto no governo Geraldo Melo.

Tudo isso foi colocado nas paredes, numa sequência que seguia a visita às instalações do velho Palácio da praça Sete de Setembro.

As administrações da Fundação José Augusto que se seguiram, procuraram manter a exposição permanente, sendo criada uma coordenação onde se sucederam medianos e até bons administradores que zelaram por tão precioso patrimônio. Algumas doações extras enriqueceram mais aquele acervo, inclusive do crítico de artes, o potiguar Geraldo Edson de Andrade que destinou parte de sua coleção para ser integrada após sua morte à Pinacoteca. No meio desse acervo vieram algumas obras do potiguar Abraham Palatinik. O nosso conterrâneo de maior projeção internacional, mas que vivera no Rio de Janeiro a maior parte de sua vida era praticamente desconhecido pelos potiguares. Nasceu em Natal em

19 de fevereiro de 1928 de família judia de origem russa e que no final dos anos 20 e 30, viveu em Natal como prósperos comerciantes e empreendedores, havendo inclusive construído casas na nova avenida Deodoro da Fonseca, pela altura dos quarteirões da rua Açu até a Mipibu, constituindo vilas para alugar. A família vai para o Rio e em 1932, e logo muda-se para a região onde atualmente se localiza o estado de Israel.

De 1942 a 1945, estuda na Escola Técnica Montefiori, em Tel Aviv, e se especializa em motores de explosão ao mesmo tempo em que inicia seus estudos de arte no ateliê do pintor Haaron Avni e do escultor Sternshus e estuda estética com Shor. Frequenta o Instituto Municipal de Arte de Tel Aviv, entre 1943 e 1947. De volta ao Brasil em 1948 integrou o primeiro núcleo de artistas abstratos do Rio de Janeiro com Ivan Serpa, Ferreira Gullar, Franz Weissman, Mario Pedrosa, Lygia Clark, Renina Katz, e Almir Mavignier e conhece o trabalho da dra. Nise da Silveira no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro.

No ano seguinte começou a estudar e pesquisar a luz e os movimentos como formas de arte, sendo um dos pioneiros do que se chamou “arte cinética” a partir de sua premiação na I Bienal Internacional de São Paulo em 1951.

A partir de 1959, leva o movimento para o campo tridimensional. Cria trabalhos em que campos eletromagnéticos acionam pequenos objetos colocados em caixas fechadas. Ao mesmo tempo que inventa peças com que explora as possibilidades tecnológicas da arte, o artista faz quadros em superfícies bidimensionais. Em 1962, inicia a série Progressões, na qual compõe efeitos óticos ao utilizar faixas sobre uma superfície. No trabalho, usa materiais como madeira, cartões, cordas e poliéster.

Em 1964, nascem os Objetos Cinéticos. O artista cria esculturas de arame, formas coloridas e fios que se movem acionados por motores e eletroímãs. As peças se assemelham aos móveis do escultor norte-americano Alexander Calder (1898), mas



se diferenciam deles por se moverem com regularidade mecânica segundo a dinâmica planejada. Os Aparelhos Cinecromáticos são exibidos na Bienal de Veneza em 1964 e na mostra internacional de arte cinética *Mouvement 2*, na Galeria Denise René, em Paris.

O crítico de Artes Frederico Morais organiza em 1999 mostras retrospectivas de Palatnik no Itaú Cultural, em São Paulo, e no Museu de Arte Contemporânea (MAC-Niterói).

Nos 70 anos de carreira, Palatnik participou de cerca de cem exposições, no Brasil e no exterior, como quatro Bienais Internacionais de São Paulo e suas obras estão em coleções de museus como o de Arte Moderna de Nova York e de Arte Moderna de São Paulo. Em 2018, Palatnik ganhou o Prêmio Faz Diferença, na categoria Artes Plásticas.

Palatnik faleceu aos 92 anos, no Rio de Janeiro, em 9 de maio de 2020.

Na Pinacoteca do Estado, quando feita a primeira catalogação do acervo de mais de 850 obras, foram identificados algumas obras de Palatinik além daquelas doadas pelo crítico Geraldo Edson de Andrade.

Na primeira administração de Isaura Rosado na Fundação José Augusto – Governo Vilma de Faria – a FUNARTE anunciou a concessão, mediante projeto de auxílio financeiro para manutenção das pinacotecas estaduais. Por determinação de Isaura Rosado os técnicos Dione Caldas e Sonia Santos elaboraram um projeto que foi submetido a FUNARTE para se habilitar a verba de 75 mil reais para aquisição de uma obra de Palatnik para compor o acervo da Pinacoteca. A FUNARTE contrapropôs melhor, oferecendo um auxílio de 350 mil reais, para adquirir mais obras do artista, dada a importância de Palatnik nas artes visuais do Brasil e sua condição de potiguar. Aprovado o projeto, Isaura Rosado viajou ao Rio junto com o artista Vatenor para contatar Palatnik e se surpreendeu com a sua boa receptividade, diminuindo o valor



das obras em 25% o que permitiu a aquisição de 5 objetos/arte, selecionados pelo próprio artista dentre os mais representativos de sua carreira. Abraham Palatnik veio a Natal para entregar seus trabalhos e admirou a beleza do Palácio que estava abrigando a pinacoteca e o destaque que suas obras ganharam na exposição.

Hoje, no acervo da Pinacoteca do Estado, existem cerca de 10 (dez) trabalhos de Abraham Palatnik, expostos em sala especial como um tributo e um reconhecimento dos órgãos culturais do Rio Grande do Norte ao seu mais importante artista de nível internacional.

IAPERI ARAUJO é médico, escritor e artista plástico. Contista, tem publicado na revista da ANRL alguns textos, sempre valorizando a narrativa popular. É membro da ANRL ocupando a cadeira 23. Presidente do Conselho Estadual de Cultura.



VIDAS SECAS, SÉCHERESSE, ARIDES

Vicente Serejo

A Genivaldo Barros

Um dia pedi a Genivaldo Barros para acompanhá-lo a São Paulo, numa de suas viagens para check-up rotineiro. Queria conhecer a biblioteca de José Mindlin, de quem ele era amigo. Foi mais fácil do que esperava. Generoso, Genivaldo antecipou a consulta ao cardiologista e partimos num vôo que saía daqui no começo da tarde. Tudo marcado, acabamos o dia de viagem num jantar calmo, sob um frio discreto, perto daquela Pauliceia Desvairada, para homenagear o sempre inesquecível Mário de Andrade.

Era um meio de uma tarde cinzenta e sem chuva quando tomamos um taxi na Av. Paulista, no dia seguinte, na direção do bairro tradicional do Brooklin. Paramos numa casa grande, de esquina, do lado de um portão. Genivaldo acionou a campainha e quando o portão escuro se abriu, era ele, o próprio Mindlin, que nos recebia. Abraçou Genivaldo, perguntou por Lalinha, e ouviu as palavras gentis a respeito daquele jovem desconfiado e a respeito de quem Genivaldo já falara, por telefone, alguns dias antes da chegada.

Ficamos inicialmente na primeira sala. Grande, com uma enorme e larga estante que ia do chão ao teto, e de onde pendia um autêntico móbile de Calder, o grande artista, e que, por sorte, identifiquei e registrei. Surpreso, mas discreto para não ferir a vaidade do jovem nordestino, contou que o grande artista Alexander Calder viera expor em São Paulo, a convite do seu irmão, e foi naquela exposição que adquirira o móbile do célebre artista norte-americano que falecera em Nova Iorque, em 1976.

Tomado o café quente e forte, perguntou se desejava conhecer algo específico do seu acervo. Ficou surpreso mais uma vez:

pedi para ler a dedicatória, em forma quase de bilhete, com um poema inédito de Mário de Andrade para Manuel Bandeira na primeira edição de ‘Pauliceia Desvairada’. Como sabe que tenho? Indagou. Respondi que ficara sabendo numa sua entrevista. Levantou, puxou o exemplar de uma prateleira mais do alto, e então pude matar a curiosidade de um marioandradino anônimo que, mesmo sem glória nenhuma, tem suas obras completas nas edições originais, algumas raras e autografadas.

Quando guardava o livro, tomei a liberdade de perguntar se era verdade que faziam parte do seu acervo os valiosos originais do romance ‘Vidas Secas’, de Graciliano Ramos. Convidados, atravessamos o belo jardim, descemos a um subsolo muito bem projetado e mantido na mais absoluta assepsia, de iluminação suave e temperatura controlada. Abriu a gaveta de um móvel antigo e retirou uma pequena caixa meio metálica que explicou ser à prova de fogo. Lá estavam os raros originais de ‘Vidas Secas’. Alisei com os olhos o original da folha de rosto da primeira prova de impressão: Graciliano riscou o primeiro título com um traço forte de caneta - “O Mundo coberto de Penas” - e acrescentou, com sua própria letra, em manuscrito: “Vidas Secas”.

Vi, então, o que reencontraria anos depois, reproduzido em fac-símile, na edição comemorativa dos 80 anos de ‘Vidas Secas’, em 2018, um projeto gráfico e editorial dos mais bem cuidados que este país já realizou. O conto ‘Baleia’, a cachorra de Fabiano que morreu sonhando com preás gordos, e que acabara transformado em romance; a carta de Graciliano a Heloísa, sua mulher, falando sobre ‘Baleia’ e sua humanidade que ele como seu criador ainda tentava entender; o texto integral e definitivo do romance, ilustrações, bibliografia, cronologia, tudo. Uma edição que Graciliano merecia.

Todo livro, clássico ou não, por simples afeição ou grande encantamento, encontra sempre um jeito amável de morar em algum lugar da memória, quando não na própria alma. Depois



daquela tarde na biblioteca de José Mindlin, hoje numa belíssima sede própria e anexa ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), Universidade de São Paulo, a magia guardava um segundo encontro com ‘Vidas Secas’ e, agora, numa livraria francesa, em maio de 2014, sob o sol filtrado de uma belíssima primavera parisiense.

Numa tarde de trottoir despreocupado, fui com Rejane, como sempre, fazer uma visita ao livreiro Michel Chandeigne no número 10 da Rua Tournefort, com suas vitrines olhando para a pequena praça l’Estrapade, vizinha ao Pantheon. Nem ainda abria a porta de sua fachada azul e logo vi exposto um livro branco que chamou a atenção pelo título: ‘Vies arides’. Não foi tão difícil perceber: era ‘Vidas Secas’, mas com um título muito diferente da tradução original, publicada ainda em 1964 e relançada em 1989 pela grande Gallimard, um ícone editorial da França.

Estava ali, na capa ilustrada com um pequeno trecho do romance e a logomarca da editora - um elefante debruçado sobre o ‘C’, de Chandeigne, como se fosse o mundo. Seria fácil saber a história. O próprio editor, e dono da livraria, Michel Chandeigne, estava na sua mesa, do outro lado da vidraça. Um francês que viveu e ensinou alguns anos em Portugal, daí ter fundado a ‘Librairie Portugaise & Brésilienne’, e também a editora para autores brasileiros, franceses e portugueses. Com um português bastante compreensível.

Não era só uma nova edição. Era uma nova tradução. E a singularidade estava logo no título. Chandeigne topara a ousadia de ‘Vidas Secas’ traduzido como ‘Vidas Áridas’, uma forma de fazê-lo mais próximo da oralidade nordestina, no sentido original concebido pelo autor. Diferente das duas edições da célebre Gallimard - 1964 e 1989 - a segunda no formato clássico da coleção ‘Du Monde Entier’ da NRF - ‘Nouveau Roman Française’, com a tradução de Marie-Claude Roussel, com o mesmo título: ‘Sécheresse’.

Para o novo tradutor, Mathieu Dosse, não bastava ‘Seca’ (Sécheresse). Era preciso não abrir mão de ‘Vidas’ até pelo sentido humano da saga de Fabiano. Daí o ‘Vies arides’, afinal, na sua leitura,

‘vidas áridas’ expressa melhor as vidas secas, como se a aridez da expressão francesa conferisse ao estilo de Graciliano, mais fortemente, aquela *secura* não apenas de palavras e narrativas, mas da própria vida vivida na ficção. Aridez da seca na paisagem árida da caatinga do Nordeste brasileiro. Não caberia apenas ‘Seca’. Pareceria ‘Vazias’, e não era esse o melhor sentido da expressão preferida pelo autor.

Em 1988, ‘Vidas Secas’ mereceu uma edição fac-similar e comemorativa dos cinquenta anos de publicação. Reprodução rigorosa da edição original, de 1938, numa caixa, patrocínio da Eletropaulo, a companhia de energia elétrica do governo de São Paulo, quando era seu superintendente de comunicação o jornalista Audálio Dantas.

Em 2000, foi lançada a grande edição especial, pela Confraria dos Bibliófilos do Brasil, com ilustrações a bico-de-pena de Glênio Bianchetti reproduzidas em serigrafia, com cartões de capa e papéis das folhas de guarda fabricados, manualmente, com fibras vegetais, pela artista Vidalvina de Oliveira. A edição foi composta em linotipia, impressão manual, e a tiragem única de 251 exemplares, numerados de 000 a 250. Uma obra de arte.

Foi assim que descobri o novo sopro de vida do grande romance de Graciliano Ramos que ano passado, um ano depois dos seus oitenta anos, alcançou a sua centésima quadragésima edição pela Record. Como num novo instante mágico, além de traduções em várias línguas, ‘Vidas Secas’ bateu um recorde na Record.

Hoje, aos oitenta e dois anos de vida, Baleia sente a mesma fome. Os seus sonhos com preás gordos é a metáfora da esperança que um dia Graciliano Ramos genialmente criou para vencer a dureza de uma realidade injusta e cruel que não passa nunca.

Natal, maio de 2020, no ano da peste.

VICENTE SEREJO é escritor, jornalista e professor aposentado da UFRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autor de *Cena Urbana*, *Cartas da Redinha* e *Canção da Noite Lilás*.



VERÍSSIMO DE MELO: TRÊS ACERTOS E OUTROS FEITOS

Nelson Patriota

Os meus primeiros anos de exercício do jornalismo, meados dos anos 1970, definiram minha preferência profissional pela área cultural. Assim, pude conhecer algumas lendas das letras norte-rio-grandenses, como Dorian Gray Caldas e seu êmulo Newton Navarro, os poetas Franco Maria Jasiello e Ivory Batista Costa, Jarbas Martins e Luís Carlos Guimarães, Manoel Onofre Jr., Inácio Magalhães de Sena e Pedro Vicente Costa Sobrinho, Jaumir Andrade e Geraldo Caldas. Lembro o poeta Luiz Rabelo na calçada do Café São Luiz “corrigindo” a métrica de algumas “Quadras ao gosto popular”, de Fernando Pessoa, enquanto o poeta Milton Siqueira negociava com um frequentador eventual o preço de um soneto que acabara de compor e, recostado ao balcão, Walflam de Queiroz insultava o cristianismo em nome de Alá. Tive a sorte de conhecer também Veríssimo de Melo, com quem cheguei a polemizar acerca das finalidades do Conselho Estadual de Cultura, ente no qual eu ingressaria, décadas depois, preenchendo a vaga de Alvar Furtado. A propósito, graças a Luis Carlos Guimarães, entrevistáramos Alvar para o jornal *O Galo*, nos anos 1990, feito que repetiríamos com o poeta Sanderson Negreiros.

Sim, a roda dos ciclos culturais estava sempre em movimento. Digo que tive a sorte de ter conhecido Veríssimo de Melo porque seu nome está associado até hoje, em minha memória afetiva, a três obras, entre as tantas que escreveu: “Folclore infantil” (Belo Horizonte: Itatiaia, 1981), “Cartas de Mário de Andrade a Câmara Cascudo” (Belo Horizonte: Villa Rica, 1991) e “Patronos e Acadêmicos” (Rio de Janeiro, RJ: Pongetti, 1972 (1. V.; 1974, 2. V.)). Essas obras sempre representaram, para mim, uma síntese suficiente da versatilidade de interesses de Veríssimo de Melo. Poderia ir mais longe e afirmar que

se trata de uma tríade compondo um quadro de acertos objetivos. Poderíamos até qualificar esse autor como um homem não só assertivo, mas *acertivo*, na medida do que essa palavra contém de acerto. De fato, sua iniciativa de abordar sociologicamente o folclore infantil o coloca na vanguarda desse ramo dos estudos antropológicos; seu “Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo” preparou o terreno para a publicação da correspondência completa de Cascudo com Mário, organizada por Mário Pinto de Andrade, que sairia décadas depois. Enfim, “Patronos e Acadêmicos” é um painel surpreendente, quase épico, dos bastidores da criação da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e depois, sob forma de antologia.

Outrossim, um adendo: a polêmica obsequiosa que travei com esse discípulo de Cascudo e de Malinowski, só resultou em coisas boas da parte de Veríssimo para mim. Pudemos conversar informalmente em diversas ocasiões, e pude comprovar quão simpático era o meu “contendor” quando não empunhava a cota de malha das lições oficiais. *Last but not least*, a dedicatória da minha edição de “Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo” testemunha a favor da nossa amizade. Diz o ilustre autor: “Ao escritor e amigo Nelson Patriota – com as homenagens do sempre admirador. Veríssimo de Melo. Natal, 91”.

Dia desses andei folheando o livro póstumo, lançado de Pro-tásio Melo – irmão de Veríssimo -, que traz o capcioso título de “Veríssimo de Melo: o homem que sabia viver” (Natal: Editora IFRN, 2018). Vale dizer que se trata de um livro indispensável à compreensão do homem que foi seu irmão. Até porque sua bibliografia, infelizmente, permanece exígua, se comparada à obra robusta que deixou seu autor, abrangendo praticamente todos os domínios das ciências humanas.

E saber que os originais desse livro tão raro foram dados, durante alguns anos, por desaparecidos...

Mas esse não foi o único contratempo que fez periclitar a obra. As vicissitudes por que passou informam que sua escrita, ori-



ginalmente, caberia ao polígrafo Diógenes da Cunha (testemunha de muitas aventuras verissianas). Mas, como numa intriga do bem ninguém perde, Diógenes terceirizou-a a quem considerou ser mais qualificado para realizá-la: seu irmão Protásio. Não sem antes entregar-lhe um minudente roteiro que só serviria se cumprido à risca. E tal se deu, pelo que já se faria merecedor de uma coautoria...

Quanto ao livro, propriamente, e seu curioso título, não há aí nada que lembre uma blague, tirante o jogo de palavras, quase irresistível aqui, que explora a feliz coincidência do nome Vivi (forma carinhosa como os amigos tratavam o biografado) com as formas verbais “vivi” e “viver”. Protásio prova, senão por A mais B, ao menos por C mais D, que Veríssimo – já é tempo que o tratemos pelo nome correspondente ao seu *physique du rôle*: Vivi – viveu e o fez tão bem que precisava que esse saber se difundisse; se perpetuasse em letra de forma para que os incontáveis aprendizes carentes dessa arte pudessem ao menos beber nos ensinamentos legados por seu mestre.

Longe de nós pôr em dúvida essa assertiva tão pouco banal, enfática mesmo, da *ars vivendi* verissiana. É que nos é custoso entender o que faz que alguém a aprenda; que a exerça com tanta desenvoltura a ponto de chamar a atenção de outrem para sua destreza nesse ofício. Contudo, o fato de Protásio ter laços de sangue com o biografado é, digamos, um detalhe que lhe permitiu avaliar com mais justeza esse raro talento exibido pelo irmão.

No campo das amizades (talento que tinha de sobra), Vivi cultivou-as com Câmara Cascudo, Jorge Fernandes, Diógenes da Cunha Lima e Ascenso Ferreira, entre legiões, e costumava trocar uns dedos de prosa com o poeta Bosco Lopes e com o romancista Eulício Faria de Lacerda, sempre que circulava pelas adjacências do Café São Luiz.

Enfim, Vivi era um intelectual como a sua época o exigia: focado, sempre, em dois ou três assuntos por vez, e nunca repetindo a dupla ou tríade anterior. Basta que se leiam alguns dos seus artigos reproduzidos na obra de Protásio.

Seus namoros com a música, sua passagem pela rica boemia natalense, suas viagens, suas anotações *in loco* dos nervosos desdobramentos da operação Trampolim da Vitória na província, durante os episódios de guerra em Natal, são provas de uma mente em constante faina, ora em busca do lado ensolarado da vida , ora no afã de entender o que sucedia em seu entorno de grave e momentoso.

É uma lástima irremediável que Veríssimo não tenha tido o tempo requerido para escrever suas memórias ou algo que se lhe assemelhe. Mas não vale culpá-lo por omissão; as circunstâncias de vida na província pouparam poucos intelectuais da sua época do jugo do trabalho imperioso, urgente. A condição de intelectual, de homem de letras, ia acumulando junto ao rastro da fama as marcas e agruras de compromissos infindáveis com editoras, jornais, revistas, palestras, aulas, reuniões da ANRL e do Conselho de Cultura, sem falar nos compromissos familiares, com amigos e que tais. Como escreveu com a franqueza de sempre o caudaloso Mario de Andrade em missiva a Cascudo: “E não há rompimento possível com o ramerrão porque ou são favores inadiáveis ou é a medonha questão de ganhar dinheiro, ganhar dinheiro!”.

Como rematar é preciso, findemos com um vaticínio do paraibano Altimar Pimentel, citado pelo poeta Diogenes da Cunha Lima acerca do seu inesquecível amigo: “Veríssimo era um homem talhado para a eternidade”. Acrescentaríamos um adendo: só um homem de notável saber da arte de viver *faz jus* a essa condição.

NELSON PATRIOTA é poeta, escritor, crítico literário e jornalista, autor de “Tribulações de um Homem Chamado Silêncio” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



ALGUMAS LEMBRANÇAS DE JOÃO CABRAL

Paulo de Tarso Correia de Melo

Valorizo a criação literária, desconfio dos anotadores de fatos. Tudo isso pode ficar em *pseudice* e oportunismo, quando não no que os norte-americanos definem como “name dropping”.

Portanto, hesitei em escrever sobre João Cabral e evitaria fazê-lo se não fosse a ocasião do Centenário de Nascimento e a insistência de amigos comuns.

Meu primeiro contato com a poesia de Cabral se dá, na década de 60, quando Berilo Wanderley vai para a Europa e eu e Moacy Cirne o substituímos na coluna Revista da Cidade, na Tribuna do Norte. Berilo passa a escrever, semanalmente, a coluna Revista da Europa. Ele refere o seu encontro com Luís, outro estudante do Instituto de Cultura Hispânica e transcreve o primeiro poema de Cabral com que teve contato.

O sevilhano usa Sevilha
com intimidade,
como se só fosse a casa
que ele habitasse.

Com intimidade ele usa
ruas e praças:
com intimidade de quarto
mais que de casa.

Com intimidade de roupa
mais que de quarto:
com intimidade de camisa
mais que casaco.

E mais que intimidade,
até com amor,
como um corpo que se usa
pelo interior.

Luís viria a ser o ensaísta Luís Costa Lima, que já naquela época aderira à visão de José Guilherme Merquior, da literatura brasileira moderna, como um jogo de quatro cantos a saber: na prosa, João Guimarães Rosa e Clarice Lispector e na poesia Carlos Drummond e João Cabral.

Ainda na década de 60, eu era frequentador da casa de Câmara Cascudo. No volume, “Cascudo Guardião das nossas Tradições”, organizado por Isaura Amélia Rosado como “quais” do Seminário levado a efeito durante as comemorações do Centenário de Cascudo, coordenei duas mesas: Cascudo e o Conhecimento da Tradição e Cascudo na Intimidade. Nesta segunda comunicação intitulada: A Alma Encantadora da Casa, onde descrevo a casa de Cascudo, refiro “ na parte lateral da biblioteca, havia uma janela daquelas chamadas conversadeiras, projetada para frente e o degrau também era utilizado para armazenar livros. A janela era o paraíso dos chato boys, como nos chamávamos naquele tempo. Os livros podiam ser emprestados sine ou até levados definitivamente. Cascudo, às vezes, nos presenteava livros até autografados. No meu caso, como gostava de poesia, de grandes poetas brasileiros. Quando protestávamos a vista de algum famoso autógrafo respondia: “leve, faz de conta que esqueci na conversadeira”. Um desses esquecimentos é a edição numerada de A Terceira Feira da editora do autor onde se lê: “A Luís da Câmara Cascudo homenagem de J. C. Melo, 1961,” que guardo ciosamente entre a dúzia de livros autografados por João, no caso para mim próprio.

Em 1976 João vem ao Rio Grande do Norte. Nosso encontro foi feito por Zila Mamede que já havia me imposto fazer o estudo introdutório de sua reunião de poesia chamada Navegos. Zila



coordenou um grupo para falar da poesia de João Cabral na Televisão Universitária. Lembro-me que, entre outros, participamos Ney Leandro de Castro e eu. Na ocasião apresentei, entre outros livros para autógrafa, a raríssima edição de *O Cão sem Plumas*, feita em Barcelona em 1950. Eu a havia adquirido quando Walfan de Queiroz resolvera vender sua biblioteca. Surpreso, João autografou-o da seguinte maneira: “A Paulo de Tarso, devolvo este objeto arqueológico, com o afeto de João Cabral de Melo neto – Natal, 1976”.

De volta à África, João enviou, autografada, a edição de *Museu de Tudo* da Livraria José Olympio, 1975. “Paulo de Tarso homenagem muito cordial de João Cabral de Melo Neto. Dal**, 1976”. Nesta ocasião, além dos livros, Estela enviou para Zila, Zélia Mariz, Lalinha Barros e Ana Maria cortes de damasco marroquino estampados em Batik para que fizessem vestidos do tipo kافتان. Implorei a Ana Maria que não fizesse o vestido, preservando o tecido, hoje transformado em suntuosa toalha de mesa.

Ana Maria e eu não conhecemos Estela na juventude. Na meia idade, quando entramos em contato, ela já aparentava uma expressão austera que o longo trato diplomático poderia traduzir em severa elegância. No entanto, sua afabilidade, polidez e simpatia faziam-na figura marcante e inesquecível.

Em 1981 João volta a Natal. Como não gostava de viajar de avião, Genivaldo Barros, o reitor da UFRN da época, me pediu, na condição de Chefe de Gabinete, para ir apanhá-lo de automóvel em Recife. Com a cerimônia que se impunha ainda, perguntei ao Sr. Embaixador se ele preferia descansar durante a viagem. Agradável surpresa foi que ele e Estela preferiram conversar. Foi a oportunidade que tive para saber mais a respeito da poesia do estadista senegalês Leopold Senghor e da poeta portuguesa Sophia Breyner Andresen, que a esta época já havia dedicado a João o seu “Cristo Cigano”. A conversa continuou no dia seguinte durante almoço no terraço generoso de Genivaldo e Lalinha Barros, em sua casa de veraneio. Lembro-me vividamente que falou de sua paixão pelo

poeta W. H. Auden e, para meu desencanto, do seu pouco entusiasmo, pelos meus queridos poetas considerados menores do cânone americano, Edwin Arlington Robinson, Archibald Macleish, Edgard Lee Masters, Conrad Aiken e Edna St Vincent Millay. Nesta ocasião ouvi pela primeira vez, através de João, referência ao poeta Bruno Tolentino, ainda vivendo na Europa.

Desta conversa também guardo um fato interessante. Tive oportunidade de conhecer nos Estados Unidos como colega de Universidade, um estudante que vinha a ser enteado de um ministro do Xa Palevi, embora não se revelasse como tal. Na ocasião em que João referiu sua missão em Teerã, aproveitei para checar, 10 anos depois, a veracidade do fato. Esta conversa está documentada no autógrafo de “A Escola das Facas”: Ao caro Paulo de Tarso lembrança do longo papo em Pirangi. João Cabral de Melo Neto, Natal, 1981.

Em 1984 João e Estela retornaram ao Estado para lançar “O Auto do Frade” na livraria Clima de Carlos Lima. O autógrafo registra: “Para Paulo de Tarso este retrato do nosso conterrâneo do nordeste. O João Cabral de Melo Neto, 1984”. O lançamento foi à noite, seguido de um jantar na lendária casa de Roberto e Elenir Varela, projetada por Borsoi e ambientada por Janete Costa. Entre os convidados estava a edição de “O Rio” ilustrada por Aluísio Magalhães.

Em 1986, eu e Ana Maria passamos férias em Portugal, Estela e Zila já eram recentemente falecidas, João era Consul no Porto. Residia na bela Vila Adriana, Lalinha Barros pediu-nos que entregasse uma encomenda para João. Combinei com Ana que telefonaríamos somente no penúltimo dia no Porto e deixaríamos a encomenda no Consulado. Quando telefonamos para João, ele perguntou quando regressaríamos e foi taxativo: deixem para regressar depois de amanhã e venham jantar amanhã comigo. O jantar era para um pequeno grupo: Luís, filho de João, uma amiga, funcionária do Consulado, nós dois e João que estava hospedando, na ocasião, a poeta Marly de Oliveira. Eu acompanhava o trabalho literário de Marly, desde “Cercos de Primavera” e havia



lido, recentemente, “Retrato”, na época seu último lançamento. Conversamos animadamente. Em outubro de 2014, o escritor Arnaldo Saraiva lançou “Dar a Ver e se Ver no Extremo, o Poeta e a Poesia de João Cabral de Melo Neto”. O volume que me deixou como “Lembrança muito Cordial de nossa estada em Natal” refere a temporada de João como Consul no Porto, a Vila Adriana e do seu posterior casamento com Marly de Oliveira.

Alguns autógrafos ainda registram o sentimento enternecido de João para conosco na “Antologia Poética” da José Olympio: “Para Ana e Paulo de Tarso com um abraço afetuoso de João Cabral de Melo Neto, 1984”. Na “Educação pela Pedra”: A Paulo de Tarso, leitor pelo que vejo constante, comovido ** João Cabral de Melo Neto.

No último livro de Carlos Nejar, lançado em 2019, “Os Invisíveis”, enfocando tragédias brasileiras como a poluição do Rio Doce, o incêndio do Museu Nacional, a tragédia de Brumadinho e a depredação da Amazônia, Cabral está presente no trecho “João Cabral e o Capibaribe”:

Cabral, teu rio tem selo,
E criou sua dinastia,

Altivo junto ao castelo,
Que por Recife desfila.

Corre-corre de estar vivo,
Como menino solto

De seu pai e que vive,
Conspira, busca porto,

Avista parlas, engenhos,
Sem nenhum calo no gosto.

Como o Capibaribe,
Onde o verso é rua e povo.

Gostaria de registrar, ainda, outras homenagens de poetas portugueses e brasileiros a João Cabral. Isto não é possível, dado ao escopo desta comunicação. Abro exceção para um lapidar soneto, forma poética que João particularmente detestava, de autoria de Manuel Alegre:

O poeta João Cabral de Melo Neto
Compõe em sequência matemática.
Equação do real e do concreto
A prática do poema é uma prática .

Em que tal como em Bach o mesmo tema
Se multiplica e desenrola até chegar
Ao próprio osso do poema
Lá onde o poema encontra o como e o que.

Tem do flamenco o canto despojado
um sapatear descalço no tablado
Sem palmas nem guitarras.

O poema é sem ornamento nem flor.
É tão directo como outro assim não sei se o mundo tem
Só mesmo João Cabral de Melo Neto.

PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO é poeta, escritor e ensaísta. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Professor aposentado da UFRN é autor de vários livros, dentre eles “Talhe Rupestre”.



MURILO MELO FILHO

Cláudio Emerenciano

O homem é o que acredita ser. Não importam as contradições do mundo e da vida. A sentença de Ortega y Gasset, estabelecendo vinculação e dependência entre o homem e sua circunstância, dilui-se ante a força da fé. As circunstâncias de São Paulo eram exclusivamente farisaicas, ortodoxas, intransigentes, radicais e impiedosas. Mas a explosão de fé e luz na estrada de Damasco fulminou toda sua herança cultural e espiritual, convertendo-o no apóstolo de todos os povos: “Paulo, Paulo, por que me persegues”? Francesco Bernadonne, o santo de Assis, revolucionou o mundo cristão, revertendo-o às origens da Boa Nova da redenção pelo amor. Restaurou na cristandade o compromisso com a dignidade de cada ser humano. Mas tudo começou num encontro com um leproso, que nele suscitou a luminosa percepção da inutilidade das vaidades, da submissão ao ter, das ambições, do fausto, da injustiça, da violência e dos egoísmos. Revelou-lhe a infinita beleza da vida e a misericordiosa presença de Deus em cada um, templo e morada do seu amor e de sua bondade. O otimismo de Deus com o gênero humano é uma das manifestações desse infinito amor. O perdão e a misericórdia ilimitados, inesgotáveis, eternos, revelam a natureza da relação entre o Criador e a criatura. O Cristo na Cruz confirmou esses vínculos indissolúveis: “Pai, perdoai-os, pois não sabem o que fazem”. O otimismo é um dom de Deus. É um diferenciador entre os homens. Permite-lhes partilhar e viver a vida numa dimensão transcendental, harmônica com sua destinação. André Malraux, gênio, dizia que a grandeza humana se nutre do otimismo, enquanto Antoine de Saint-Exupéry via nos sentimentos universais de paz, solidariedade, fraternidade, partilha e identidade de uns com os outros a renovação contínua desse atributo: “É por isso que convém manter permanentemente acordado no

homem aquilo que é grande, e por isso importa convertê-lo à sua própria grandeza”. Grandeza e otimismo se enastram. Misturam-se indefinidamente. São uma constante sem fim para se viver e nascer a todo instante. Projetam o homem além do seu tempo.

Esta Academia de Letras nasceu sob inspiração do maior otimista do Rio Grande do Norte em todos os tempos: Luis da Câmara Cascudo. Outro grande otimista, seu primeiro presidente: Henrique Castriciano. No âmbito das minhas relações, tenho convivido com grandes otimistas: Aluízio Alves, Dom Nivaldo Monte, Alvarado Furtado e Diógenes da Cunha Lima. Minha presença hoje, aqui, nesta tribuna, deve-se ao otimismo do nosso Presidente. Era o dia 28 de setembro. Diógenes, ao telefone, comunica minha escolha para saudar Murilo Melo Filho nesta sessão de comemoração dos seus 80 anos. Repliquei-lhe da seguinte maneira: - Diógenes, meu Presidente, você sabe da minha emoção e da minha gratidão por essa escolha. Mas, desde o dia 30 de março, aguardo uma córnea para submeter-me ao quinto transplante, o terceiro no olho direito, agora acometido de agudas crises de glaucoma. Resposta de Diógenes: - não tem importância. Das duas uma: ou você já estará operado ou, ao contrário, você estará melhor para cumprir sua missão. Disse-lhe então: - Diógenes, estou unicamente com visão no olho esquerdo. Resposta: - Você está enxergando o suficiente para saudar Murilo -. Prodigiosamente, ainda não fiz a operação, as crises de glaucoma se dissiparam e aqui estou honrado, como poucas vezes em minha vida, para proclamar estima, admiração e respeito a Murilo Melo Filho. Exaltar-lhe seu exemplo de vida. Em todos os aspectos. Como cristão, filho, esposo, pai, irmão, amigo, jornalista, escritor, memorialista, ensaísta. Agradecer a Deus por seu exemplo de vida. E invocar seu saudoso amigo, Adolpho Bloch, que testemunhou seu otimismo: “Vivemos, você e eu, momentos difíceis, mas nunca o vi triste. O otimismo tornou-o um homem de bem e um jornalista honesto”. Quase as mesmas palavras foram empregadas por seu grande amigo e notável jornalista Villas-Bôas Corrêa, em seu livro “Conversa com a Memória”, ao testemunhar-



-lhe a integridade moral, a competência, a ética, o espírito público, a retidão, a solidariedade, o destemor, a coerência, a lucidez, a cultura e o bom senso. Villas, como os amigos o chamam, destaca-lhe outras qualidades: a formação cristã, a tranqüilidade ante adversidades e o fato de jamais tergiversar ou hesitar: seu sim, sempre foi sim, e o seu não, não. A biografia de Murilo, da infância até hoje, resume-se assim: sua vida é um autêntico “Elogio do Otimismo”, ou seja, uma ode à perseverança.

Em 10 de dezembro de 1953, em sessão solene da Academia Sueca, o escritor Sigrifid Lagan Siwertz recepcionou o Prêmio Nobel da Literatura Winston Spencer Churchill. Em sua oração, declarou sua dificuldade em dissociar no homenageado o escritor, o estilista, o historiador, o memorialista, o jornalista, o estadista, o visionário, o parlamentar, o líder, o pensador, o inglês, o pintor e o cidadão do mundo. Mas os laços com a terra e a gente do seu condado de origem, na Inglaterra, permitiam devassar-lhe as fontes de sua maneira de ser, agir, pensar e querer. É o caso de Murillo da Cunha Melo Filho, canguleiro como Cascudo e Café Filho, nascido em 13 de outubro de 1928. Seus pais, seu Murillo Melo e dona Hermínia de Freitas Melo, sabiam que seu filho mais velho era precoce. Aos sete anos de idade foi testemunha ocular da Revolução Comunista, deflagrada em Natal na noite do dia 23 de novembro de 1935. Ali nascia, certamente, a vocação para o jornalismo. Eis suas observações: “Entre 23 e 27 de novembro eles dominaram a cidade, controlaram tudo e requisitaram todo o estoque de gasolina para alimentar seus carros. É um carro que papai tinha – um Ford bigode de 1928, que estava numa garagem próxima – foi também requisitado e levado para o interior. Numa casa próxima, asilaram-se dois coronéis que estavam com o governador no teatro. Durante quatro dias, levei para eles a comida toda, o almoço e o jantar”.

Murillo Melo Filho vê e vive o mundo e a vida através de sua fé católica. Aos dez anos de idade fez a Primeira Comunhão e foi coroinha, como eu, anos depois, na Matriz de Nossa Senhora

das Graças e Santa Terezinha, no Tirol. Desfez o sonho de uma prematura vocação sacerdotal, mas, mesmo assim “eu prometi lá para cima o seguinte e até hoje cumpro com maior prazer: mesmo que eu não seja padre, serei um razoável católico. E o tenho sido até hoje”. Por toda sua vida, Murilo vem praticando sua fé como um Bom Samaritano. Durante anos custeou, anonimamente, os estudos de um seminarista pobre. A Diocese, entretanto, revelou-lhe o nome depois que seu protegido, às vésperas de concluir seus estudos na Universidade Gregoriana, em Roma, e se ordenar, renunciou à carreira sacerdotal. Esse nome, até hoje, é mantido em segredo. Murillo construiu, às suas expensas, a Igreja de Nossa Senhora de Fátima no Parque das Dunas III, na zona norte de Natal, hoje centro de convergência da pastoral da Arquidiocese naquela área da cidade. Sua construção foi ciclópica, com Murillo transferindo os recursos para sua querida irmã Ilma, e ela supervisionando a execução da obra em tempo recorde. De Fátima, em Portugal, Murillo trouxe uma imagem réplica, de tamanho igual à original da Basílica na Cova da Iría. A religião nos une e nos identifica. Quando menino, não me esqueço dos seus pais e seus irmãos Henio, Elma, Ilma, Ana Emília (que até pouco tempo eu teimava em chamar de Maria Emília) e Eduardo na missa dominieira das nove horas da Igreja de Santa Terezinha. Suponho que Carlos Herilo já não mais residisse em Natal. Fins dos anos 40 até meados dos 50. Frequentavam-na as famílias do Tirol, bairro que era um paraíso idílico, muitas árvores, fruteiras, aléias cobrindo ruas e avenidas, roseiras nas casas, pássaros cantando no alvorecer e no escurecer do dia. Pais, filhos, avós, netos, sobrinhos, todos de uma só vez, acorriam à igreja: os Lamas, os Farache, os Dourado, os Mesquita, os Bezerra de Melo, os Furtado, os Viveiros, os Cavalcanti, os Rodrigues, os Ramalho, os Aguiar, os Gurgel, os Martins, os Reis, os Costa, os Filgueira, os Varella, os Gentile, os Medeiros. Até o grande boêmio Roberto Freire comparecia com dona Lúcia e seus filhos. Então, certo domingo, conheci Murilo Melo. Desde 1946 morava no Rio. Era famoso. Todos dele se orgulhavam e o cumprimentavam. Mas ele era a expressão fiel, como



até hoje, da simplicidade, da afabilidade, da cordialidade. Parecia dizer para cada um apenas isso: sou apenas um de vocês. Natalense em sonhos e maneira de ser. Murillo, saía da casa dos pais na Rua Apodi e seguia a pé, pela Rua Jundiaí, até ao Grande Ponto, na Avenida João Pessoa,, no meio da tarde. Acercava-se a um grupo de amigos natural e calmamente, como se aqui morasse. Fins dos anos 60 e anos 70 e 80, Murillo visitava periodicamente Natal com sua esposa, dona Norma. Em fins de semana, Dadaça, minha esposa, e eu os víamos no Xique-Xique em companhia de amigos inseparáveis: Marcelo Filgueira de Carvalho (seu amigo de infância) e Maristela, José Ferreira de Souza e Maysa, Ítalo Carvalho e Ieda, Romeu Aranha e Tereza, Paulo Bittencourt, Pedro Coelho. Murillo é uma expressão viva e autêntica da lição do mestre Cascudo em “Civilização e Cultura”: “será sempre o universal dentro do regional”. Murillo é um cidadão do mundo. Mas jamais declinou seus vínculos telúricos, culturais e espirituais com a gente e o povo de sua cidade. Nesse sentido, é um socrático, cujo existir, onde estiver, realimenta-se pela visão de sua fé e pelos laços com a família, amigos, conhecidos e o chão de origem. Ele próprio diz: “conheci os picos gelados de Zermat, na Suíça, e as geleiras de Anchorage, no Pólo Ártico; o calor da Galiléia, do Mar Morto, do Saara e das tórridas plantações de cacau na Costa do Marfim; a neve de Kiev, de Leningrado, e dos Montes do Ural, na antiga União Soviética; conheci os templos budistas de Angkor e Phnom-Penh, no Camboja; de Bangkok, na Tailândia, e de Kyoto, no Japão; os lugares santos de Roma e Jerusalém”. Poucos jornalistas no mundo tiveram os contactos de Murilo com líderes e estadistas: Eisenhower, Kennedy, Nixon, Reagan, Carter, Clinton, Charles de Gaulle, Giscard D’Estaing, Mário Soares, Salazar, Caetano, Craveiro Lopes, Thatcher, Elizabeth II, Adenauer, Yitzchak Rabin, Golda Meir, Ben Gurion, Shimon Peres, Albert Sabin, Nasser, Anuar-El-Sadat, Índira Gandhi, Van Thieu, Ho-Chi-Minh, Fidel Castro, Raul Castro, Oswaldo Dorticós, Raul Rôa, Perón, Evita, Frondizi, Alfonsín, Selassîe e Sukarno. O jovem de 17 anos, que foi o orador da solenidade de júbilo pela vitória dos Aliados em 1945, no Teatro

Carlos Gomes, transferiu-se para o Rio no ano seguinte e logo integraria a mais notável geração de jornalistas políticos do país: Carlos Lacerda, Prudente de Morais, Pompeu de Souza, Hélio Fernandes, Joel Silveira, Maurítônio Meira, Oyama Telles, Osório Borba, Heráclio Salles, Fernando Pedreira, Carlos Castelo Branco, Caio Pinheiro, Carlos Chagas e Villas-Bôas Corrêa. Carreira profissional que se iniciou aqui em Natal, no Diário de Natal com Djalma Maranhão, na Ordem, com Otto Guerra, Ulisses de Góis e Nazareno Aguiar, na República, com Waldemar Araújo, Rivaldo Pinheiro, Aderbal de França e o mestre Cascudo, na Rádio Educadora de Natal – REN, com Carlos Lamas, Carlos Farache e Genar Wanderley, e na Rádio Poty com Edílson Varela e Ferreira Filho. Murilo Melo, desde 1946, é testemunha, como jornalista, de todos os acontecimentos políticos do Brasil. Dos vinte personagens por ele biografados em seu livro “Tempo Diferente”, apenas com Getúlio Vargas não teve relações de estreita amizade pessoal. Nesse livro, e em “Políticos ao Entardecer”, uma coletânea de biografias de ex-presidentes e políticos de âmbito nacional, organizada por Ney Figueiredo, Murilo resgata a vida, o exemplo e o papel histórico do nosso conterrâneo João Café Filho, o único a ocupar a Presidência da República. Não importam suas contradições humanas e ideológicas, mas o seu legado é uma lição para os nossos dias: “Café foi, antes de qualquer coisa, um homem honrado, inatacável em matéria de dinheiro, sobretudo de dinheiro público, bem ao contrário da falta de escrúpulos e da desonestidade que hoje grassam pelo país afora”. Três jornalistas foram solidários a Café Filho em seu ostracismo, prestando-lhe apoio e conforto moral: Murillo Melo Filho, Odylo Costa, filho, e Villas-Bôas Corrêa. Não se pode reconstituir o calvário de perseguições, constrangimentos e violências ao qual submeteram o Presidente Juscelino Kubitschek - juntamente com D. Pedro II nossos maiores estadistas - sem homenagear Adolpho Bloch e Murillo Melo Filho pela solidariedade prestada a ele e à sua família. Naqueles tempos, duros, violentos, intolerantes, absurdos e inimagináveis, Adolpho e Murillo conferiram substância insuperável, vigor, dignidade, dimensão modelar,



ao verdadeiro sentido da amizade e do reconhecimento a um homem que redimensionou o Brasil, ingressando-o, definitivamente, nos caminhos da modernidade. Juscelino, como dizia Afonso Arinos, que lhe fez oposição, é um nome “que vai durar mil anos”. Sua vida está imantada à vida e ao futuro do Brasil.

Da. Norma e Murillo constituíram uma família com três filhos: Nelson, Fátima e Sérgio. Têm três netos. Murillo Melo Filho, em seus oitenta anos, sabe que percorreu seus caminhos e desbravará outros rumos como o herói de Sófocles na Antígona: não veio para partilhar o ódio, mas para distribuir o amor. Seus filhos, netos irmãos, cunhados, sobrinhos, amigos, membros da Academia Brasileira de Letras e desta Academia, colegas de profissão, conterrâneos, desfrutam a dimensão da vida de um homem, que, em tudo o que fez, o que faz e há de fazer, mistura seu corpo e seu espírito. Outorgou-se a missão de iluminar e perpetuar a grandeza do homem. Assim seja.

CLAÚDIO EMERENCIANO é professor e escritor, autor de “A rendição do Tempo” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

PROFESSOR JOÃO WILSON

Manoel Onofre Jr.

Professor, advogado e escritor, João Wilson Mendes Melo (1921-2020) era, antes de tudo, um humanista, um intelectual capaz de incursionar pelos mais diversos campos das ciências humanas e sociais, e das artes.

Em suas atividades ele poderia ter adotado como lema – Liberdade com responsabilidade. Para ele, o homem, o ser humano era a medida de tudo. Sempre sob a ótica cristã de católico praticante.

Professor aposentado, dedicou-se cada vez mais às letras. Sua obra literária compõe-se de 13 livros, nas áreas do ensaio, crônica, e da poesia, quase todos publicados nas últimas décadas, afora diversas plaquetes sobre assuntos de sua seara.

Em 1 de junho de 1983 foi eleito para a cadeira nº 25 da Academia Norte-rio-grandense de Letras, sucedendo ao acadêmico Meira Pires.

Seu livro mais conhecido “Introdução ao Estudo da História” (1982) - constitui-se, no dizer do Prof. José Rafael de Menezes, escritor e docente da Universidade Federal de Pernambuco, “num dos melhores livros sobre a Ciência Histórica, de raro aprofundamento em nossas Universidades e de raríssima oportunidade bibliográfica”.

Trabalho para-didático, fruto de atividades no magistério superior, não se destina apenas a estudantes e professores, mas também, a todos quantos se interessam pelo estudo da História. É leitura agradável, como trabalhos outros do autor, nos domínios da Literatura e da Memorialística.

No entanto, sem demérito para com o escritor, é o professor que se destaca, de modo especial.



João Wilson Mendes Melo consagrou a maior parte de sua longa vida ao magistério. Começou sua vitoriosa carreira como professor do ensino médio, registrado no Ministério da Educação e Cultura, até 1950. Foi, depois, professor-fundador de três estabelecimentos de ensino superior, em Natal: Escola de Serviço Social, Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras e Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais.

Na Escola de Serviço Social lecionou Direito Usual e Economia Social. Foi ele quem ministrou o primeiro curso de Desenvolvimento Econômico no Rio Grande do Norte (1960), sendo o responsável pela introdução da matéria Desenvolvimento Econômico no currículo da mesma escola.

Primeiro professor de História da Antiguidade e da Idade Média, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal, foi Vice Diretor desta. Não menos importante sua atuação na Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais de Natal, da qual foi professor de Economia Política (também, o primeiro) e Direito. Nos primeiros anos de sua gestão promoveu a agregação da Faculdade à Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Fundou o Centro de Pesquisas e Treinamento da Faculdade de Ciências Econômicas, instituição de personalidade jurídica própria, responsável pela realização de cursos de extensão universitária e aperfeiçoamento em Economia de Empresa e pela realização de pesquisas básicas para o desenvolvimento do Estado.

Na UFRN, Prof. João Wilson integrou o Conselho Universitário, e foi Pró-Reitor de Assuntos Estudantis, entre outras funções.

Ainda na trajetória do educador, outros cargos, cuja enumeração se tornaria fastidiosa, neste simples artigo.

Por último, João Wilson lecionou Filosofia da História e Introdução ao Estudo da História no Instituto de Ciências Humanas da UFRN, posteriormente, Departamento de História da UFRN.

Resta dizer, completando o seu itinerário profissional, que era bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito de Alagoas (1950), e como tal, exerceu a advocacia, por algum tempo, em Natal.

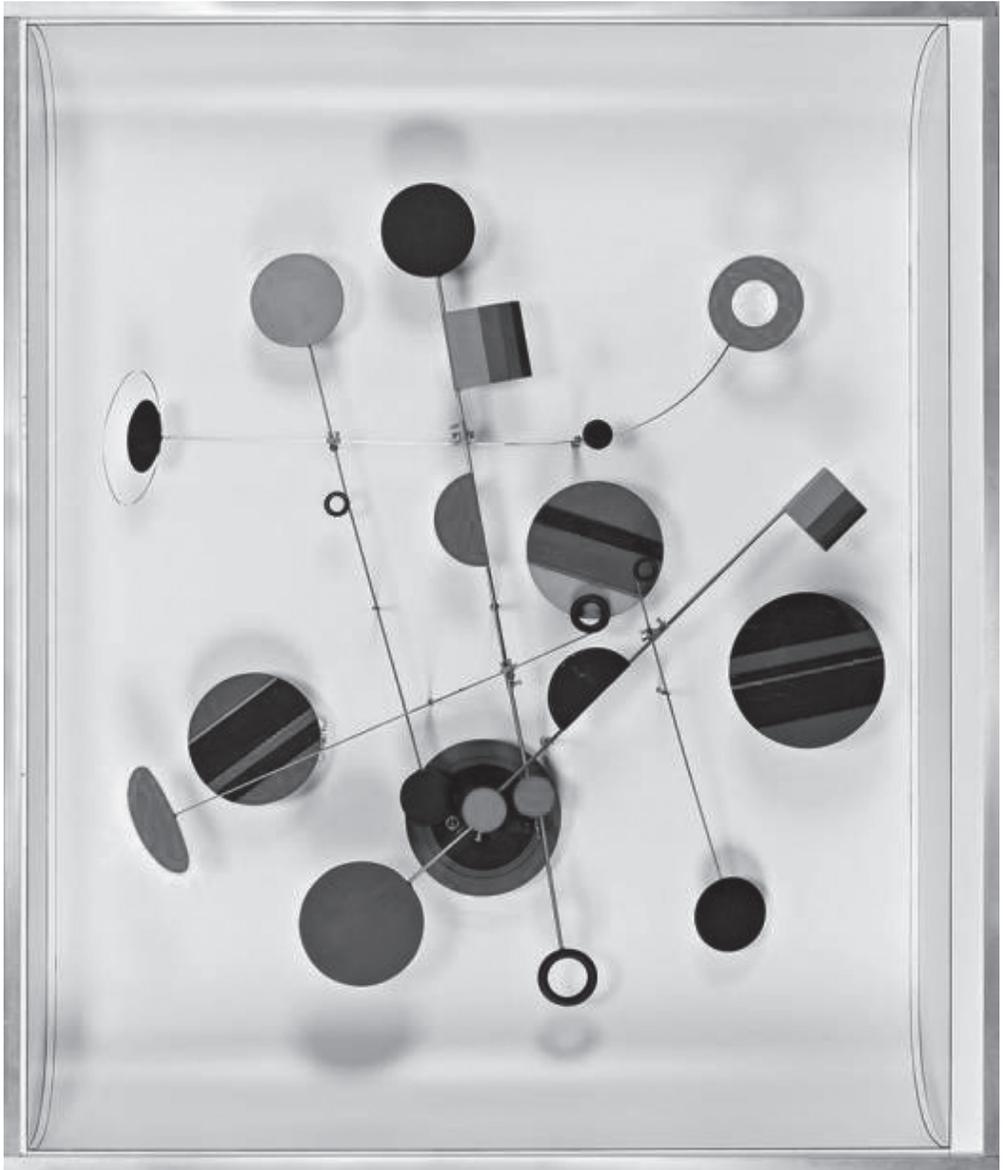
Nascido em Mossoró, a 3 de junho de 1921, foi morar, ainda jovem, na capital do Estado, onde casou-se anos depois, com D. Maria Augusta Cunha Melo, que lhe deu cinco filhos: José Maria, João Augusto, Cândida Maria, Cristina Maria e Carlos Henrique.

Nos últimos anos, desfrutando as benesses da aposentadoria, leu e escreveu até onde lhe permitiu a idade avançada. Era o tipo do gentleman: sempre bem composto, cortês, discreto, nunca o vi altear a voz. Um palavrão em sua boca seria algo inconcebível.

Morreu em Natal, no dia 18 de maio de 2020. No próximo ano completaria um século de existência.

MANOEL ONOFRE JR. é desembargador aposentado e escritor. Autor de “Chão dos Simples”, “O Caçador de Jandaíras”, “Ficcionistas Potiguares” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais.





Abraham Palatnik

A ARTE CINÉTICA E CINECROMÁTICA DO NATALENSE ABRAHAM PALATNIK

Alfredo Neves

A pintura tem uma dupla vantagem sobre a linguagem das palavras. Em primeiro lugar, ela evoca os objetos com mais força, tornando-os mais próximos. Em segundo, ela abre plenamente as portas para a dança interna do espírito do pintor. Essas duas propriedades da pintura fazem dela um instrumento maravilhoso para provocar o pensamento – ou se os senhores preferirem, a clarividência.

(Jean Dubuffet)

Abraham Palatnik nasceu em Natal em 1928, o seu pai Tuvya Palatnik e a mãe Olga Palatnik são da Staraya Ushitsa, na Ucrânia. Quando concluía este artigo, já no sábado, 02 de maio de 2020, recebi do amigo Ivam Pinheiro a triste notícia de que o mestre Palatnik estava em estado grave, acometido que foi, pelo Covid-19, numa clínica do Rio de Janeiro. Fui pego de surpresa, e espero receber notícias da sua plena recuperação o mais rápido possível e conseqüentemente o seu rápido retorno para o nosso convívio social assim que passar essa pandemia do Coronavírus.

Segundo Simonita Palatnik Cohen, por várias gerações, a família Palatnik viveu em Staraya Ushita trabalhando como caseiros de propriedades pertencentes a príncipes. Em 1911, o governo russo publicou um decreto ordenando que todos os judeus deixassem a região ou fossem deportados para a Sibéria. David Palatnik optou por mudar-se para Zion com toda a sua família. [...] Os recursos, porém, eram muito escassos, o que obrigou os quatro filhos a emigrar para o Brasil; e ali trabalhar para obter o susten-



to da família. [...] E todos eles fixaram-se em Natal, RN. Foram os primeiros judeus a viver na cidade. Naquele tempo, Natal era conhecida como a “Jerusalém do Brasil”. [...] Em Natal, eles estabeleceram várias empresas, tais como todo tipo de manufatura de móveis de escritório, ladrilhos e lajotas para casas e ruas, a usina de açúcar Utinga, cerâmicas, construção de casas, fazendas com variados tipos de cultivo etc. A partir de 1932, começaram a deixar a cidade. Tuvia estabeleceu-se em Israel e os outros três irmãos mudaram para o Rio de Janeiro. (Fabiana Werneck Barcinski, 2004, Abraham Palatnik, p. 95).

Durante a II Grande Guerra Mundial Palatnik instala o seu primeiro ateliê de pintura e escultura e também estuda história, desenho e filosofia. Ao mesmo tempo consegue realizar um curso de quatro anos em Tel-Aviv, que na época pertencia à Palestina, trabalhando com máquinas, motores a explosão, carburadores e outros instrumentos eletromecânicos, permitindo ao artista o conhecimento necessário para revolucionar o modo de como veríamos a arte aqui no Brasil. No começo da sua carreira o estilo artístico escolhido por Abraham Palatnik foi o figurativismo ou arte figurativa, apesar de que, com o espanto depois da visita que ele fez ao Hospital Psiquiátrico, que detalharei mais adiante, ele passou um tempo pintando abstrato com base na técnica construtiva. O figurativismo permite ao artista se inspirar nas coisas dadas pela natureza, o seu ato de produzir é influenciado pelo meio externo, elementos tais como mesas, copos, jarros, vegetações, animais, o corpo humano, natureza morta, etc.

Morando em Tel-Aviv, onde ficou até os anos 40, Palatnik retorna ao Brasil em 1948, residindo a partir daí na cidade do Rio de Janeiro.

A citação no introito do texto de Jean Dubuffet (1901 – 1985), sobre a pintura, vai diametralmente se opor ao princípio que será adotado por Abraham Palatnik, apesar do despertar da sua clarividência que o permitiu antever um novo estilo para o mundo

das artes, mesmo estando no seu subconsciente, quando mudou do figurativo para a arte cinética. A frase, talvez, que melhor se adequa ao que ele protagonizará e será pioneiro com a sua arte inovadora e vanguardista é a de Jackson Pollock (1912 – 1956): “O pintor moderno não pode expressar seu tempo [...] nas velhas formas [...] do passado. Cada época encontra sua própria técnica”. E é isto, o artista trará para nós uma nova experiência no que se refere ao ato tão conhecido e milenar de colocar um painel de tecido, compensado, ou papelão no cavalete e fazer a pintura fluir, adotando o estilo que iremos abraçar. A arte, agora, aquela que conhecemos, não desaparece e nem sucumbirá jamais, mas terá que conviver com um novo estilo chamado de engenharia dos movimentos e das cores aperfeiçoados por Abraham Palatnik.

Inusitadamente, quando Palatnik realiza uma visita ao Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro (Bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro), para conhecer as pinturas dos pacientes da dra. Nise da Silveira (1905 – 1999), ele fica maravilhado diante de tão expressivos trabalhos que o faz mudar radicalmente tanto a arte que ele praticava. “Por mais que se sentisse confortável com seu conhecimento de pintura e arte, o que viu no ateliê do hospital foi arrebatador. ‘Meu castelo ruiu, fiquei absolutamente desestruturado’. Decidiu abandonar a pintura naquele momento, porque o que vinha fazendo ‘era bem feito, mas de estímulos, era simplesmente representação. A gente vai reconhecendo as coisas, mas não criando’. E passou a frequentar todos os sábados o ateliê do Engenho de Dentro.” (Fabiana Werneck Barcinski, 2004, Abraham Palatnik, p. 98). Isto muda radicalmente a vida de Abraham Palatnik. Apresentado ao crítico de arte Mário Pedrosa (1900 – 1981), que já conhecia o trabalho dos pacientes do Engenho de Dentro, e vendo os seus conflitos a partir da sua experiência com os artistas do hospital, Pedrosa o incentiva a abandonar os pincéis e o figurativismo e a testar outros “aspectos da forma”. Em 1949 Palatnik começa os seus trabalhos no campo da luz e do movimento. A arte, aquela que conhecemos estática, parada, com a admiração



que lhe é atribuída de acordo com o estilo abraçado pelo pintor, passa, então, nas mãos de Abraham Palatnik a ter movimentos e cores surpreendentes, originando o que ele denominou de Aparelho Cinecromático. É bem verdade que a arte abstrata andou por tantos caminhos que poderíamos atribuir, por exemplo, estudos e a prática do uso da luz na arte desde o Raionismo (1912), movimento criado por Natália Goncharova (1881 – 1962) e Mikhail Larionov (1881 – 1964), na Rússia, e que já utilizavam em suas pinturas feixes de luz associados a prismas e outros fenômenos luminescentes, no entanto, nada superou a estética leve e ao mesmo tempo arrojada de Abraham Palatnik.

“Sua estreia no circuito de arte não poderia ser mais apropriada: seu primeiro Aparelho Cinecromático é incluído, à revelia, na I Bienal de São Paulo, em 1951. A inclusão só foi feita depois de constatada a ausência da representação do Japão e com a condição explícita de não participar da premiação, já que não se adequava às categorias tradicionais – pintura, desenho, escultura. A insistência de Mário Pedrosa para que o aparelho de Palatnik participasse da mostra deve ser sublinhada. O seu apoio e aval foram determinantes, uma vez que aquela máquina de luzes e cores não se parecia com uma obra de arte. Mesmo inadequado, e talvez por isso mesmo, entrou para a história como pioneiro da arte cinética e da sua convergência com a tecnologia”. (Luiz Camilo Osorio, 2004, Abraham Palatnik, p. 49).

Em 1964, como evolução dos cinecromáticos, Palatnik cria os seus Objetos Cinéticos. O Aparelho Cinecromático é construído utilizando madeira, metal, tecido sintético, fios elétricos, cilindros, lâmpadas e motor. Pode se utilizar ainda cristais, e com o movimento das telas coloridas se tem o efeito esperado e contemplado pelos observadores diante da arte criada pelo artista. Já os Objetos Cinéticos rompem com a estática da arte, parecidos com os cinecromáticos, mas com aspectos tridimensionais, os recursos utilizados são variados e vão desde tinta industrial, madeira, metal, motor sobre tela, fórmica, tinta acrílica, a óleo, cabo de veloci-

metro, circuitos elétricos, etc. propiciando aos observadores um fenômeno chamado na física de ação das forças na mudança de movimento dos corpos, ou em outras palavras, a cinética.

Apesar do pioneirismo de Abraham Palatnik, há alguns artistas que também tiveram as suas artes cinéticas reconhecidas e premiadas, e foram vistas por centenas de pessoas no mundo das artes e fora dele, a citar: Jean Tinguely (1925 – 1991), com o seu *La Bascule VII*, de 1967 e o *Tripé Metamecânico*, de 1954; Yaacov Agam (1928 -), com a sua arte *Salão Agam*, de 1972; Julio Le Parc (1928 -), com o cinecromático *MóBILE contínuo e Luz Contínua*, de 1963 e Hélio Oiticica (1937 – 1980), natural do Rio de Janeiro, com a sua cinética e tridimensional *Grande Núcleo* de 1960-66. Não poderia deixar de citar as obras de Palatnik, produzidas como numa linha de produção, ele as nominava como *Objetos Cinéticos e Cinecromáticos*, datando-os e enumerando os recursos utilizados, tais como: *Objeto Cinético K-6*, 1966-2002, *Objeto Cinético*, 1990-92, *Objeto Cinético*, 1968-2000, *Objeto Cinético C-4*, 1968-2001, *Energia e Mundo*, 2002, dentre outros, e os cinecromáticos: *Sequência com Intervalos*, 1954, *Aparelho Cinecromático*, 1955, com sequência de visual de sete imagens, *Aparelho Cinecromático*, 1969/1986 e tantos outros que abrihantaram diversas exposições em museus pelo mundo afora.

Finalizo dizendo que Abraham Palatnik pelo seu pioneirismo e reconhecimento internacional, é um artista que os potiguares e brasileiros de modo geral precisam propagar, estudar e, se artista for, ou não, e tiver interesse, adotar o seu estilo artístico dos objetos cinéticos e cinecromáticos. Afinal, trata-se de uma manifestação modernista e que vai além do nosso tempo, afinal, é um movimento, no sentido absoluto tanto do termo aplicado a arte, como da aplicação da física na estética da criação, de uma fantástica e admirada engenhosidade do homem que se insere com brilhantismo na lista de grandes gênios que compõem a nossa bela História da Arte.



Fonte de Pesquisa:

OSORIO, Luiz Camilo – Abraham Palatnik – São Paulo, Cosac Naif, 2004

Arte: artistas, obras, detalhes, temas: 1945-1960 / [Dorling Kindersley]. – São Paulo: Publifolha, 2012, p.80

ALFREDO NEVES é poeta, artista plástico, e sociólogo. Macauense radicado em Natal, é autor de diversos livros, dentre eles “A Marcha do Homem”, “20 Sonetos Impuros e outros Poemas”.

FRANCISCO IVAN:

POESIA À RISCA

Armando Prazeres

Cada rouxinol é todos os rouxinóis; sua imortalidade e a imortalidade de seu canto estão garantidas pela imortalidade da espécie.

Emir R. Monegal

Pela primeira vez, em nossas e em (e com) todas as letras, sentam-se à mesma mesa o poeta baiano Gregório de Matos (*Boca do Inferno*) e o poeta peruano Juan del Valle y Caviedes (*Diente del Parnaso*), dois pássaros do século XVII cujos cantos ainda hoje desafiam o choro dos contentes, para ludibrincarmos com a epígrafe borgeana de Monegal. *Dente e Boca de uma América Barroca*, foi assim que intitulei o texto que figura na orelha do livro de Francisco Ivan, *Do Barroco: Um ensaio, dois poetas: Caviedes e Gregório de Matos*, lançado pela Editora Sebo Vermelho em dezembro de 2019. Ali, convidei o leitor a aventurar-se numa copiosa escritura de 330 páginas - de puro papel, diga-se -, tátil ao olho. Mas, aqui, nestas breves notas, solicitarei sua companhia para uma leitura de puro ouro, pois volátil ao espírito.

Um banquete barroco foi posto por Ivan, isento de impostos à clausura historicizante que insiste em separar em redomas os assentos dos comensais do festim literário universal. Os tributos, aqui bem pagos, são repassados à criação de uma empresa poética permeável, porosa à harmonia dos distantes, por isso mesmo não menos política e ética, a começar pelo oferecimento do livro a Haroldo de Campos, a quem Ivan agradece “pela sugestão do tema”. Para usarmos uma palavra da moda: gratidão. Ana Hatherly, poeta e pesquisadora do Barroco, que similarmente nutria-se desse princípio da *discordia concors*, assevera que



Nenhum poeta (ou artista) nasce no vácuo – cada grande figura que surge tem sempre por detrás numerosas outras sobre as quais se ergue, quer sejam suas contemporâneas ou antecessoras, quer sejam deliberadamente escolhidas como modelo, quer não. Isto é: há sempre uma herança, um suporte, seja ele conscientemente assumido ou não (HATHERLY, 1995, p. 175).

No templo do século XVII, tempo de todos os séculos, o lúdico medita e reelabora nossa sensibilidade artística, experienciamos o “culto do jogo – jogo de conceitos, jogo de formas – mas sobretudo pelo prazer do jogo, do jogo encenado, representado” (HATHERLY, 1995, p. 43). A escritura de Ivan joga com o leitor, um jogo óptico de vagalumes num tabuleiro negro de xadrez. Lances de relações insuspeitadas estão em gozo, provando o leitor uma estimulante energia pelo desconhecido. No *Século de Ouro*, áurea casa de Góngora, *El Príncipe de las Tinieblas*, espaço das “núpcias dos contrários”, para não esquecermos de Octavio Paz, as certezas tendem à dissipação e o enigma passa a reger o percurso labiríntico de múltiplas leituras que configura o imaginário estético de então.

Peregrinando por misteriosa floresta de lianas e raízes aéreas, Ivan nos conduz, à maneira de um Caronte sem paga, à outra margem do arco-íris: o riso. Cheio de graça, num barco de voluta linguagem, voa-nos às asas dos Andes para planarmos sobre o esplendor metafórico de Caviedes: “*Salve Regina Mater,/ de Dios trono admirable,/ en quien misericordia/ los rayos celestiales/ brillan propicios, lucen afables*”. E, num gracejo, mergulha-nos na Bahia de todos os santos e demônios de Gregório para o calafrio paródico, “a paródia desnuda”: “Discreta, e formosíssima Maria,/

Enquanto estamos vendo a qualquer hora/ Em tuas faces a rosada Aurora,/ Em teus olhos, e boca o Sol, e o dia”.

“À medida em que mergulhamos na leitura de um texto que se escreve através do procedimento da paródia cada vez mais nos afundamos em sua consciência crítica”, alerta-nos Ivan (2019, p. 151), deixando claro que o eixo paródico, numa acepção mais ampla, será um das balizas de seu estudo sobre os dois poetas.

É profunda e revolta, portanto, a travessia textual que Ivan propõe. Nunca estamos ancorados, o Barroco nos desanca a cada virada de página, descamba-nos à vã tentativa de fechar o discurso, pois “quando se vive sob a espécie da viagem o que importa não é a viagem mas o começo da”, orienta-nos Haroldo na proa de suas “milumapáginas” em torno da escritura (2004, p. 13). São múltiplos os desafios da leitura engendrada por Ivan, ele mesmo um insaciável leitor à procura de desvios que o façam renovar os sentidos. Ao final da viagem, a vertigem de que tudo acabou de começar, de que o fim é o início de uma longa jornada em que o leitor, tatuado de Barroco, mimetizou-se em leitura para futuros leitores.

As escrituras de Caviedes e Gregório não alisam a face. Ventam violentamente na cara da hipocrisia do conservadorismo reinante, transepocalmente. Insurgentes, na casca e no miolo, suas palavras, guardadas as vicissitudes de seus contextos, insufflam, sem temor às reprimendas (que não foram poucas, até hoje), apimentado gás nos olhos da injustiça e do falso moralismo, acachapantes na Bahia e no Peru do *Seiscentos*, mas não só:

Não podemos colar nem prender os nomes de Gregório de Matos e Caviedes apenas à realidade colonial do Brasil ou do Peru seiscentista; a poesia que escreveram tem ligação com uma tradição mais vasta e permanente/constante que chega à nossa época: é o *Barroco* que che-



ga e toma assento à nossa mesa de debates antropofágicos e faz sua análise (IVAN, 2019, p. 150).

A linguagem de Gregório e Caviedes, moldada à base de torções sintáticas desconcertantes, como convém ao Barroco, deu e dá(rá) trabalho à *intelligentsia* que, para dar conta de uma exegese algo passadista, insiste em fatiá-la em etiquetas reducionistas que em nada fazem avançar à sua iluminação. A Ivan não interessa a “tabela periódica” de gêneros e categorias que subdivide a obra de Gregório em satírica, sacra e lírica, por exemplo. Fixando sua busca na força imaginativa da plasticidade gregórica, dilatante artéria de ligação com a obra de Caviedes, Ivan borra essa convenção historicamente renitente e borrifá no panorama literário o estranho odor da invenção. Mas como um pesquisador não pode abolir nenhum elo da cadeia do pensamento, poderia traduzir a verve do poeta baiano como de natureza *sacrilírica*, isto é, não há amor sem humor de Deus.

Na contramão desse empenho ingênuo de arrumar apenas a porta da frente, Ivan aninha os dois poetas pela porta dos fundos. Sob o calor proliferante da poesia, Ivan impele-nos ao gesto artístico transgressor, esto que, em qualquer tempo e lugar, faz dissolver o mundo regelado às tintas do novo, do ovo do novo, como diria Augusto, o outro irmão Campos a quem Ivan, com o ouvido colado ao caracol da cultura, ouve para desimpregnar a rotulagem inócua presa a essas duas mentalidades sincronicamente inventivas. De tão dialogais suas escrituras, na matéria escolhida e na fatura incisiva, poderíamos, provando-nos do próprio veneno do clichê impresso pelos carimbos catequizantes, reepitotá-los de o *Diente del Inferno* e o *Boca do Parnaso*, embora, a nós e a Ivan, dado o deslizar constante de sua signagem textual, nenhum selo de garantia seja sinônimo de teste de qualidade. Para Ivan, as poéticas de Gregório e Caviedes são provenientes de uma “tradição viva que nos chega até hoje resistente porque a palavra poética é antes de

tudo de significativa resistência. Resiste a todas as ideologias, quer agrade quer desagrede” (2019, p. 150).

Tradição de que fazem parte, sem servilidade a castas ou bandeiras, nomes como Don Luis de Góngora, sobre o qual disse Lorca: “o vestido de seu poema não tem tacha” (2000, p. 77); Soror Juana Inés de la Cruz, a monja que preferiu a clausura com livros à va(n)idade dos bons costumes no México do século XVII, para quem Caviedes, atendendo a uma solicitação sua, escreve-lhe um longo e luminoso poema, transcrito e pormenorizadamente analisado por Ivan; João Cabral de Melo Neto, poeta que, segundo Ivan, participa da “família espiritual de Góngora e Quevedo” (2019, p. 188); Oswald de Andrade, outro integrante do iridescente paideuma tecido por Ivan: “O *Manifesto Antropófago* tem essa imagem metafórica de nossas matrizes culturais devoradoras: europeias, africanas e indígenas. Isto é *barroco*”. Além, claro, dos supracitados irmãos Campos, cujos livros *O Sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira: o Caso Gregório de Mattos, de Haroldo, e O Anticrítico*, de Augusto, delinham tanto mais a espiral da pesquisa.

Do Barroco: Um ensaio, dois poetas: Caviedes e Gregório de Mattos, não apenas por este sumário resenhamento, é obra para estudo. A agudeza das analogias e a riqueza documental do livro, donde um polvilhado de poemas pouco acessados até mesmo pelas hostes especializadas, conferem-lhe status de antologia, se tivermos em conta que a obra que mereça este nome, “antologia”, não se traduz em mera seleção de trechos ou poemas de um ou mais autores. É, antes de figura, fundo. Profunda pesquisa em torno do tema, buscas de toda ordem, dias e noites sonhados nas fortunas críticas e materiais bibliográficos da matéria perseguida, idas e vindas no silêncio das bibliotecas, enfim, insondáveis viagens ao mundo dos livros e ao mundo do(s) autor(es). Ivan, de fato, viajou ao Peru para pesquisar obra e vida de Caviedes. À triste Bahia de Gregório, Ivan se transporta às primeiras notas de Caetano. Por tudo isso, o livro de Francisco Ivan, sem pretender ser, é, por que



o “homem que diz sou, não é”, cantou, e é, Vinícius. E, em que mãos por ventura esse livro venha a cair, erguer-se-ão demãos de áurea poesia, rica ao espírito.

Referências

CAMPOS, Haroldo de. *Galáxias*. São Paulo: Editora 34, 2004.

HATHERLY, Ana. *A casa das musas: uma releitura crítica da tradição*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

IVAN, Francisco. *Do Barroco: um ensaio, dois poetas: Caviedes e Gregório de Matos*. Natal: Sebo Vermelho, 2019.

LORCA, Federico García. *Conferências*. Sel., trad. e notas Marcus Mota. Brasília: Editora Universidade de Brasília/São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

MONEGAL, Emir R. *Borges: uma poética da leitura*. Trad. Irlemar Chiampi. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ARMANDO PRAZERES é professor, doutor em Literatura Comparada pela UFRN, e escritor, autor de “Pau e Pedra: O Seridó Esculpido por Luiza Dantas e Dimas Ferreira”, e outros livros.

OS CAMINHOS DE MYRIAM COELI

Diulinda Garcia

Entre o final do século XIX e início do século XX, surgem paulatinamente diversas vozes que irão compor o que hoje conhecemos como precursoras da literatura feminina no Rio Grande do Norte.

Podemos destacar, dentre outros, os nomes de Nísia Floresta, com *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*, em 1832, e *Opúsculo Humanitário*, em 1853; em 1900, Auta de Souza publica *Horto*; Palmyra Wanderley lança *Esmeralda*, em 1918, e *Roseira Brava*, em 1929; Isabel Gondim lança *A Lira Singela (Composições Metrificadas)*, em 1933. Chamo a atenção ainda para os nomes de Zila Mamede, com *Rosa de Pedra*, em 1953, e de Myriam Coeli, que publica, em 1961, *Imagem Virtual* (Natal (RN): Imprensa Oficial, 1961)., em parceria com o marido Celso da Silveira. Podemos dizer que, com mais estes nomes, a literatura de linhagem feminina ganha robustez e anuncia caminhos que serão trilhados pelas gerações seguintes de poetas. Esse aspecto pode ser confirmado em obras críticas como *Escritoras do Rio Grande do Norte* (Natal (RN): Bons Costumes/Jovens Escribas, 2013) a antologia organizada por Constância Lima Duarte e Diva Cunha e que reúne os principais nomes da literatura feminina do Rio Grande do Norte das origens aos nossos dias.

Feitas essas considerações preliminares, detenho-me à apreciação da obra poética de Myriam Coeli, considerada como “uma das mais altas expressões da literatura brasileira contemporânea”, nas palavras do escritor Manoel Onofre Jr. (*Revista da ANRL*, n. 58, janeiro-março de 2019). Embora eu não tenha feito aqui uma pesquisa extensa e rigorosa, devido à ausência de acervo disponível em bibliotecas locais, pretendo destacar, acredito ter reunido elementos suficientes para traçar, em linhas gerais, a trajetória de Myriam em suas múltiplas facetas de poeta, jornalista, professora e escritora.



Miriam Coeli nasceu em Manaus (AM), em 19 de novembro de 1926, filha de José Silvino de Araújo e Maria Ester de Araújo. Aos três anos perdeu o pai e veio com a mãe para São José de Mipibu, Rio Grande do Norte. Mais tarde, se mudaram para a capital potiguar. Com isso, Myriam pôde frequentar o prestigioso colégio estadual Atheneu Norte-Rio-Grandense, e, anos depois, a Faculdade de Filosofia do Recife, onde fez bacharelado (1949) e licenciatura (1950) em Letras Neolatinas.

Como bolsista do Instituto de Cultura Hispânica, formou-se em jornalismo pela Escuela Del Periodismo de Madrid, Espanha (1954). É importante aqui registrar que Myriam Coeli foi membro honorário do grupo americano de intelectuais filiados à UNESCO; Dama do Laço Azul e Celeste da Ordem Imperial de Santa Helena de Madrid-(Espanha), e Membro de Honra da Associazione Internazionale per la Comprensione Linguistica de Moral e Popoli, da Itália.

Retornando a Natal, onde fixou-se definitivamente, passou a exercer as profissões para as quais havia se habilitado, dividindo-se entre o jornalismo, o magistério e as letras.

Atuou em jornais e revistas da capital potiguar, tendo escrito mais de mil artigos entre crônicas e reportagens. Seus primeiros trabalhos apareceram nas páginas do *Diário de Natal*, de 1952 a 1954. Entre 1955 e 1965 contribuiu longamente para as páginas culturais da *Tribuna do Norte*. Por fim, marcou presença nas páginas do jornal *A República*, no período de 1956 a 1958. Ali conheceu Celso de Araújo Dantas da Silveira, seu colega de redação, com quem se casou em 1958. Tiveram dois filhos, Eli Celso de Araújo Dantas da Silveira (professor e poeta), e Cristina Coeli de Araújo Silveira (jornalista).

Paralelamente às atividades jornalísticas, Myriam Coeli trabalhou no Atheneu Norte-Rio-Grandense de 1954 a 1980, como professora de Língua Latina, Língua Portuguesa e Literatura. Em 1959 ensinou Língua Francesa no Ginásio Municipal de Natal. Em

1962 foi técnica de Educação no Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte. Exerceu atividades profissionais na Faculdade de Filosofia, Letras e Artes de Natal, lecionando História da Língua Portuguesa em 1966. Nesse mesmo ano, ensinou História da Imprensa, Língua e Literatura Portuguesa na Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza. Por fim, lecionou na Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (atual IFRN), no período de 1965 a 1974, onde se aposentou por motivos relacionados a irreversíveis problemas de saúde.

Após uma lacuna de quase vinte anos desde a publicação de *Imagem Virtual*, Myriam Coeli publicou em 1980, pela Editora da UFRN, *Vivência Sobre Vivência*, livro onde faz uso de metáforas e trechos imagéticos de grande impacto literário. Nesse mesmo ano venceu o prêmio literário Othoniel Menezes, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Natal, com *Cantigas de Amigo* (Natal (RN): Clima, 1981). Nesse terceiro livro, a poetisa se volta às antigas canções trovadorescas e empreende uma releitura da poesia medieval, explorando características como a musicalidade dos versos ritmados, o eu lírico feminino e o sentimento de saudade.

Estudos e pesquisas realizados pela acadêmica Diva Sueli Tavares para a sua dissertação de mestrado, permitiu à autora concluir que Myriam Coeli, ao buscar inspiração no trovadorismo medieval, injetou em sua própria escrita sentimentos que atravessam os séculos sem perderem seu encanto, como as cantigas de amigo, galantes e românticas, o que lhes confere uma atualidade perene. Observa ainda que, ao retomar um modelo poético antigo como as cantigas de amigo para falar das angústias da mulher contemporânea, Myriam Coeli quis mostrar que apesar das transformações do tempo, “continuamos presas à necessidade de um grande amor”.

Em 1982 Myriam Coeli lançou *Inventário* (Rio de Janeiro: Achiamé, 1982), premiado no Concurso Auta de Souza promovido pela Fundação José Augusto. Consta que todos os poemas dessa obra foram dedicados a amigos, familiares e pessoas a quem ela



admirava, como se compusessem um inventário poético-afetivo. Em 1992 a natalense Boágoa Editora lançou, em edição póstuma, o livro que Myriam denominara de *Da Boca do Lixo à Construção Servil - O Livro do Povo*, no qual o insólito vira poesia na “Cantiga dos catadores de lixo de Cidade Nova”.

Vinte e seis anos depois, Eli Celso e Cristina Coeli editaram a obra reunida de Myriam Coeli, acompanhada de fortuna crítica, sob o título geral de *Branco & Nanquim* (Natal: Sol Negro Edições, 2018). Trata-se de um “livro de arte”, aliás, uma marca da editora Sol Negro e uma preocupação dos seus organizadores, tal o esmero com que foi editado, fazendo justiça ao talento e à sensibilidade da grande poetisa. Além de reunir os quatro livros de poemas de Myriam Coeli, *Branco & Nanquim* oferece aos leitores de hoje inúmeras indicações críticas na visão de alguns dos principais estudiosos de Myriam Coeli, como Franklin Jorge, Dorian Jorge Freire, José Wilson Pereira de Azevedo, Eli Celso de Araújo e Humberto Hermenegildo de Araújo.

Poemas inéditos de Myriam Coeli encontraram o espaço adequado para falar ao leitor contemporâneo em *Branco & Nanquim*. No que concerne aos escritos em prosa que Myriam deixou em grande monta, inéditos em livro e coletados pelo pesquisador João Antônio Bezerra Neto, farão parte de um outro projeto de pesquisa, tratando especificamente desses escritos, como as crônicas publicadas em jornais locais, segundo adiantou Eli Celso de Araújo Dantas da Silveira, em entrevista à *Tribuna do Norte*, em 8 de fevereiro de 2019.

Com atuação marcante como poeta, jornalista e professora, em plena década de 1950 e na seguinte, quando a mulher potiguar dava novos passos rumo à sua emancipação nos mais diversos campos profissionais e na vida social, Myriam Coeli foi a primeira mulher no Rio Grande do Norte a obter diploma de jornalismo no exterior e a cumprir jornada de trabalho em redação de jornal. Volto aqui aos tempos da efervescência cultural do pós-modernismo, a chamada geração 45, na qual brilhou a estrela do poeta João Cabral de Melo Neto. Nesse contexto, um grupo de intelectuais

potiguaras destaca-se em Natal, entre os quais Myriam Coeli, Dorian Gray, Newton Navarro, Sanderson Negreiros e Luís Carlos Guimarães, todos criando sob a influência da poesia de João Cabral, segundo a escritora e pesquisadora Diva Cunha.

Para coligir esse breve perfil da mulher, poeta e escritora Myriam Coeli, recorri a trabalhos publicados por pesquisadores, escritores, estudiosos e à própria imprensa local. A todos deixo aqui registrado meu agradecimento. Neles(as) encontrei o estímulo para escrever esta breve apreciação da poesia de Myriam Coeli. Espero poder inspirar outros leitores a fazerem o mesmo.

Referências:

CELSON, Eli; COELI, Cristina (Org.): *Branco & Nanquim*. Natal (RN): Sol Negro, 2018.

FLORES, Conceição. *Dicionário de escritores norte-rio-grandenses: de Nísia Floresta à Contemporaneidade*. Natal (RN): Apec, 2014.

DUARTE, Constância Lima; CUNHA, Diva. *Escritoras do Rio Grande do Norte*. 2.ed. Natal (RN): Bons Costumes, 2013.

GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal, (RN): Argos, 2101.

TAVARES, Diva Sueli. *Cantigas de ontem e de hoje: um estudo comparativo entre as cantigas de amigo de Myriam Coeli e as cantigas medievais de D. Dinis*. Dissertação de Mestrado. UFRN, 1999.

DUARTE, Constância Lima. *Mulher e Literatura no Rio Grande do Norte*. Natal, (RN): 1994.

COELI, Myriam. *Cantigas de Amigo*. Natal (RN), Clima, 1981.
Silveira, Celso da. (Org.): *Ave, Myriam*. Natal (RN): Universitária/ Clima, 1984.

TRIBUNA DO NORTE, 02/08/2019.

AGORARN, 2019.

DIULINDA GARCIA é poeta e escritora, autora de “Entre nós” (poesia), “Derramares” (poesia), “Sob a luz das lamparinas” (contos), dentre outros livros.



ARTE LITERÁRIA DE DÁCIO GALVÃO

Thiago Gonzaga

Poeta, escritor, ensaísta e animador cultural, Dácio Galvão é figura de relevo em nosso meio cultural. Embora tenha alcançado bastante notoriedade como gestor, nas últimas décadas, distingue-se sobretudo como homem de letras. Filho do escritor, historiador e cronista Hélio Galvão, Dácio nasceu em Natal e aqui se criou e aprendeu a amar a cidade-berço, embora mantenha fortes laços com Tibau do Sul, terra do seu pai, da qual nunca se afastou. Formado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em meados dos anos 80, depois tornou-se Mestre em Literatura Comparada, fazendo uma leitura do poema-processo; mais tarde, em sua tese de Doutorado, revelou *O poeta Câmara Cascudo: um livro no inferno da biblioteca*.

Dácio Galvão foi Diretor do Departamento de Promoções e Eventos Culturais da Fundação José Augusto, coordenou o Centro de Documentação Cultural “Eloy de Souza”, e foi diretor artístico do Projeto “Nação Potiguar”. É presidente da Fundação Cultural Hélio Galvão, e exerceu durante anos a presidência da Fundação Capitania das Artes (Funcarte); recentemente, passou a ser Secretário Municipal de Cultura.

Em 2009, Dácio Galvão lançou o Cd *Poemúsicas*, fruto de um trabalho de mais de uma década em pesquisas e composições. *Poemúsicas* contém instantes de experimento e de provocação linguística. As composições enfeixadas no disco são da parceria com vários artistas potiguares, dentre os quais, Carlos Zens, Babal e Jubileu Filho, e tiveram participação de grandes nomes da MPB.

Algumas das poemúsicas presentes no CD foram lançadas anteriormente em outros discos pelo Projeto Nação Potiguar – “Poemúsica” (2005), “Toques e Cantares” (2004). Recente-

mente ele lançou o volume 2, com a participação de diversos artistas nacionais.

Dácio Galvão também organizou a seleção literária da obra “Coco Zambê”, de Candinha Bezerra e produziu “O Canto do Seridó” de Elino Julião. Está incluído na antologia poética organizada por Jota Medeiros, *Geração Alternativa*, publicada em 1997, coletânea que destaca a geração mimeógrafo do Rio Grande do Norte. Em sua gestão à frente da Funcarte, idealizou e lançou, com a colaboração da equipe de jornalismo, a revista cultural *Brouhaha*, cujo título é uma homenagem direta a Câmara Cascudo.

De sua autoria, publicou em 1981, *Blues Repartido* (poema), ainda na década de 80, editou *Criação: uma revista de vanguarda*. Além do livro de poemas *Palavras, Palavras, Palavras*, Dácio publicou o ensaio *Da Poesia ao Poema – leitura do poema-processo*, 2004, mais recentemente publicou *O Poeta Câmara Cascudo – Um Livro no Inferno da Biblioteca* fruto de sua tese de doutorado, orientada pelo escritor e acadêmico Humberto Hermenegildo de Araújo. Dácio Galvão ainda tem no prelo um livro sobre as cartas trocadas por seu pai Hélio Galvão e Oswaldo Lamartine, para ser lançado em breve.

Sobre a sua poesia, observamos que, além de uma característica pós-moderna, Dácio Galvão, explora, em seus versos representação de tradição e memória, como notado em vários poemas seus, afora diversas alusões a figuras e fatos históricos. Percebemos também outros elementos de resgate do passado, como, por exemplo, a invocação aos poetas veteranos, remetendo à tradição poética potiguar.

Compreendemos que a colaboração do autor para as letras potiguares é significativa. Em *Palavras, Palavras, Palavras*, o poeta lança mão de reproduções de pictografias rupestres, com a impressão conjunta de paisagens, animais e gente do sertão, antepondo-as, por vezes, aos temas urbanos, não raro, através de ousados experimentos. *Palavras, Palavras, Palavras*, está repleto de imagens e de símbolos.



Ao longo da obra surgem muitas e inovadoras imagens, em ritmos variados, provando a multiplicidade e sintonia da nossa poesia com a brasileira de modo geral, na atualidade. Para efeito de comparação, por exemplo, veja-se o trabalho poético de Dácio Galvão em paralelo com o modo como outro poeta, Arnaldo Antunes arquiteta as palavras, fazendo experimentos, e buscando incansavelmente renovar a linguagem, na qual, além das figuras de palavras, considera também as figuras de pensamento, as figuras de sintaxe ou de construção e as figuras de som, recursos especiais usados para dar maior ênfase à comunicação. Apesar do seu caráter não-linear e da falta de alguns elementos de coesão para que os versos sejam interligados, fica claro, o propósito do poeta, de assim proceder para transmitir sentido ao seu leitor.

Note-se, por fim, que certas características, de forma mais ou menos acentuada, vão permear o conjunto de sua obra: a poesia como totalidade, na capacidade dialógica com outros textos, outras artes; a utilização de técnicas variadas; a abordagem de temas diversos, algumas vezes agregando um caráter eminentemente metafísico.

Vale ressaltar a influência acentuada da geração do Poema-processo, poesia vanguardista, de caráter experimental, nos versos de Dácio, bem como a aproximação com a geração de poetas vanguardistas - Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Augusto de Campos, José Lino Grünewald, Ronaldo Azeredo e Wladimir Dias-Pino, e a nível local, Moacyr Cirne e Anchieta Fernandes, dentre outros.

THIAGO GONZAGA é escritor. Mestre em Literatura Comparada e Especialista em Literatura do Rio Grande do Norte pela UFRN.

OSWALDO DE SOUZA

Jurandyr Navarro

Conhecido pelo mundo cultural, Oswaldo de Souza foi um pesquisador nato. Natalense, para nosso orgulho, o festejado intelectual herdou, do lado paterno os pendores da inteligência arguta e da parte da genitora, a sensibilidade artística.

Ainda quando jovem, a mãe amorável, ministrou-lhe as iniciantes aulas de piano, solfeando, para sua alma juvenil, as inician-tes notas de uma vocação encantadora.

Em plena juventude, Oswaldo deixa, por largo espaço de tempo, a terra natalense. É atraído pelas luzes da Faculdade de Direito do Recife, cursando, apenas, os três primeiros anos curriculares dos estudos jurídicos e sociais. Abandona a casa de Tobias Barreto e se instala no Rio de Janeiro, então Capital da República e da Cultura brasileira. Na Guanabara, faz o Curso completo de Música, na Escola Nacional.

Formado, inclina-se pela docência, tornando-se Professor de piano, dedicando-se à composição, mormente, ao que concerne ao Canto, propriamente dito, sem descurar-se, todavia, das composições. Algumas já gravadas, inclusive para o Exterior, como “Pingo D’Água”, “Retiradas” e “Querer Bem não é Pecado”, esta última gravada nos Estados Unidos.

“Amanda”, é uma canção de autoria de Oswaldo de Souza, que a cantora Vanja Orico, interpretando-a, obteve sucesso em Moscou.

Foi, Oswaldo, produtor do conhecido Programa “Retrato Musical do Brasil”, na Rádio e TV Record de S. Paulo. Fez-se presente em recitais na Paulicéia e na Guanabara, Salvador, Belo Horizonte, sendo elogiado pela crítica de então.



“Jurupaná” é outra, que Madeleine Grey, a bem sucedida cantora francesa, apresentou na Sala de Concertos do Conservatório de Paris.

O seu *currículum vitae* excede de uma centena de canções, dos mais variados gêneros. Dentre outros, relacionam-se os trabalhos publicados: “O Remeiro do Rio São Francisco”, “Romaria dos Penitentes”, “O Culto dos Mortos”, “Modinha”, etc.

Realizou exposições no Rio de Janeiro, S.Paulo e Natal, de Arte Sacra, exibindo peças representativas do Barroco Brasileiro e de Rendas e Labirinto do Nordeste. Serviram de palco para estas bem sucedidas exposições, o Convento e Igreja dos Jesuítas, do Estado de S.Paulo; o Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro e o Museu do Sobradinho em Natal.

Nas pesquisas folclóricas ele se adentrou na zona litorânea paulista, em Guaratubá, São Sebastião e Ilha Bela; no planalto, em Socorro. Em Itaperecica da Serra, travou conhecimentos com as danças rurais. Também em Diamantina, nas Minas Gerais; em Delmiro Gouveia, nas Alagoas; na Bahia, em Salvador e em todo Médio São Francisco, assim como em Ilhéus e Jeremoabo. No auditório da ABI fez palestra sobre a música popular brasileira.

Além da Música, revela forte atração pela pesquisa de campo. Pesquisa e levanta, em luta infatigável o acervo dos monumentos lendários, casarões vetustos são carinhosamente estudados no abandono de sua solidão. Ruínas que ele considera sagradas.

Passa pela Bahia, no Governo Mangabeira, e aventura-se pelas margens do chamado Rio da Unidade Nacional, num trabalho incansável, trabalho que resultou em três volumes de seu outro livro “Música Folclórica do Médio S. Francisco”, editado pelo Conselho Federal de Educação.

No ano de 1961, retorna Oswaldo de Souza a seu Estado, dessa vez com a incumbência do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), para, em sua terra, promover o

levantamento do acervo histórico e artístico, qual seja, em síntese, a condensação encerrada na obra de novo trabalho cultural.

Numa visão conjuntural ele ilustra: arquitetura profana e sacra; perfil do material iconográfico riograndense; imagens religiosas da Igreja de S. José de Mipibú; outras imagens; oratórios e jazidas arqueológicas.

Compreende, assim, o livro, o fruto de um labor profícuo e de persistência, de tenacidade e de amor à Cultura. Não fora ele, os oratórios estariam dispersos, as inscrições rupestres «não seriam decifradas, os ícones se quedariam mutilados, a arte sacra, enfim, não teria memória, como o primeiro marco colonial estaria submerso pelas águas salgadas do mar. Os monumentos não seriam tombados, nem fotografados; os velhos casarões se transformariam em ruínas esquecidas, sem o consolo de uma recordação. E os históricos monumentos arqueológicos deixariam de ser embalados pelas lendas, como tradição de épocas de esplendor artístico, ausentes das páginas da nossa cultural história.

Sem esta obra, tudo que ela encerra ficaria sepultado pelos escombros do tempo. Seria o desterro do Pensamento estético, entre nós, a morte da Arte e da Cultura de uma época.

Oswaldo Câmara de Souza é um desses intelectuais que fazem, para depois escreverem, a história cultural estadual, nordestina, brasileira.

JURANDYR NAVARRO é escritor, autor de “Páginas de Verão” e outros livros; organizou a Antologia do Padre Monte. Ex-presidente da Fundação José Augusto, ex-presidente do IHGRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



HENRY KOSTER E A NATUREZA DO RIO GRANDE DO NORTE *

Flávio Hildemberg da Silva Gameleira

A qualidade dos escritos e o nível de detalhamento do livro *Travels in Brazil* realmente impressionam. A obra publicada por Henry Koster no ano de 1816, constitui-se em um verdadeiro documento histórico sobre o nordeste brasileiro, com especial relevância para o Estado do Rio Grande do Norte, visto que uma considerável parte da viagem épica empreendida pelo viajante europeu aconteceu em terras potiguares. O livro tem como seus maiores legados as belas e pioneiras demonstrações sobre os aspectos inerentes ao sertão.

De acordo com seu maior tradutor para a língua portuguesa, Luís da Câmara Cascudo, o depoimento de Koster é cronologicamente o primeiro sobre a psicologia e a etnografia tradicional do povo nordestino, pois retrata o sertanejo no seu cenário. Em território potiguar, o jovem viajante protagonizou grandes encontros com personalidades como o Coronel André de Albuquerque Maranhão, os pais da escritora Nísia Floresta, o governador da província e o típico vaqueiro nordestino.

Nas páginas da revista inglesa “The Gentleman’s Magazine” (V. 90, parte 02 - 1820)¹ está a confirmação de que Koster faleceu a 15 de maio de 1820, na cidade do Recife, aos 27 anos de idade. Portanto, teria cerca de dezessete anos quando protagonizou os citados encontros humanos.

No entanto, esta simples homenagem visa lembrar a interação de Henry Koster com os aspectos naturais do RN. As espé-

1 Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=osu.32435054261342&view=1up&seq=204> (Acessado em 14/02/2020)

cies vegetais, as dunas, as serras, as lagoas, os rios, a fauna. Nestes cenários o inglês ouviu rugido de onças, maracás de cobras, brincou com um tatu-bola, presenciou a perseguição dos seus cachorros a uma ema, capturou um veado, reclamou dos mosquitos, foi atacado por carrapatos e por formigas vermelhas. Enfim, interagiu com a natureza.

Reclamou dos efeitos do clima, mas pôde refrescar-se com frutos de mangabeiras e cajueiros, descansar à sombra de pereiros e icós, sentir a brisa do mar de Tibau após a longa travessia pelo sertão central.

No trecho entre Recife e Natal, a pequena comitiva percorreu aproximadamente o trajeto da atual rodovia BR 101, uma região cuja presença da Mata Atlântica era a característica florestal constante. E em sua estadia no Engenho Cunhaú, Koster deixou claras suas impressões sobre extensas plantações de cana-de-açúcar, em substituição à vegetação original:

“As plantações de Cunhaú ocupam 14 léguas ao longo da estrada e foi adquirida outra terra vizinha, igualmente vasta” (Koster 2003, p. 110)

O viajante seguiu para Papary (atual Nísia Floresta). Ao ser recebido pelos pais da recém-nascida Dionísia Gonçalves Pinto, que atualmente dá nome à cidade, pôde descansar e encantar-se com a beleza cênica da região, além de reconhecer a importância daquele vale fértil para a população local:

1. “Papari é situada num vale estreito e profundo, mas de lindo aspecto. É intensamente cultivado. Com efeito, quando vira noutras paragens a terra seca



e queimada, essa região é cheia de verdura, irradiando alegria derredor de si, ciente de sua superioridade.” (Koster 2003, p.114)

Em sequência, Koster descreve a região situada entre São José de Mipibu e Natal como “desabitada” e relata as dificuldades na travessia até a capital. Curiosamente, as formações dunares que atrasavam seu deslocamento, hoje são atrativos para os turistas.

“As dunas mudam sempre de posição e forma. O vento violento levanta as areias em turbilhão, tornando a passagem perigosa para os viajantes. É areia muito fina, branca, e os nossos cavalos nela afundavam as pernas a cada passo. É positivamente desagradável, quando o sol está a pino” (Koster, 2003, p. 118)

Após visitar Natal e atravessar o rio Potengi, Koster segue adiante pelo vale do rio Ceará Mirim, onde registra a sensível mudança no cenário ambiental. A partir de então, haveria a transição para um caminho emoldurado pelo bioma Caatinga.

“O curso do rio só era marcado pela depressão de seu leito e todo solo vizinho era de um areal solto, sem vegetação alguma e em tudo semelhante ao que se encontrava no canal do rio. As árvores tinham, em sua maior parte, perdido inteiramente as folhas. Entrava eu para o sertão e este merecia o nome” (KOSTER, 2003, p.131)

Após longa e penosa travessia pela região central do RN, Koster encontra no vale do Assu um ponto de apoio para recuperação dos animais de carga e reabastecimento de víveres da comitiva. Em seguida, a Lagoa do Piató foi visitada em pleno período de seca, embora ainda proporcionasse fartura àquela região:

“A fertilidade dessas margens é grande, produzindo abundância de milho, arroz, cana de açúcar, melões etc., e vi mesmo alguns pés de algodão plantados nas proximidades” (Koster, 2003, p. 155)

O inglês estava em um processo de imersão em um meio ambiente completamente diferente do seu berço de além-mar. Pernoites ao luar, receio quanto ao ataque de onças e de deserções em sua comitiva, calor intenso. Mesmo diante das dificuldades, o viajante conseguiu expressar o seu alívio ao encontrar o mar de Tibau:

2. *“... deparamos com o monte de areia, chamado Tibau, junto do qual se vê o mar. Escassamente descrevo as sensações que essa visão determinou. Parecia-me estar em casa, com todos os meus hábitos”* (Koster, 2003, p. 164).

A comitiva seguiu para Fortaleza. Na viagem de retorno ao Recife, Koster ainda enfrentou chuvas torrenciais no oeste potiguar, buscou refresco nas melancias do vale do Assu, bebeu água acumulada nos lajedos, sorriu de tranquilidade na sua segunda passagem por Natal:



“Eu me considerava perfeitamente em casa estando em Natal embora estivesse a 70 léguas do Recife, porque esta região é inteiramente arborizada, irrigada e completamente bem povoada” (KOSTER, 2003, p. 222).

Se aquele jovem viajante europeu proporcionou-nos há duzentos anos uma verdadeira homenagem em forma de livro, re-presentá-lo a esta geração é um ato de reconhecimento. Novos encontros podem ser gerados em diversas áreas do conhecimento, tais como política, escravidão, etnografia e meio ambiente, pois o legado de Henry Koster está mais vivo do que nunca.

Referência:

KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil. Tradução, prefácio e comentários de Luís da Câmara Cascudo. 12^a ed. Vol. 1. Rio – São Paulo – Fortaleza. ABC Editora. 2003.

** Artigo em homenagem aos 200 anos do falecimento do viajante/escritor que melhor descreveu o Rio Grande do Norte do início do século XIX.*

FLÁVIO GAMELEIRA é Mestre em desenvolvimento e Meio ambiente (PRODEMA/UFRN) e autor do livro “200 Anos da Viagem de Henry Koster pelo RN”, além de escrever e organizar outros títulos. (fhildemberg@hotmail.com).

VALÉRIO MESQUITA

O AMIGO E O MEMORIALISTA

Valério de Andrade

A amarga afirmação de Cícero sobre a amizade eternizou-se na noite dos tempos: “Amigos são como as andorinhas; estão presente no verão das prosperidades e voam no inverno das aflições”. Fala-se da solidão das grandes cidades. Mas é ilusório acreditar que a Natal de hoje é diferente do Rio de Janeiro. A Natal que conheci deixou de existir. A mudança está presente em tudo, acima de tudo, na conduta e no frio distanciamento emocional das pessoas.

O ENCONTRO OU REENCONTRO - Porém, como ainda observou Cícero: “O amigo certo conhece-se nos momentos incertos”. São raríssimos, mas esse ser, abençoado por Deus, ainda existe. E se formos ajudados pela sorte, nosso caminho se cruzará com ele, talvez porque isso tenha sido determinado pela convivência em vidas passadas.

Eu tive a dádiva divina de encontrar esse ser iluminado pela solidariedade da amizade quando fui jogado no fundo do poço punido pelo desemprego e pela cassação jornalística. Quem me estendeu a mão, quando as outras mãos desapareceram, foi Valério Alfredo Mesquita. Ele se fez – e continua – se fazendo presente, conforme as palavras do Infante D. Henrique: “é na adversidade que, em vez de ser chamado, o amigo deve procurar o amigo necessitado”.

SEU NOME É SINÔNIMO DA AMIZADE - O meu caso não é isolado na vida do humanitário Valério Mesquita. Sou testemunha que mesmo longe do poder, Valério, para ajudar quem o procura, assume o papel do suplicante que não tem acesso aos poderosos de plantão. De acordo com o Padre João Medeiros Filho, seu amigo há quatro décadas, “Dr. Valério Alfredo Mesquita



é sinônimo de amizade, fidalguia, nobreza de gestos e palavras, bom humor, solidariedade e fé”.

TESTEMUNHO – Por ter sido seu parceiro, sediado no Rio de Janeiro, recorro ao Padre João Medeiros para situar o extraordinário trabalho de Valério Mesquita na sua gestão na Fundação José Augusto:

- Foram os ventos da cultura que nos aproximaram. Frequentemente viajava à Cidade Maravilhosa com uma agenda cheia de contatos e uma maleta de projetos. Estes retratavam a política cultural, a mais arrojada do Rio Grande do Norte nas últimas décadas. Proposições objetivas sobre a arte, o folclore, coisas de nossa gente, que seriam analisadas por instituições ligadas aos Ministérios da Cultura, da Ciência e Tecnologia e outras entidades sensíveis a patrocínio, mesmo antes da Lei Rouanet. Pela primeira vez, a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) curvou-se a um projeto cultural, custeando uma pesquisa sobre secas, resultando em dois livros publicados em renomada casa editorial do país.

A FORMAÇÃO RELIGIOSA – Por ser amigo permanente e imutável, confidente e consultor de questões religiosas, o Padre João Medeiros é a pessoa mais indicada para falar sobre a religiosidade de Valério Mesquita:

- Fala-se muito de Dr. Valério, como gestor público, talvez pouco ainda sobre o literato e incentivador da cultura. Sublinhe-se seu talento de administrador, mas proclame-se, igualmente, sua verve de escritor e amante das artes. Tem ascendência italiana, cujos ancestrais eram voltados para a realidade poética e artística. Sua abertura para essa área data da juventude, demonstrada, desde os tempos do Colégio Marista, o qual lhe incutiu uma profunda fé em Cristo e um amor incontido aos Salmos e à Sagrada Escritura. Sabe bem que ali pode encontrar Deus, o único capaz de amainar nossas inquietações e acalmar nosso descontentamento e revolta. A Palavra Sagrada – que também é obra literária – moldou seu temperamento e personalidade.

O MEMORIALISTA – Se não fosse a pessoa que é, Valério Mesquita não seria o memorialista que nos faz reviver tempos idos e vividos. Como já tive oportunidade de escrever, o seu texto exterioriza a sensibilidade e a criatividade obtida pelo diretor John Ford através da imagem. A Macaíba de Valério corresponde a Irlanda recriada pelo cineasta em “Depois do Vendaval”. Os personagens da política potiguar que ele viu no alpendre do solar materno de Macaíba, ainda adolescente, correspondem aos políticos irlandeses retratados por Ford em “O Último Hurra”.

O GARIMPEIRO DO FOLCLORE POLÍTICO – Através de vários livros, Valério Mesquita ficou conhecido no Rio Grande do Norte pelas curtas narrativas humorísticas sobre acontecimentos e personagens da nossa história política. Recriados com leveza estilística - sob a denominação “Causos” - essa riqueza folclórica foi salva do baú do esquecimento nesses relatos orais.

Entretanto, a despeito da importância dessa parte de sua obra, existe uma outra, cuja significação, na minha opinião, é ainda maior – maior porque traz a marca individualizada e intransferível do homem e do escritor.

O TALENTO DO MEMORIALISTA

Veja, como exemplo, esse trecho, intitulado “Os mortos não são estrangeiros”, sobre a última visita de Valério ao solar da Família Mesquita em Macaíba:

- A vida nunca é longa demais. Dou-me conta de que os mortos vivem mais em nós do que os vivos. É essa a impressão que me fica. No dia de finados revisei a casa dos meus pais em Macaíba. O jardim pareceu-me rejuvenescido. As roseiras infundiam um viço turbador como se quisessem me convencer que a sua antiga pastora estava li. O velho “dedal de ouro” explodia o seu amarelo vivo. As “espirradeiras” floriam festivamente acompanhadas das “onze horas”, do “boa noite”. O jasmineiro, ao portão, recordava as idas e as vindas de dona Nair e se ofereciam em buquet como



dantes. O jardim, afinal, permanecia o mesmo numa suave e terna liturgia de saudade.

...

Modesto, Valério costuma me dizer que não é um escritor. Discordo. É um escritor. Não um escritor ficcional, mas um escritor sobre a vida que nos conduz a um tempo que foi substituído por outros tempos – um escritor sobre os vivos transformados em mortos. E nessas evocações, feitas com o coração coadjuvado pela recordação, Valério Mesquita faz no papel o que John Ford fez na tela em “Como Era Verde o Meu Vale”.

O Vale da vida de Valério Mesquita é Macaíba.

VALÉRIO DE ANDRADE é jornalista e pesquisador cultural. Crítico de Cinema e Televisão. Documentarista. Editor (RN) das coletâneas “Sentimentos” e “Luzes, Sombras e Humor”. Criador do Festival de Cinema de Natal. Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

VERÍSSIMO DE MELO E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A LITERATURA DE CORDEL

Francisco Martins

Veríssimo de Melo foi um intelectual que serviu à literatura brasileira sob diversos prismas. Atuou como jornalista, cronista, pesquisador, músico, poeta, folclorista. Foi Professor Universitário e um antropólogo que se tornou conhecido não apenas no Brasil, mas também no exterior. Nasceu em Natal no dia 9 de junho de 1921. Era carinhosamente chamado pelos familiares e amigos pela alcunha de “Vivi”. No dia 18 de agosto de 1996 ele parte definitivamente deixando um vazio nos corações daqueles que o amavam.

Trabalhando numa lavoura cultural tão diversificada, Veríssimo de Melo se dedicou a estudar também o cordel. Publicou vários trabalhos sobre o tema e escreveu alguns ensaios (vide a relação abaixo). Quando despertou Veríssimo de Melo o seu olhar para a literatura de cordel? Talvez em 1949, mas ainda não posso afirmar com precisão. De todas as suas 25 participações na Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, no período de 1959 a 1996, não há nenhuma palavra sobre este tema. Mas ele escreveu em outros periódicos. Quando o “Capitão-Mor do Folclore” se debruçou sobre o cordel brasileiro, as produções que ele encontrava eram sempre da autoria de poetas populares, homens simples, a maioria com apenas o ensino básico. Os assuntos giravam em torno do cangaço, dos reinos encantados, das pelejas, da religiosidade católica e da política.

O Professor Veríssimo de Melo escreveu o ensaio “**Literatura de Cordel – Problemas e Sugestões**” (1980). Nele, lembra que em 1976, quando participava de um ciclo de estudos sobre Literatura de Cordel, em Fortaleza/CE, o Professor Raymond Cantel assim definiu o que é a Literatura de Cordel: “*poesia narrativa,*



popular, impressa". Nessa definição a palavra "popular" tem para Cantel e seus seguidores, um peso e também estabelece uma fronteira. Só é cordel se for popular, isto é, se o autor foi ou é um poeta sem escolaridade. Em 1977, em São Paulo, participando de outro encontro também sobre o mesmo assunto, Veríssimo de Melo levanta a questão de que o cordel brasileiro começa a ser produzido por poetas eruditos, homens intelectuais, graduados em diversas áreas; seriam estes textos literatura de cordel? Escreve o antropólogo Verissimo de Melo ao Professor Raymond Cantel, da Universidade de Sorbone – França e a resposta vem através de carta:

“O problema que levanta a sua carta de 25 de maio de 1977 é importante. Não tenho nenhuma autoridade para resolvê-lo, mas posso dar a minha opinião. As produções que têm autores não populares, evidentemente não são literatura de cordel” (MELO, 1980. P.233)

Estávamos vivendo uma transformação no cordel brasileiro, num campo onde trabalhavam apenas homens autodidatas, chegavam Dimas Batista, Paulo Nunes Batista, Rogaciano Leite e outros mais. Na verdade, a grande preocupação de Raymond Cantel, Veríssimo de Melo e Manuel Diégues Júnior era que, uma vez graduados, os poetas cordelistas iriam se nivelar aos poetas eruditos e deixariam de espelhar a ideologia do homem do povo nordestino, perdendo a força, a espontaneidade e a verdade. Veríssimo de Melo resolve saber o que pensa Câmara Cascudo sobre o assunto e este se manifesta dizendo que os poetas graduados “têm a *autenticidade inspirativa, mas não têm a legitimidade expressional. Não é do homem do povo, do poeta popular*” (MELO, 1980. P. 235).

Passados 44 anos desta indagação eis que à porta do centenário de nascimento de Veríssimo de Melo, o lume volta a aquecer e ousa perguntar: realmente Cascudo tinha razão quando afirmou a Veríssimo que os cordéis de autores eruditos estavam formando

uma nova família dentro da literatura do cordel, como filhos particular e naturais, não legítimos? Somos um grupo de poetas que fazemos cordéis e talvez tenhamos perdido a identidade ideológica desta literatura?

É assunto para outro ensaio. Neste artigo quero apresentar algo àqueles que ainda não conhecem um pouco dos trabalhos de Veríssimo de Melo sobre o cordel. E já principio com este acima. Breve, ainda este ano, estaremos publicando a bibliografia de Veríssimo de Melo, uma pesquisa que está demandando horas de trabalho. Conheçam outros ensaios sobre o tema:

O ATAQUE DE LAMPEÃO A MOSSORÓ ATRAVÉS DO ROMANCEIRO POPULAR (1953)

Este trabalho é fruto de uma palestra que foi feita no Rotary Club de Natal. É também a primeira vez que o pesquisador vai reunir material da literatura de cordel para tratar de escrever sobre o assunto. Além de textos, Veríssimo de Melo teve também a preocupação de ilustrar com fotos. Nele são citados Zabelê, José Aluízio Vilela, Mariano Ranchinho, João Martins de Athayde, José Cordeiro, Pereira Lima. No ensaio, Veríssimo de Melo vai comparando as veracidades dos poemas estudados com o registro da história feita por outros meios, tais como: jornais da época, entrevistas, depoimentos.

ORIGENS DA LITERATURA DE CORDEL (1976)

Importante ensaio de indispensável leitura àqueles que estudam o cordel e suas origens. Em 1976 ele foi publicado pela primeira vez na Revista Tempo Universitário e no mesmo ano teve repercussão na Alemanha, através da Revista Humboldt, nº 34, em Munique. Foi apresentado num simpósio em São Paulo e no Congresso Internacional de Folclore Ibero-americano, na Argentina. A



grande contribuição desta pesquisa foi a afirmação de que o cordel já existia no século XV, na Alemanha, em folhetos impressos. Este ensaio foi publicado numa revista alemã. Na plaquete publicada em 1991 o autor acrescentou as falas de Sidney Carlos Aznar e Renato Costa Pacheco, debatedores do Simpósio Pesquisa de Folclore.

VISITA DO PAPA AO BRASIL ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL (1982)

Publicado pela primeira vez em 1982, através da UFRN, a plaquete foi amplamente divulgada e chegou até o Vaticano, através do envio da Anunciatura Apostólica do Brasil. Faz parte também da Antologia de Folclore Brasileiro, organizada por Américo Pellegrini Filho (São Paulo: EDART, 1982) e é fortuna crítica no livro “A Igreja e o povo na Literatura de Cordel”, do Padre Manoel Matusalém Souza (São Paulo: Paulinas, 1984). A 3ª edição foi em 1991, por ocasião da segunda visita do Papa João Paulo II ao Brasil, mais especificamente em Natal onde aconteceu o XII Congresso Eucarístico Nacional.

Este ensaio registra trabalhos de 41 poetas cordelistas, do Ceará, Pernambuco, Paraíba, Bahia, Piauí, Rio de Janeiro, Mato Grosso, São Paulo, Pará, Rio Grande do Norte e Brasília.

ASPECTOS DA RELIGIOSIDADE NORDESTINA NO CORDEL (1984)

Veríssimo de Melo apresenta o nordestino como um animista, trata do sobrenatural na sociedade do campesino e a influência por ele vivida através do movimento sebastianita, de Antonio Conselheiro, Padre Cícero, Frei Damião, Padre João Maria, etc. Cita os poetas Abráão Batista, João Lucas Evangelista, João Francisco de Souza, José Bernardo da Silva, José Camilo da Silva, José Costa Leite, José Luiz (Rouxinol do Norte, Pedro Bandeira, Raimundo Bezerra de Moura e Rodolfo Coelho Cavalcante.

TANCREDO NEVES NA LITERATURA DE CORDEL

(1986)

Neste ensaio Veríssimo de Melo traz os poemas dos poetas que acompanharam a campanha das diretas, a vitória de Tancredo Neves, sua doença, martírio e morte através do estudo de mais de 100 folhetos, de vários estados. O ensaio apresenta Tancredo nas diretas, traços biográficos de Tancredo, doença e morte e Tancredo na posteridade. Trabalhos dessa natureza têm uma importância relevante, o próprio autor escreve: “O que o homem da rua viu e ouviu dizer a respeito, na época, perdeu-se. O que o poeta de cordel escreveu ficará. É testemunho da História que poderá vencer os séculos” (MELO, 1986, p. 14).

Ah! Veríssimo de Melo (1921-1996), Cantel (1914-1986) e Manuel Diégues Júnior (1912-1991) vocês não viveram o suficiente para verem isto: hoje, passados 43 anos daquela preocupação, o cordel brasileiro continua vivo, e o melhor: a grande massa produtora de poemas é exatamente composta por homens e mulheres graduados, mestres e doutores.

Além da Academia Brasileira de Literatura do Cordel – ABLC, no Rio de Janeiro, existem outras academias em vários estados. Dissertações para Mestrados e Teses de Doutorados são inúmeras com o tema de cordel. Em Natal temos a Casa do Cordel, a Academia Norte-Rio-Grandense de Literatura do Cordel e a Estação do Cordel. Tudo isso comprova que o cordel continua vivo, sendo um instrumento de alfabetização e incentivo à leitura, um púlpito que grita contra a escravidão moderna, uma ferramenta de propagação das mais variadas ideologias e pensamentos.

Lembrando Veríssimo de Melo neste pequeno ensaio, queremos dar sinal aos que fazem a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, o Conselho Estadual de Cultural e a própria Universidade Federal do Rio Grande do Norte para que não esqueçam do seu



centenário de nascimento em 2021. A largada está dada com um ano de antecedência através da Revista da ANRL.

Referências:

MELO, Protásio Pinheiro de. VIVI: o homem que sabia viver. Natal/RN: IFRN, 2018

MELO, Veríssimo de. O Ataque de Lampeão a Mossoró através do romanceiro popular. Natal/RN: DEI, 1953.

_____. Origens da Literatura de Cordel. In Tempo Universitário – Revista de Cultura da UFRN –Volume 1, nº 1, Natal/RN: UFRN, 1976, p. 49 a 56.

_____. Literatura de Cordel – Problemas e Sugestões. In Tempo Universitário – Revista de Cultura da UFRN – Volume 6 nº 1. Natal/RN: UFRN, 1980, p. 223 a 239.

_____. Aspectos da Religiosidade Nordestina no Cordel. Mossoró/RN: Coleção Mossoroense, Série B, nº 417, 1984. 42 p.

_____. Tancredo Neves na Literatura de cordel. Belo Horizonte/MG: Itatiaia, 1986.

_____. Visita do Papa ao Brasil, através da Literatura de Cordel. 3ª edição. Natal: s/n. 1991, 17 p.

FRANCISCO MARTINS, que também usa o pseudônimo de MANÉ BERADEIRO é poeta cordelista, crítico do cordel e autor de vários trabalhos. Membro da Academia Ceará-mirinense de Letras e Artes e de outras instituições culturais.

A ÚLTIMA CEIA

Daladier Pessoa Cunha Lima

Leonardo da Vinci (1452-1519) é o criador de duas das mais famosas pinturas do mundo ocidental, a Mona Lisa e A Última Ceia. Chegar diante delas é anseio natural de quantos sabem da existência dessas geniais criações do homem. No tocante à Mona Lisa, há quase 50 anos, satisfiz esse meu intuito, além de outras idas ao Louvre. Faltava-me a emoção de estar vis-a-vis com The Last Supper, momentos que vivi na recente viagem à Europa, com visitas feitas a Milão e a Florença, na Itália. Mesmo difícil, consegui agendar uma entrada para o mosteiro/igreja de Santa Maria delle Grazie, em Milão, onde se encontra o mural A Última Ceia, que mede 4,60 m de altura e 8,80 m de largura, pintado em uma das paredes do refeitório dos monges. Após a espera defronte à igreja/mosteiro, tive acesso ao refeitório mais venerado do mundo, em um grupo de poucas pessoas, com guia em inglês. Lá dentro, apesar da grande procura, somente um número reduzido de visitantes se reveza a cada 15 minutos, para um encontro rápido com Leonardo da Vinci.

Não dá para descrever a emoção desses instantes, misto de impulsos da fé e da devoção cristã, ao lado do deleite diante da arte de um dos maiores gênios da humanidade. É o lugar perfeito para se pensar na conjunção do divino com o humano. O ambiente é de paz, reflexão e de encanto. Desliguei-me do guia para sentir melhor aqueles instantes de aprazível emoção, e notei que outras pessoas do grupo fizeram o mesmo. De repente, uma gentil senhora, somente com gestos, informou que a visita acabara, estava na hora de sair.

Leonardo pintou A Última Ceia de 1495 a 1498, e tudo começou quando o Duque de Milão, Ludovico Sforza, resolveu



construir um mausoléu sagrado para si próprio e para sua família. Escolheu, para esse fim, um mosteiro com uma igreja, o Santa Maria delle Grazie, no centro de Milão, e convidou o já famoso Leonardo da Vinci para pintar a última ceia de Cristo com os apóstolos, uma das cenas mais populares da arte sacra, em uma das paredes do salão destinado às refeições dos monges. Encontrei no livro *Leonardo and The Last Supper* (2012), do escritor inglês Ross King, que o artista conheceu a cena de A Última Ceia em versões pintadas em Florença, bem como na leitura dos Evangelhos Sinóticos, de Mateus, Marcos e Lucas. Ressalte-se que as representações de A Última Ceia remontam ao cristianismo primitivo, bem assim à arte bizantina, e há sinais dessa passagem bíblica, por exemplo, em mosaico na basílica de Sant'Apollinare Nuovo, do século 5º, em Ravena, e em vitral da Catedral de Chartres, do século 12.

De forma única Leonardo da Vinci transformou uma das mais marcantes cenas da vida de Cristo em uma das mais luminosas criações do espírito humano, A Última Ceia. Na ceia da Páscoa, Jesus reuniu seus 12 apóstolos para instituir a Eucaristia, e para dizer-lhes: “Em verdade vos digo que um de vós me há de trair”. A frase causou grande espanto e forte reação dos seus fiéis discípulos, e fez Judas logo deixar o recinto. Na história da arte, o mural A Última Ceia, de Da Vinci, é obra sem par no uso dos gestos das mãos e da linguagem do corpo, para transmitir as intenções da mente e as expressões da alma. Percebe-se o quanto os apóstolos estão em movimento e parecem quebrar o silêncio, repito, sob o impacto das palavras de Cristo. É uma cena dinâmica, os 12 homens à mesa, ao lado de Cristo, interrogam-se, perguntam uns aos outros: quem será o traidor? As mãos, a atitude corporal e os semblantes dos apóstolos transmitem uma agitação, simulam um burburinho, como se várias pessoas falassem ao mesmo tempo. Até hoje, nenhuma outra obra de arte, sem usar uma só palavra, foi capaz de permitir uma leitura tão precisa da alma humana, ao ponto de se dizer que A Última Ceia, de Da Vinci, “é a pintura narrativa mais fascinante da história”.

É pertinente a citação de um ótimo livro – como sempre – de Câmara Cascudo, *História dos Nossos Gestos* (1973), no qual o autor demonstra sua impressionante amplitude cultural. Nas páginas primeiras, diz Cascudo: “O gesto é anterior à palavra. Dedos e braços falaram milênios antes da voz. O gesto é a comunicação essencial, nítida, positiva. Não há retórica mímica, apenas reiteração da mensagem.” Mais adiante, o mestre potiguar cita Leonardo da Vinci: “Aprende com os mudos o segredo dos gestos expressivos”. Assim, é possível se inferir, por meio da frase citada por Cascudo, que o mestre da Renascença observou o uso dos gestos até nas pessoas mudas, antes de criar uma de suas obras máximas, *A Última Ceia*.

O mural mostra quatro grupos de três apóstolos, dois grupos à direita e dois à esquerda de Cristo. O segundo trio, a partir da esquerda, é formado por Pedro, Judas e João. Pedro parece indignado e segura na mão direita uma faca. Por outro lado, João está quieto, triste, como a aceitar o destino do Mestre. Judas é sórturo, e segura na mão direita a sacola com o dinheiro da traição. A sua mão esquerda e a mão direita de Jesus avançam na direção do pão, sobre a mesa. E consta a fala de Jesus, no Evangelho de Lucas: “Mas eis que a mão daquele que vai me trair está com a minha sobre a mesa”. Logo, desfez-se a dúvida. Um pouco mais alto que os demais, Jesus está no centro, parece calmo e resignado. Ao seu lado, a partir da direita, o trio é formado por Tomé, Tiago Maior e Felipe. Chama a atenção o dedo indicador erguido de Tomé, com a mão virada para dentro, um resgate da Dúvida de Tomé, o apóstolo que só acreditou na Ressurreição após tocar as chagas de Cristo.

Em *A Última Ceia*, Leonardo marcou o centro do mural, o ponto para o qual todas as linhas e todas as atenções tinham de convergir: a face de Cristo. Ele criou, então, um novo formato de perspectiva, e adotou o modelo baseado na pirâmide visual de linhas, de modo que o olho do espectador seja o vértice dessa pirâmide.



O escritor inglês Kennet Clark (1903-1983), um dos maiores estudiosos da vida e da obra de Leonardo da Vinci, chamou A Última Ceia de “pedra fundamental da arte europeia”.

Podemos dizer que Leonardo da Vinci, mesmo com a genialidade que lhe era própria, cometeu um equívoco na escolha da técnica para pintar o mural A Última Ceia? Em vez de optar por uma parede revestida de gesso úmido, usadas nos afrescos, ele preferiu pintar direto sobre o gesso seco. Não deu certo, pois, 20 anos após a conclusão, a pintura começou a descascar, e, 50 anos depois, pouco se via da grande obra no refeitório do mosteiro de Santa Maria delle Grazie, em Milão. Várias restaurações se fizeram ao longo dos anos, com menores e maiores êxitos. Esse mural, uma das principais obras de arte da humanidade, também sofreu com a fúria e a loucura do próprio homem, a exemplo da agressão feita pelas forças armadas francesas, no século 18, e o bombardeio do refeitório, em 1943, com destruição total do teto, durante a Segunda Guerra Mundial. A mais eficaz restauração durou 21 anos, concluída em 1999. Em 2019, a fim de celebrar os 500 anos da morte de Leonardo da Vinci, a empresa italiana Eataly patrocinou uma reforma no sistema de climatização do recinto, no intuito de prolongar a vida útil da famosa pintura.

Conhecido por postergar e demorar em seus trabalhos de arte, bem como por não se adaptar à técnica do afresco, Leonardo da Vinci ficou ausente do grupo de artistas que Lourenzo de Medici (1449-1492), estadista florentino, grande propulsor dos avanços renascentistas, escolheu para pintar as paredes da Capela Sistina, em Roma, no verão de 1481. Leonardo da Vinci, com três décadas de vida, mudou-se com “armas e bagagens” de Florença para Milão, onde ficou por 17 anos. Logo ao chegar, enviou carta ao Duque Ludovico Sforza, oferecendo os seus serviços nos campos da engenharia, das armas e das artes. Ele também queria atender ao sonho do Duque de Milão e criar uma enorme estátua equestre de bronze, em honras ao pai de Ludovico. A ideia do cavalo não vingou, mas a obra A Última Ceia transformou-se em uma das suas perenes glórias.

O uso de sombras na pintura foi um dos requintes do artista Leonardo da Vinci. Escreveu muito sobre esse assunto, construiu gráficos e diagramas, fato que muito ajudou artistas do seu tempo e posteriores. O jogo dos tons das cores, de claridade, de sombra, de pouca ou maior nitidez dos contornos das imagens, e de outros detalhes, conferem ao espectador a sensação de profundidade e de movimento nas obras geniais de L. da Vinci.

No epílogo do livro *Leonardo and The Last Supper*, do escritor inglês Ross King, consta que *A Última Ceia* é a obra que mais concorreu para o prestígio de Leonardo da Vinci como um dos melhores artistas de todos os tempos. O autor diz que outras obras de Leonardo, inclusive a *Mona Lisa*, só se tornaram públicas e famosas alguns séculos após a morte do artista. Sem uma plausível explicação, a *Mona Lisa* foi vendida por Salai, amigo – parceiro sexual? – de Leonardo e que com ele morou por anos. Essa obra-prima ficou por muito tempo em local privado, na França, inclusive no quarto de dormir de Napoleão, e, somente no final do século 18, a *Mona Lisa*, passou ao acervo do Louvre. Por outro lado, o sublime mural de Leonardo da Vinci, *A Última Ceia*, outra obra-prima, ficou exposta à apreciação pública desde a sua criação, motivo pelo qual se destacou na difusão da fama do artista como um dos maiores gênios da humanidade.

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA é escritor, professor e médico. Ex-Reitor da UFRN. Atual reitor da UNI-RN. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras. Autor de “Retratos da vida” e outros livros.



A BELEZA

ENCANTO DO MUNDO

Francisco de Assis Câmara

Dominado pela curiosidade, sentimento que me absorve no ambiente de paz das livrarias, fixei o olhar em um volume que ostentava o seguinte título: “A beleza salvará o mundo”.

Seu autor, o historiador e ensaísta búlgaro Tzvetan Todorov, constrói sua narrativa a partir das produções literárias e da vida do irlandês Oscar Wilde, do tcheco Rainer Maria Rilke e da russa Marina Svetaeva.

Todorov percebeu que o “absoluto”, incorporado às vidas de Wilde, Rilke e Svetaeva tinha raízes no individualismo, paradoxo que não os impedia, mesmo enfrentando tragédias pessoais, de viver a beleza da arte em suas produções literárias, força espiritual que assegurava sentido a suas vidas. A autenticidade da arte imbricava-se na sublimidade da beleza. Isso lhes bastava.

Cinco anos depois, na mesma livraria, uma outra obra ostentava o mesmo título, com o subtítulo “Recuperando o humano em uma era ideológica”. O autor, o norte-americano Gregory Wolfe, professor e escritor, estudioso das relações entre arte e religião, também indagava: — A beleza salvará o mundo? Qual beleza? Como isso ocorrerá?

Tocados pela força dessa magnífica afirmação, Gregory Wolfe e Tzvetan Todorov percorreram, por diferentes vertentes, os labirintos que Dostoiévski construiu em seu romance “O Idiota”, publicado em 1868, cujo personagem principal, o príncipe Míchkin, anunciava essa magnífica profecia.

A beleza salvará o mundo? Qual beleza? Como isso ocorrerá? Essa frase-mensagem mobilizou o humanismo de Gregory Wolfe,

fortemente acentuado por uma visão política, social e cristã, assim expressada: “Vivemos em uma Babel de tribos antagônicas — tribos que falam apenas os idiomas de raça, classe, direitos e ideologia”. [...] “A arte nos convida a conhecer o outro — seja esse outro nosso vizinho ou alteridade infinita de Deus — e a alcançar uma nova totalidade espiritual”.

Ao exorcizar o que denomina “era ideológica”, Gregory Wolfe vislumbra a presença de Cristo no “humanismo cristão”, destacando que suas parábolas “são maravilhas da arte sintetizada: empregam ironia, humor, sátira e paradoxo para revelar uma nova compreensão com Deus”.

Quando pensamos no Universo e nos extasiamos com a visão das estrelas; quando o temos aos nossos olhos através de poderosas lentes e de incríveis fotografias como as que os astronautas nos enviam, e mesmo sabendo tratar-se de uma pequeníssima parte do todo, somos envolvidos por um deslumbramento que nasce do mistério... e da beleza.

Platão, há mais de dois mil anos, com a força do seu iluminado pensamento, já perscrutara a existência de um deus. A tradição pitagórica, que lhe era atraente, intuía uma sinfonia universal no movimento dos astros. Caminhando no mundo das ideias, Platão sublimava a perfeição no bem e na beleza, vias que levam ao absoluto.

Plotino, inspirador de grandes filósofos cristãos, entre eles Santo Agostinho, concebia a beleza como participação no divino.

Schelling, mais recentemente, intuiu que “a matéria é vida adormecida” e “a natureza, mesmo sem o saber, é inteligente”. Para ele, “a arte produz uma revelação filosófica do absoluto”.

Considerando que Deus é o sumo bem, o suprassumo do belo, pode-se dizer com Hölderlin: “A arte é o primeiro filho da beleza divina. [...] “O segundo filho dessa beleza é a religião”.



Se agregarmos a filosofia a essa família formaremos a “teia de salvação”, com o predomínio de valores absolutos. Não por acaso Boécio (Anicius Manlius), filósofo romano do Século V d.C., mesmo condenado à morte, recebeu a visita da deusa da filosofia, que lhe assegurou: a despeito de toda a maldade humana, nada impedirá a supremacia do bem.

Gibran Khalil Gibran, um excepcional escritor, presente do Líbano à literatura universal, abre seu livro “Parábolas” com a inspiração de um poeta: “Não há religião nem ciência acima da Beleza. Eu construiria uma cidade à beira do mar, e numa ilha do porto erigiria uma estátua não à liberdade, mas à beleza. Pois foi ao redor da liberdade que os homens travaram suas batalhas. Por oposição, ante a face da beleza, todos os homens estendem as mãos uns aos outros como irmãos”.

FRANCISCO DE ASSIS CÂMARA é escritor e poeta, autor de “Asas e Voo” e outros livros.

DOM JOSÉ ADELINO DANTAS, UM LATINISTA

Padre João Medeiros Filho

Forsan, haec olim meminisse jubavit (Talvez algum dia nos seja agradável recordar estas coisas). O segundo bispo de Caicó repetia frequentemente esta frase de Virgílio, na Eneida. Era um latinista exímio, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, da Academia Norte-rio-grandense de Letras, além de professor do Atheneu Norte-rio-grandense, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e do Seminário de São Pedro (Natal). Neste, foi reitor por dezesseis anos, em substituição a Monsenhor Dr. Walfredo Dantas Gurgel, que em 1952 seria o seu vigário geral no bispado seridoense.

Dom José Adelino Dantas nasceu, aos 17 de março de 1910, no povoado Luiza, distrito de Florânia, hoje São Vicente. Faleceu, em Natal, aos 24 de março de 1983, tendo sido sepultado em Carnaúba dos Dantas, na capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Foi o quarto norte-rio-grandense a ascender à plenitude do sacerdócio e o primeiro seridoense a se tornar bispo. Os filhos desta terra potiguar que o antecederam na ordem do episcopado foram: Dom Joaquim de Almeida, eleito em 1906, bispo do Piauí, depois transferido para a diocese de Natal, em 1909. O segundo potiguar ordenado bispo foi Dom José Thomaz Gomes da Silva, nascido em Alexandria (à época pertencente a Martins), designado para a diocese de Aracaju, em 1911. Em terceiro lugar vem Dom José de Medeiros Leite, oriundo de Mossoró, nomeado antístite de Oliveira (MG), em 1945. Era irmão de Monsenhor Leão de Medeiros Leite, com vários laços afetivos com o Seridó. Era tio legítimo de Padre Milton Medeiros, primeiro sacerdote ordenado, após a instalação da diocese de Caicó, por Dom José de Medeiros Delgado e por este nomeado diretor espiritual do então Ginásio Diocesano Seridoense.



Dom Adelino é considerado um dos prelados mais eruditos e cultos que já ocuparam a sé seridoense e um dos intelectuais mais preparados do episcopado potiguar. No entanto, sua humildade, fruto da sua grandeza interior, não permitia que aparecesse. Sempre entendeu o poder como um serviço. *Ele só tem sentido quando busca melhorar a vida dos outros e nunca como uma instância de privilégios e honrarias*, pregava aos seminaristas de sua diocese. Era um homem simples e pobre, como aspirava São João XXIII. Este, ao encerrar a primeira sessão do Concílio Vaticano II – do qual participou Dom Adelino – olhos marejados de lágrimas, rezava para que a Igreja de Cristo fosse *servidora e pobre*. No referido Concílio, Dom Adelino, com o seu saber humanista, prestou relevantes serviços, revisando literariamente textos conciliares escritos em latim, à época, língua oficial dos concílios e sínodos.

Dom Adelino, junto com o Cônego Estevão José Dantas, ladeado pelo Monsenhor Emerson Deodato Fernandes de Negreiros, compõe a tríade dos maiores latinistas norte-rio-grandenses. Ao Cônego Estevão Dantas deve a terra potiguar os mais belos e profundos escritos, dísticos e lápides escritos no idioma do Lácio. Dom Adelino primou pela tradução de textos latinos para a língua portuguesa. Muito contribuiu para as pesquisas folclóricas de Luís da Câmara Cascudo. Impressionou o nosso grande folclorista e antropólogo com a tradução de uma ode de Horácio, em que o poeta alude à mancha branca na unha (*unguis vel clava alba*), como trauma interior causado pela mentira. O pesquisador natalense percorreu longamente sobre o assunto folclórico, a partir da tradução fiel de nosso inesquecível prelado.

Foi seu vice-reitor, no Seminário de São Pedro, Monsenhor Emerson Negreiros (que chegou a rascunhar em Latim uma História do Brasil em versos hexâmetros). Este definia Dom José Adelino como o *maior latinista potiguar*, superando os conhecimentos e a erudição de Padre Francisco de Brito Guerra (Senador Guerra), fundador da primeira Escola de Latim, em Caicó. Esta marcou o Seridó, tendo sido a principal responsável pelo gosto dos estudos

dos seridoenses, que se sobressaem pelo seu elevado índice de alfabetização e escolaridade.

Dom José Adelino Dantas era um amante das artes. Legou ao Museu Histórico de Carnaúba dos Dantas grande parte do seu acervo. Pena que sua coleção de discos clássicos tenha se desperdiçado, ao longo de suas mudanças de Caicó para Garanhuns, dali para Rui Barbosa (BA) e de lá para o Seridó. Fiel às suas origens e tradições, ele reativou as composições musicais de Tonheca Dantas e Felinto Lúcio nos novenários das festas dos padroeiros do Seridó, quando regia os coros e orquestras. Sua paixão pela música o fez grande conhecedor de Bach, Beethoven, Liszt, Mozart, Villa-Lobos, Camargo Guarnieri, Carlos Gomes, Padre José Maurício e outros gênios da arte musical. A Sinfonia 40 e a Heróica eram as suas prediletas e podia solfejar *Jesus, Alegria dos Homens* com a mesma piedade e unção de uma criança, que reza de mãos postas a Ave-Maria. Quando seminarista e jovem sacerdote tocava piston nas igrejas, casas paroquiais e no inesquecível seminário ferial de Florânia, nos tempos do pastoreio de Dom Delgado. Vale salientar que foi um grande incentivador das bandas de músicas do interior, especialmente do Seridó.

Acompanhamos Dom Adelino em visitas pastorais e viagens de pesquisas às paróquias de Campo Grande, Assú, Acari, Serra Negra e tantas localidades, em função da edição do seu livro: *“Homens e fatos do Seridó Antigo”*, que só viria a lume, em 1961, quando já era bispo de Garanhuns. Ria muito com a descoberta que fizemos num livro de tombo paroquial, no qual o vigário da freguesia fez um desabafo e uma crítica à terra e à região: *Nesta ribeira, os gananciosos tornam-se médicos, os inteligentes estudam para ser advogados. Os feios e burros vão ser padres.*

Tentamos mostrar aqui um pouco de seu valor literário, artístico e de educador, mas cabe-nos ressaltar seu profundo amor à Igreja de Cristo. Em 1957, estava vacante a Sé episcopal de Garanhuns, em virtude do assassinato de Dom Francisco Expedito



Lopes. A Nunciatura Apostólica tinha dificuldades para encontrar, entre os bispos já ordenados e sacerdotes candidatos ao episcopado, um sucessor para o sólio garanhunense. Dom Adelino apresentou-se como voluntário. Assim escreveu em carta dirigida a Dom Armando Lombardi, então núncio no Brasil: *Sou filho da Igreja e ela poderá fazer de mim o que quiser: apóstolo, missionário ou mártir. Como jovem padre, estivemos em Garanhuns para ministrar algumas palestras e dele ouvimos: Não preferi ficar entocado no silêncio da omissão, nem a pretensa prudência fora o meu refúgio.*

Sempre ensinou-nos que a maior de todas as virtudes cristãs é a humildade. Foi ela a primeira vivida por Cristo. O Filho de Deus nasceu num estábulo e lavou os pés dos seus discípulos. Humilde e piedoso, Dom José Adelino precedeu os gestos do Papa João Paulo II. No dia de sua posse como bispo de Caicó, em 20 de setembro de 1952, descendo do carro, em plena canícula seridoense, no Riacho do Maxixe, fronteira do bispado (entre Santa Cruz e Currais Novos), beijou o chão de sua diocese e exclamou: *Esta terra em que piso é santa e seu solo é sagrado!* A simplicidade e a pobreza eram virtudes por ele cultivadas. Sua mesa era frugal, seus hábitos austeros. Contam os mais próximos de Dom Adelino, que, ao ser consultado para o episcopado respondera ao Núncio Apostólico: *Como vou ser bispo, se não tenho meios para comprar um báculo, o anel e os paramentos episcopais?* Ao que o Núncio de então, Dom Carlos Chiarlo, respondera: *Se a diocese e os fiéis não puderem apresentá-lo com os paramentos e insígnias, escreva-me ou me telegrafe para que a Nunciatura possa providenciar.* Sua simplicidade ainda perdura *post mortem*. Poucos são os lugares e instituições que levam o seu nome.

Pesquisador e homem de letras, músico, professor, escritor, poeta, foi o segundo sacerdote norte-rio-grandense a ocupar uma cadeira na Academia Norte-rio-grandense de Letras, em substituição ao Cônego Luiz Gonzaga Monte, um dos sacerdotes mais brilhantes do clero brasileiro. Dom Adelino foi substituído na ANRL pelo Cônego Jorge O'Grady, seu colega de seminário e ordenação

sacerdotal. A *Magnum Opus* de Dom Adelino é a **Formação do Seminarista**, um livro conhecido e lido em todos os seminários e conventos. Segundo Frei Ludovico Gomes Mourão diretor durante mais de 40 anos da Editora Vozes, *a obra de Dom Adelino foi o livro mais vendido na década de 1940*. Era leitura obrigatória, durante as refeições nos seminários, em retiros e recolhimentos dos alunos das casas de formação eclesial.

Como bispo diocesano de Caicó, ordenou os seguintes sacerdotes: Ônio Caldas de Amorim (1953), Jalmir de Albuquerque Silva (1953), Ernesto da Silva Espínola (1955), Ausônio de Araújo Filho (1956) e Antônio Balbino de Araújo (1957). Enquanto Reitor do Seminário de São Pedro foi professor de muitos padres do Seridó: Sinval Laurentino de Medeiros, Deoclides de Brito Diniz, João Agripino Dantas, José Celestino Galvão, Ônio Caldas de Amorim, Jalmir de Albuquerque Silva, Ausônio de Araújo Filho, Ernesto da Silva Espínola e Talvaci Salustino Soares.

Dom Adelino tudo fez para reativar as chamadas “escolas dos pobres”, ligadas às paróquias do bispado de Caicó. Muitas delas foram inspiradas no zelo pastoral do saudoso apóstolo do Nordeste, Padre José Antônio Maria de Ibiapina. Em determinados momentos, não podendo manter o corpo docente dessas instituições, Dom Adelino recorreu ao poder público, que contribuía com o pagamento dos honorários dos professores.

Cabe citar que nosso antíteses padecia do sofrimento das secas, ao chegar e deixar a diocese. Não vacilou. Socorreu a muitos e, não raro, era visto na periferia da sede episcopal e em várias cidades, distribuindo gêneros alimentícios para os flagelados das secas. Visitou cada canto e recanto de sua diocese, consolando e acalentando com o alívio da fé e da esperança.

Devoto de Maria Santíssima. Em razão de seu amor mariano, fez erigir o Arco de Nossa Senhora em 1953, em frente à Catedral de Caicó para receber a imagem peregrina da Virgem de Fátima. O monumento foi inaugurado em 22 de novembro de



1953, já em preparação para a ordenação sacerdotal do diácono Jalmir de Albuquerque Silva.

Tudo fez para atualizar os Livros de Tombo da paróquia, pois acreditava que eram fontes preciosas de pesquisas. Por tudo isso, poderia dizer como o poeta latino: *Exegi monumentum aere perenius*. Seu lema episcopal *In finem dilexit* (*Amou-os até o fim*) é parte de um versículo tirado do Evangelho de São João (Jo 13, 1), mas também consagrada num belíssimo sermão do Padre Bartolomeu do Quental, grande orador e pregador da Capela Real de Dom João IV, uma das leituras frequentes de Dom Adelino.

ANEXOS

1. ALGUNS DADOS DA VIDA DE DOM JOSÉ ADELINO DANTAS

EVENTO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÕES
NASCIMENTO	17.03.1910	FLORÂNIA/ LUIZA/SÃO VI- CENTE – RN.	BATIZADO PELO PADRE ANTÔNIO BRILHANTE DE ALENCAR, ENTÃO PÁROCO DE JU- CURUTU E FLO- RÂNIA
ORDENAÇÃO SACERDOTAL	18.11.1934	IGREJA DE SANTA TERESI- NHA/NATAL	ORDENANTE: DOM MARCOLI- NO ESMERALDO DE SOUZA DAN- TAS
NOMEAÇÃO COMO BISPO	10.06.1952	DESIGNADO PARA A DIO- CESE DE CAI- CÓ-RN	SUCESOR DE DOM JOSÉ DE MEDEIROS DEL- GADO E SUCE- DIDO POR DOM MANUEL TAVARES DE ARAÚJO

ORDENAÇÃO EPISCOPAL	14.09.1952	EM FRENTE À CATEDRAL DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO DE METROPOLITANA DE NATAL	ORDENANTES: DOM MARCOLINO DANTAS, DOM AURELIANO MATOS E DOM ELISEU SIMÕES MENDES
POSSE CANÔNICA	20.09.1952	CATEDRAL DE SANTANA DE CAICÓ	RECEBEU O BÁCULO DAS MÃOS DE MONSEHOR WALFREDO GURGEL, VIGÁRIO CAPITULAR
PRIMEIRA TRANSFERÊNCIA	03.05.1958	DIOCESE DE GARANHUNS (PE)	ANTECEDIDO POR DOM FRANCISCO EXPEDITO LOPES SUCEDIDO POR DOM MILTON CORRÊA PEREIRA
SEGUNDA TRANSFERÊNCIA	20.02.1967	DIOCESE DE RUI BARBOSA (BA)	ANTECEDIDO POR DOM EPAMINONDAS JOSÉ DE ARAÚJO SUCEDIDO POR DOM MATHIAS WILLIAM SCHMIDT, O.S.B
RENÚNCIA	04.10.1975	ESCOLHE COMO LOCAL DE RESIDÊNCIA A CIDADE DE CARNAÚBA DOS DANTAS/RN	ACOLHIMENTO PELO PAPA PAULO VI



FALECIMENTO	24.03.1983	CASA DE SAÚDE DE SÃO LUCAS EM NATAL	SEPULTADO EM CARNAÚBA DOS DANTAS. FUNERAIS PRESIDIDOS POR DOM HELTOR DE ARAÚJO SALES
-------------	------------	-------------------------------------	--

BISPOS NASCIDOS NO RIO GRANDE DO NORTE

Nº	NOME	ANO DE NOMEAÇÃO	DIOCESE PARA A QUAL FOI INDICADO	LUGAR DE NASCIMENTO NO RIO GRANDE DO NORTE
01	JOAQUIM ANTÔNIO DE ALMEIDA	1905	PIAUÍ (PI)	GOIANINHA
02	JOSÉ THOMÁS GOMES DA SILVA	1911	ARACAJU (SE)	MARTINS/ALEXANDRIA
03	JOSÉ DE MEDEIROS LEITE	1945	OLIVEIRA (MG)	MOSSORÓ
04	JOSÉ ADELINO DANTAS	1952	CAICÓ (RN)	FLORÂNIA/SÃO VICENTE
05	EUGÊNIO DE ARAÚJO SALES	1954	NATAL (RN) AUXILIAR	ACARI
06	MANUEL TAVARES DE ARAÚJO	1959	CAICÓ (RN)	SÃO JOSÉ DE MIPIBÚ
07	DOM NIVALDO MONTE	1963	ARACAJU (SE) AUXILIAR	NATAL
08	DOM LUÍS GONZAGA FERNANDES	1965	VITÓRIA (ES) AUXILIAR	LUIZ GOMES/MARCELINO VIEIRA

09	ALAIR VILAR FERNANDES DE MELO	1970	AMARGOSA (BA)	NATAL
10	ANTÔNIO SOA- RES COSTA	1971	NATAL (RN) AUXILIAR	NOVA CRUZ
11	JOSÉ FREIRE DE OLIVEIRA NETO	1973	MOSSORÓ (RN) AUXI- LIAR	APODI
12	HEITOR DE ARAÚJO SALES	1978	CAICÓ (RN)	SÃO JOSÉ DE MIPIBU
13	MATIAS PATRÍ- CIO DE MACE- DO	1990	CAJAZEIRAS (PB)	SANTANA DO MATOS/ SÃO RA- FAEL/ITAJÁ
14	JAIME VIEIRA ROCHA	1994	CAICÓ (RN)	SANTA CRUZ/TAN- GARÁ
15	FRANCISCO CA- NINDÉ PALHA- NO	2006	BONFIM (BA)	SÃO JOSÉ DE MIPIBU
16	FRANCISCO DE ASSIS DANTAS DE LUCENA	2008	GUARABIRA (PB)	JARDIM DO SERIDÓ
17	MAGNUS HEN- RIQUE LOPES OFMcap	2010	SALGUEIRO (PE)	ASSÚ
18	EDILSON SOA- RES NOBRE	2017	OEIRAS (PI)	TOUROS

PADRE JOÃO MEDEIROS FILHO é sacerdote católico. Mestre e doutor em Teologia e Comunicação. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do Conselho Estadual de Educação. Professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.





EIDER FURTADO DE MENDONÇA E MENEZES

Carlos Roberto de Miranda Gomes

Fui honrado por esta ANRL para proferir a oração de louvor póstumo ao ilustre colega EIDER FURTADO que teve o seu voo para junto do Criador no dia 06 de novembro de 2019, mesmo ano da perda da minha inesquecível THEREZINHA, que também o admirava.

EIDER era natalense de 23 de abril de 1924, filho de Gil Furtado de Mendonça e Menezes e de Dona Maria Emília Furtado, casado com Dona Helenita, com quem conviveu 72 anos de matrimônio e geraram 6 filhos, que lhes presentearam com 12 netos e 6 bisnetos (sem atualização). A todos dedicou os seus livros.

Não foi difícil selecionar o temário destas breves palavras, porque também me considero seu órfão, posto que o tomei como espelho com a partida do meu pai. Também somos órfãos, por igual sentimento em relação à geografia física e humana que vivemos nesta terra potiguar, afinidades que tínhamos pela tradicional Ribeira dos “canguleiros” dos tempos juvenis, olhando o Potengi em seus dias de glória, das regatas, do Sport Club e Centro Náutico Potengi, ele repórter da 2ª guerra mundial eu nascendo na mesma semana em que ela foi deflagrada.

Fomos assíduos frequentadores das ruas tradicionais da velha Ribeira, Chile, Tavares de Lira, Doutor Barata, Frei Miguelinho, Duque de Caxias, onde cheguei a morar e suas cercanias.

O bonde e o Grande Hotel fizeram parte desses devaneios, no tempo e depois dos americanos em Natal, com Paulo Lira e José Américo no Grande Hotel do Major Theodorico Bezerra, das livrarias, dos alfaiates, dos jornais A Ordem e A República, da Caixa do Professor Ulisses, dos fotógrafos e dos muitos bancos que ali existiam, da loja 4.400 que pegou fogo, do cais Tavares de Lira e seus botes a vela e lanchas, da Agência Pernambucana de Luiz Romão, dos cafés e dos encontros políticos no Cova da Onça, da Casa Lamas, vendedora de discos e partituras musicais.

Infelizmente, também fomos testemunhas da falência da Ribeira e da saudade dos seus personagens – a maioria já na outra dimensão da vida.

Tudo isso EIDER revisitou no texto e na iconografia do seu último livro “Retalhos da Vida”, no ano da sua viagem final, complementando os outros quatro, que pintaram Natal de ontem e outros tempos: Audiência de um Tempo Vivido (2004), No Fórum da Memória (2009), Nas Veredas do Tempo (2010) e Meio Século de Memória (2011), além de participação em antologias, revistas.

Na parte profissional, foi autor de pareceres, artigos e composições registrados em revistas e em CD.

No caminhar das coincidências, fomos escritores, membros desta Academia, ele ocupante da cadeira 16 cujo Patrono foi Segundo Wanderley e eu a cadeira 33, tendo como Patrono Tonheca Dantas. Também na ALEJURN, ele fundador da Cadeira 18, cujo Patrono é o Dr. Francisco Ivo Cavalcanti (primeiro presidente da OAB/RN), conhecido por Ivo Filho, dramaturgo, seresteiro, ator de teatro e eu da Cadeira 14, cujo Patrono é o meu pai, Desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte. Estudamos no velho Atheneu e nos formamos na mesma Faculdade de Direito

do tempo da Ribeira alagada no inverno. Depois nos reencontramos como docentes da UFRN. Fomos advogados com escritórios vizinhos no Edifício Amaro Mesquita, Presidentes da OAB/RN, depois Membros Honorários Vitalícios (MHV) e funcionários da Rádio Poti de Natal. Naquela Casa, lembro do seu bom humor quando conversava em roda de amigos: “Quando eu fui para a Rádio Poti já encontrei Carlos Gomes”. Todos riam. Esse humor passou a ser o traço maior de sua personalidade, dando a certeza que sempre esteve bem com a vida.

Guardo bem vivo na memória o uso dos antigos trens da Great Western da Praça Augusto Severo, quando acompanhava, nas idas e vindas do meu inesquecível Dr. José Gomes, então Juiz de Direito do interior.

Frequentei todos os prédios retratados nos textos e iconografia do seu último livro, notadamente A Junta Comercial, a Caixa Rural, A Ordem e A República, os escritórios dos grandes profissionais liberais, dos cartórios (tabelionatos) e o Grande Hotel. Conheci todos os personagens, por ele retratados nas suas obras publicadas, entre os quais seu Inácio Vimarano de Paiva, o exímio abridor de cofres emperrados, pai de Dona Carmem, que foi Secretária do nosso escritório comercial.

E as incontáveis travessias no Cais Tavares de Lira para a Redinha, no barco de Ferrinho ou na lancha de Luiz Romão. Ele em missão profissional e eu simplesmente veranista.

Remei nas ioles do Clube Náutico Potengi no tempo de Ricardo Cruz, passando da Frei Miguelinho pelo Beco da Quarentena que ficava em linha reta com aquele Clube.

São caros, também, os prédios da rua do Pecado, como o Banco do Estado de São Paulo, onde conheci Deífilo Gurgel, outras Caixas e Bancos e as agências de viagens. O Banco do Brasil, Receita Federal (alfândega), Correios e Telégrafos do tempo das caixas postais e endereços telegráficos, competindo com a modernidade da Western.

No mesmo dia fomos agraciados com o título de “Doutor Honoris Causa” da UnP e alternadamente de Professor Emérito da UFRN.

Nessa viagem sentimental registro as figuras de Wilson Juvinô de Oliveira, meu parente e patrocinador de programas na Poti, dos alfaiates, Sorveteria Eldorado de Jessé Freire. Enfim, da Rádio Poti e seus programas de auditório, com a apresentação de um cast variado, inclusive dos meninos prodígio: eu, Odúlio Botelho, Edmilson Avelino, José Filho e Agnaldo Rayol. Eider foi responsável pela época de ouro da nossa radiofonia, trazendo semanalmente artistas famosos, nacionais e estrangeiros. O Superintendente era o macaibense Edilson Cid Varela.

Assim, nesse tempo encantado, fomos testemunhas da mesma paisagem de ternura física e humana e tive a honra de saudá-lo numa sessão da Semana Jurídica da UnP, em 2005, da qual reproduzo pequenos trechos onde entro em seus primeiros tempos:

Primeiras letras com a Professora Águeda de Oliveira Sucupira (Naná), sobre quem dedicou um capítulo especial no seu livro de memórias. Ela era Diretora de uma escola municipal postada na Av. Rio Branco (local onde o BB construiu sua sede da cidade alta), nos idos de 1931 onde estudou até 1934. Não esqueceu as suas auxiliares D. Helena, Preta e Auta, sobre as quais derrama suas emoções mais caras, aliadas a um amor quase filial, incluídas também em suas permanentes orações, acrescentando “Por isso, eu também tenho saudades da minha primeira professorinha. Foi ela quem me ensinou o be-a-bá e eu sequer soube por alguém quando o Senhor do Universo a chamou para perto de si, para “desarnar” as criancinhas que, certamente, chegaram ao céu sem conhecer as primeiras letras nem os primeiros números. Que saudades, Naná”. Em 1935 foi para o Colégio Pedro Segundo, do Prof. Severino Bezerra de Melo, daí para a escola particular do Prof. Antônio Fagundes, posteriormente o tradicional Atheneu Norteriograndense, em 1937, aos 13 anos de idade, tendo concluído o Colegial em

1944 e, somente em 1955, com 30 anos de idade, submete-se ao vestibular da Faculdade de Direito de Natal.

Bacharel em Direito pela UFRN, 1ª Turma, em 9 de outubro de 1959, denominada “Turma Clóvis Bevilácqua”, paraninfo Prof. Edgar Barbosa, Aula da saudade Paulo Viveiros.

Em 1968 iniciou o seu magistério universitário, levado pelas mãos do colega de turma Reginaldo Teófilo, a pedido de João Wilson Mendes de Melo, que comandava a Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais, começando nas lides do Direito Financeiro e Tributário [cadeiras que lecionei por longo tempo], depois Direito Comercial, Direito do Trabalho e Mercado de Capitais, tendo ainda demonstrado os seus conhecimentos em outras searas do Direito, quando transferido para o Curso de Direito, lotado no Departamento de Direito Privado, até a sua aposentadoria em março de 1991. Recebeu a láurea de “Professor Emérito da UFRN” em 17 de dezembro de 1997.

Na Rádio Educadora de Natal – (REN), nos idos dos anos 40, integrou, como músico, a Orquestra de Salão daquela rádio e o Quinteto “Alberto Maranhão”. Depois, como jornalista. Passagem pelo teatro amador. Chegou a tocar na orquestra de Mozart Brandão, quando por aqui passou - a mesma orquestra com a qual gravei um disco em Fortaleza e que tinha como um dos seus músicos o famoso Evaldo Gouveia.

Foi coroinha [também fui em Macaíba com o Padre Chacon], conduzindo o turíbulo no séquito após a catequese das Professoras Beatriz Cortez e Maria Citaro da Costa, que o levou à Primeira Eucaristia, tornando-se sineiro de missa de 7º dia pelo que, confessa, recebeu a primeira remuneração de sua vida. A vocação não foi longe, embora continue fervoroso cristão. Ao relatar esse fato, conclui que “essa não era a minha vocação, e assim Deus não me convocou para o seu ministério. Certa vez, quando falava a alunos conculintes do Pré, no Colégio Marista, sobre as vocações, fiz referência a esse fato para concluir: a Igreja deve ter perdido um

grande padre, mas minha mulher ganhou um grande marido. Sem a menor dúvida, responderiam os anjos!”

A propósito de D. Helenita, a sua presença é uma constante em todos os momentos de sua vida e a ela dedica incontáveis registros da história de sua existência e a sua primeira composição “Sozinho neste mundo” a quem dedica com a afirmação de ter sido a primeira e única namorada.

Nas lides advocatícias, estagiou com o famoso causídico Hélio Mamede de Freitas Galvão e chegou a chefiar a Ordem dos Advogados, Seção do Rio Grande do Norte, num pleito memorável, que marcou a transição da velha Instituição para os novos tempos, substituindo o Dr. Claudionor Telógio de Andrade após 20 anos de presidência. Sua gestão foi marcante em todos os sentidos, inclusive o da transferência do prédio acanhado da Rua da Conceição para a sede do antigo Tribunal de Justiça. Ali permaneceu por 8 anos consecutivos (01/02/69 a 01/02/77).

Antes de concluir a minha oração vale indagar: será que não discordamos de nada na vida? Sim, discordamos – ele era ABC F.C. e eu sou América F.C. (opositores cordiais), tipo de gente que já desapareceu nos dias presentes.

Agora, efetivamente, termino esta homenagem afirmando: UM HOMEM como EIDER, pode ser considerado verdadeiramente UM IMORTAL.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é advogado, escritor e professor aposentado da UFRN. Membro Honorário Vitalício da OAB/RN, Professor Emérito da UFRN, Membro da ANRL e de outras instituições culturais.

PADRE SÁTIRO: MENTE ILUMINADA A SERVIÇO DO POVO DE DEUS

Edilson Segundo

Fazenda Poço de Pedra, zona rural de Pau dos Ferros, propriedade de Sátiro Ferreira Nunes. Homem respeitado, que por essa razão, era conhecido como Coronel Sátiro. Pois bem, no dia 22 de janeiro de 1930, a sua filha Erondina Cavalcanti Dantas e o esposo João Fernandes Dantas ganharam mais um filho, Sátiro Cavalcanti Dantas. Recebeu esse nome em homenagem ao avô materno e, por isso, era chamado Netinho. Da extensa prole de 12 filhos, sobreviveram cinco: Socorro, José Fernandes Dantas, Sátiro, Francisca Dantas e Erondina Dantas.

A infância do menino Sátiro foi em Pau dos Ferros, chegando a morar em Marcelino Vieira e Antônio Martins. Seu pai, João Fernandes Dantas, paraibano da cidade de Pombal, foi ferroviário trabalhando como apontador na construção da estrada de ferro Caraúbas-Patu. O engenheiro era Pedro Leopoldo da Silveira, o pai de Padre Alcir Leopoldo Dias da Silveira (meu avô materno e tio, respectivamente). Perdeu o pai bastante cedo, com quarenta e dois anos. Coube a viúva, Dona Erondina, assumir a árdua missão de cuidar dos cinco filhos e do armazém que o seu esposo mantinha há pouco tempo. Esse armazém era sortido. Vendia do sabão à fazenda, do pirulito que vinha de Manoel Negreiros, de Mossoró, das Lojas Manoel Negreiros, ao queijo de Janduí-RN. Contudo, não prosperou. Em menos de dois anos, foi à falência. A inexperiência de Dona Erondina e os filhos José Dantas e Sátiro contribuíram para o seu fechamento. Para o jovem Sátiro foi uma experiência muito marcante, porque seria um começo de uma longa jornada. Com dificuldades financeiras, Netinho passou a vender água num jumento extraindo o precioso líquido das cacimbas e do Açude 25 de Março. Com essa modesta renda, Sátiro comprou o enxoval, quando estava se preparando para o Seminário Santa Teresinha.

Na família, inicialmente, quem desejava ser padre era o seu irmão José Dantas. Quando seu pai, João Dantas, foi doente para Recife-PE, com um tumor no estômago e desenganado pelo médico Lavoisier Maia, em Mossoró. Resiliente, João Dantas, antes de falecer, fez recomendações para José Dantas, que ele chamava de Dedé e Sátiro, chamado de Netinho: “Dedé quer ir para o seminário, incentive. Netinho é meio peralta, ainda não sabe o que quer, mas ele vai ser alguém, também”.

A partir daí, a situação se inverteu. A vocação sacerdotal do irmão mais velho foi transferida para Sátiro. Zé Dantas foi para Mossoró estudar. Sátiro ficou em contato com o padre Manoel Caminha Freire, seu grande incentivador. Além dele, apenas a sua mãe acreditava que o jovem Netinho queria ser padre. Sobre o tema, Sátiro se recorda com saudade da professora no Grupo Escolar Joaquim Correia, Sotera Arruda. Dona Sotera havia dito: “esse menino é inteligente, quer ir para o seminário estudar bem e depois ser doutor, não quer ser padre”. Mas Padre Caminha e Dona Erondina insistiram e Padre Caminha afirmou taxativamente: “que se Mossoró não aceitar você, eu lhe mando para Limoeiro do Norte, no Ceará”.

Sátiro chegou ao seminário com uma turma atrasada no dia 9 de fevereiro de 1943. Nesse dia foi a primeira vez que o jovem seminarista viajaria num trem lá de Mombaça, a gente pernoitava em Mombaça, e vinha no trem para Mossoró. Chegando às 10 horas da manhã e às 10 horas mesmo foi levado para o seminário. O reitor era Padre Huberto, a quem Sátiro deve bastante a sua formação. Padre Huberto fazia um diário. Na chegada, do jovem seminarista depois de um mês ele dizia: “Chegou um tal de Netinho, pelas aparências vai ser gente. Promete e muito”. Essa observação de Padre Huberto foi extraída do livro Memorial do Seminário de Mossoró do ex-seminarista e eminente escritor upanemense Josafá Inácio da Costa e mencionada por Sátiro em entrevista para o programa Mossoró de Todos os Tempos da TCM (TV Cabo Mossoró), em 2011.

Padre Sátiro também estudou nos seminários de Fortaleza-CE e Olinda-PE e em São Leopoldo-RS, onde cursou Filosofia, de 1949 a 1951. Sátiro tinha uma grande admiração pela ação católica. O segundo bispo de Mossoró, o pernambucano Dom João Batista Portocarrero Costa (1904-1959), disse: “Olha a Teologia”. E você faz Filosofia em São Leopoldo e depois vai fazer Teologia na Argentina”. Estava no auge da ação católica. E Dom Costa era o papa da Ação Católica no Brasil, ele e Dom Hélder Câmara. Em Buenos Aires estava o Cardeal Caggiano, que era o ‘ás’ da Ação Católica na América Latina. Quando Sátiro estava terminando Filosofia, em São Leopoldo, Dom Costa mudou de ideia e lhe comunicou: “Você não vai mais para a Argentina você vai para Roma”. Roma para um estudante sacerdotal eclesiástico era um sonho. Chegando na capital italiana em 1951, Dom Costa o orientou para estudar a Ação Católica. Sátiro fez um estudo paralelo sobre a JOC-Juventude Operária Católica. Na capital italiana, fazia o curso de Literatura em Teologia Dogmática, com as disciplinas paralelas, mas seu pensamento era pastoral, Ação Católica e os operários. Dom Costa foi transferido por causa de doença. Em seu lugar, veio o dinâmico baiano Dom Eliseu Simões Mendes (1915-2001). Foi Dom Eliseu que ordenou Padre Sátiro no dia 8 de dezembro de 1954 em Roma. Data especial porque era o Cinquentenário do Colégio Imaculada Nossa Senhora da Conceição, essa, Padroeira de Pau dos Ferros.

Sátiro passou ainda um ano em Roma, como padre. Retornou a Mossoró no dia 28 de novembro de 1955 para ser secretário do Colégio Diocesano, lá no prédio velho (Atualmente Agência do Banco do Brasil), localizado na Praça Vigário Antônio Joaquim. Mais uma vez a sua vida teve que passar por grandes desafios. Porque, em nenhum momento imaginou em ser professor, já que não tinha feito matéria pedagógica, nos locais em que estudou. No outro dia, estava com o cearense Cônego Francisco Sales Cavalcanti (1911-1991), então diretor. No colégio lecionava História e outras disciplinas. Em 1956 foi nomeado professor da Escola Normal de

Mossoró. Ministrava as suas aulas de batina branca. Nessa lendária instituição educacional mossoroense exerceu a docência por 22 anos. Ainda em 1956, em 9 de junho presenciou a inauguração do novo prédio – e atual - do Colégio Diocesano Santa Luzia, graças ao esforço incessante do Cônego Sales, que esteve à frente da construção.

Em 30 de dezembro de 1956 foi nomeado Capelão da São Vicente. Função que ocupou até o dia 2 de setembro de 2012, depois de relevantes serviços prestados àquela comunidade religiosa e patrimônio cultural da cidade. Afinal de contas, nunca é demais lembrar que foi nas imediações da Capela de São Vicente que houve a maior resistência de Mossoró, ao bando do temível cangaceiro Lampião. Nas suas proximidades, o cangaceiro Colchete foi morto e Jararaca baleado, falecendo seis dias depois.

Em 1º de janeiro de 1961, foi nomeado diretor do colégio pelo 4º Bispo de Mossoró, o cearense Dom Gentil Diniz Barreto (1910-1988). No secular educandário criou a Universidade Infantil de Mossoró– UNIFAM, em 1976, construiu o parque poliesportivo, capela ecumênica e diversas salas de aula. Nas dependências do Colégio Diocesano Santa Luzia, criou o Ginásio Centenário, o Cardeal Câmara e o Dom Costa. Quando Capelão da São Vicente, Sátiro criou em 13 de junho de 1974, a Escola 13 de Junho.

Em 5 de março de 1981, Padre Sátiro criou a Fundação Sócio-Educativa do Rio Grande do Norte – FUNSERN. A FUNSERN é um complexo educacional de ampla atuação que envolve as instituições: Pastoral da Gruta, Creche Erondina Cavalcanti Dantas, Biblioteca Dorian Jorge Freire, Banda de Música Cabo Pereira, Posto de Saúde Alice Almeida, FM Santa Clara, inaugurada em 18 de maio de 1988, Mosteiro da Fraternidade São Francisco de Assis, no bairro Dom Jaime Câmara, inaugurado em 11 de agosto de 1999 na rua Erondina Cavalcanti Dantas.

Em 1985, Padre Sátiro se engajou no processo de estadualização da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN.

Nessa época, a futura universidade era vinculada ao município de Mossoró. Como reitor da instituição, Sátiro enfrentou uma grave crise, com seis meses de salários atrasados. Nesse processo contou com a colaboração do conterrâneo e amigo, Canindé Queiroz, o apoio necessário para luta que estaria por vir. Foi até Natal sozinho para conversar com o governador á época, Radir Pereira. O ano era 1986. Campanha eleitoral para governador do estado. Cada um candidato manifestou seu apoio. Geraldo foi o primeiro e explodiu uma bomba, dizendo ao público: “Se Radir não estadualizar a universidade, o primeiro ato do meu governo vai ser a estadualização”. A história se deu que a universidade foi estadualizada em 7 de janeiro de 1987. Radir certo que Sátiro ficaria no segundo mandato. Mas não. Para Padre Sátiro, a missão já estava cumprida.

Embora, tivesse ligação política na família, pelo lado materno, Padre Sátiro optou por não participar ativamente. O seu avô era político. Seus tios maternos, os advogados Israel Ferreira Nunes e Licurgo Ferreira Nunes, também. O primeiro foi deputado por vários mandatos, ao passo que o segundo foi prefeito de Pau dos Ferros. Chegou a ser convidado para se candidatar a Prefeito de Mossoró em 1972. Declinou do convite, peremptoriamente.

Em 25 de setembro de 1988, fundou com vários intelectuais mossoroenses, a Academia Mossoroense de Letras-AMOL. É o primeiro ocupante da cadeira 11, cujo patrono foi Luiz Ferreira Cunha da Mota, Padre Mota (1897-1966). Essa entidade cultural lhe era bastante familiar, visto que seu tio materno, médico Raimundo Nonato Cavalcanti Nunes (Raimundo Nunes) foi o primeiro ocupante da cadeira 28. Raimundo Nunes faleceu em 19 de janeiro de 1990 em Natal-RN. Quem sucedeu seu tio foi o seu irmão, José Fernandes Dantas. É sócio do Instituto Cultural do Oeste Potiguar-ICOP e da Academia de Ciências Jurídicas e Sociais de Mossoró-ACJUS.

Publicou vários trabalhos: Contribuição de Leão XII a questão social, 1966; Homenagem Póstuma ao Acadêmico Raimundo

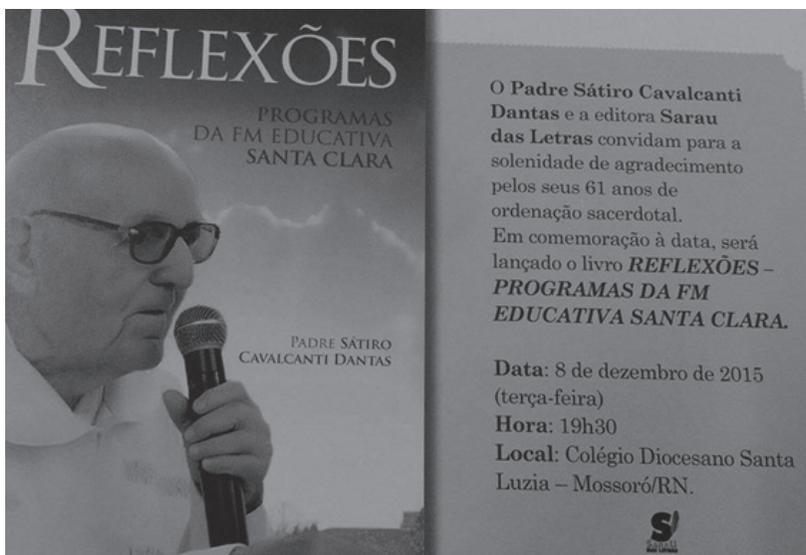
Nonato Nunes, 1990; Os Bastidores de uma Luta, 1991, dentre outros.

Com uma trajetória reconhecida em defesa da Educação e da Sociedade Potiguar, o Padre Sátiro Cavalcanti Dantas lançou na noite de 08 de dezembro de 2015, o livro “Reflexões – Programas da FM Educativa Santa Clara”. Trata-se de uma coletânea dos melhores momentos de seu programa diário na FM Santa Clara (105), apresentado sempre às 18h. O título foi cuidadosamente compilado pelos escritores David Leite e Clauder Arcanjo, da editora Sarau das Letras, em uma justa homenagem ao padre. A data marcou os 61 anos de sua ordenação sacerdotal e os 161 anos do dogma da Imaculada Conceição.

O lançamento ocorreu no Colégio Diocesano de Santa Luzia. Toda a renda obtida do evento foi revertida para a Construção do Centro de Evangelização Madre Maria Cecília, do Santuário de Santa Clara.

Prestigiando a solenidade, o reitor da UERN Pedro Fernandes Ribeiro Neto ressaltou a importância de Padre Sátiro: “Como disse o bispo Dom Mariano, Padre Sátiro foi fundamental no envolvimento da Diocese de Mossoró com a educação, um fervoroso defensor. Ele foi do Conselho Estadual de Educação e deu sua contribuição para todo o estado. Como reitor da UERN atuou na conquista da estadualização. Padre Sátiro é uma referência para todos nós”, afirmou Pedro Fernandes.

A noite contou com apresentação do Coral Diocesano e a banda Fanfarra formada por ex-alunos de diferentes gerações.



Convite de lançamento do livro. Fonte: Diocese de Mossoró.

Padre Sátiro deixou a direção do Colégio Diocesano Santa Luzia em 8 de junho de 2016, em bela solenidade. Emocionado, pediu ao bispo Dom Mariano Manzana que o seu dileto conterrâneo, Padre Charles Lamartine de Sousa Freitas, o sucedesse.

Sátiro mantém a sua participação nos eventos, inaugurações, solenidades, lançamentos, na cidade de Mossoró. Apesar de não se considerar como presença ativa, e sim mais contemplativa e de entusiasmo. Ele de fato, entusiasma as gerações novas. Porque a sua atividade fecunda nos mais diversos ramos de atividade, enriquece não apenas a gleba mossoroense, como o oeste potiguar, em especial.

Eu tive o privilégio de sua presença, em uma ocasião muito especial. Em 28 de maio de 2015, no cinquentenário da morte de Pedro Leopoldo da Silveira, meu avô materno e amigo de Padre Sátiro, eu lancei o livro “Nas Trilhas de Meu Avô” pela editora Sarau das Letras. Foi, também, minha solenidade de posse do Instituto Cultural do Oeste Potiguar-ICOP. E lá estava ele, prestigiando o evento e o amigo de longa data, Alcir Leopoldo Dias da Silveira, que proferiu um belo discurso no auditório da Biblioteca Muni-

cipal Ney Pontes Duarte. A emoção foi enorme, porque eu estava integrando o quadro de sócios dessa entidade cultural, que conta, desde a sua fundação com expoentes ilustres do meio literário potiguar e nacional. Estava me juntando ao meu homenageado avô, o meu tio Alcir e Padre Sátiro, como sócio desta alterosa instituição. Não bastasse, o Colégio Diocesano Santa Luzia foi a minha base educacional, meu segundo lar. Lá estudei, desde a tenra infância até a adolescência, bem como meus irmãos, primos e, onde, desde 2014, minha amada filha, Larissa Elena estuda.

Em sua terra natal, Padre Sátiro foi merecidamente homenageado, como patrono de biblioteca, a Biblioteca Setorial Padre Sátiro Cavalcanti Dantas do Campus Avançado de Pau dos Ferros. Inaugurada em 30 de novembro de 2018 pela manhã, contou com a ilustre presença do homenageado. Na ocasião, num dos momentos mais marcantes da solenidade:

“Não escrevi nenhum discurso de propósito, para que meu coração se abrisse em Pau dos Ferros... Quero documentar minha presença nessa solenidade e na Biblioteca, para que ela tenha sempre uma parte de mim. Por isso, decidi doar toda a obra de Santo Agostinho do acervo da minha biblioteca pessoal”, afirmou Padre Sátiro, sendo muito aplaudido.



Sítiro discursando em Pau dos Ferros, 30/11/2018.

Fonte: Diocese de Mossoró

Mossoró, 22 de janeiro de 2020. 90 anos de Sítiro Cavalcanti Dantas.

JOSÉ EDILSON SEGUNDO é graduado em Ciências Biológicas (UFRN), Mestre em Geociências. Coautor do livro “Mossoró e Tibau em Versos”, “História da Liga Operária de Mossoró “e outros trabalhos.

A REPRESENTATIVIDADE FEMININA EM “A PAREDE” DE EDNA DUARTE (PARTE 1)

*Denise Coutinho de Souza &
Cássia de Fátima Matos dos Santos*

INTRODUÇÃO

A produção literária no Rio Grande do Norte deu-se tardiamente, visto que o estado não conseguia acompanhar o que acontecia em São Paulo, onde ocorria a maior parte da produção de literatura do país². Mesmo diante disso, a literatura norte-rio-grandense foi produzida ao seu próprio passo. Podemos perceber isto quando analisamos que em plena semana da arte moderna, o Rio Grande do Norte ainda, notadamente, prendia-se à literatura clássica. Por outro lado, nota-se que no estado havia bastante produção poética. Final do século XIX e começo do XX, o que se conhecia de literatura produzida no estado era poesia. Temos muitos poetas para citarmos, entretanto, neste trabalho, pretendemos abordar uma das escritoras de ficção que consideramos uma das mais importantes do nosso estado, mas que até o momento não obteve análises e estudos sobre sua obra.

A produção ficcional no Rio Grande do Norte, segundo Gurgel, iniciou-se ainda no começo do século XX (anos 14 – 15), mas foram tentativas consideradas totalmente frustradas. Cascudo, em sua obra *Alma Patrícia* chegou a afirmar, sobre a produção de ficção daquela época: “fracos e mal observados”. A prosa norte-rio-grandense passa a ter real importância ao lançamento de *Flor do*

2 ALVES, Alexandre. *Poesia submersa: poetas e poemas no RN 1900-1950*.

Sertão de Polycarpo Feitosa (1928) e *Gizinha*, que teve atenção até no sul do país, por ser um romance de qualidade e de natureza realista. O lançamento da obra *Macau* de Aurélio Pinheiro, pelos anos 20 no século passado, também teve destaque. Isto é apenas uma minimalista introdução sobre o começo da produção ficcional no nosso estado, entretanto, temos muitos outros nomes, que podemos verificar na obra *Ficcionistas Potiguares* (2010) de Onofre Jr.

No encerramento da apresentação de sua segunda edição de *Ficcionistas Potiguares*, em 2010, Onofre Jr. afirma que “[...] já não se pode dizer que o Rio Grande do Norte seja uma terra só de poetas...” (p.16). Nos são apresentados 37 nomes de nossa literatura ficcional, sendo 34 homens e 3 mulheres, é aqui onde encontramos o nome da contista, cronista e poeta, Edna Duarte Dantas, que assinará suas obras apenas como Edna Duarte.

No dia 16 de setembro de 1939, em Mossoró, nascia Edna Duarte, filha de Amâncio Dantas e de Bernadina de Carvalho Dantas. Estudou no Ginásio Sagrado Coração de Maria, aqui no Rio Grande do Norte, dando continuidade aos seus estudos quando se mudou para Fortaleza, como interna no Colégio Imaculada Conceição. Voltando ao Rio Grande do Norte, Duarte formou-se em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde passou em primeiro lugar. Entretanto, mais tarde, optou pelo magistério. Foi aos 11 anos que começou a conhecer-se como escritora, escrevendo crônicas para o principal jornal de Mossoró, *O Mossoroense*.

Quando exercia a função de secretária da direção do Diário de Natal, escreveu o seu primeiro livro intitulado *Sete Degraus do Absurdo* (1977, Contos), com a qual obteve Menção Honrosa do Prêmio Câmara Cascudo de 1974. Em 1976, Edna Duarte passou a fazer parte do quadro de funcionários da Fundação José Augusto, como Coordenadora de Patrimônio. Logo mais publicaria *Serpentário* (1982, Contos), *Calungagens de Papel* (1984, Crônicas), que lhe valeu o Prêmio Câmara Cascudo de 1983, *Liquidação Final* (1986, Contos), *Signos da Solidão* (1990, Contos) e *A Barca de*

Cristal (1995, Poesia). Atualmente, além de ainda pertencer ao quadro de funcionários da Fundação José Augusto, pertence à Academia Mossoroense de Letras, ocupando a cadeira número 9.

Este artigo analisa o conto “A parede”, o primeiro do livro *Sete Degraus do Absurdo*. Nesta obra, todos os personagens principais são do sexo feminino, e o que se pode notar é que a temática presente é diretamente ligada a contextos vividos e presenciados apenas por mulheres. Primeiramente, no item 1, iremos discutir sobre o conceito de representatividade na literatura e situaremos alguns exemplos. Em seguida, no item 2, iremos fazer a análise do conto relacionando perspectiva teórica e contexto social, em que trataremos aspectos que dialogam com a perspectiva do conto e, por último, nossos resultados.

1. A representatividade na literatura

O conceito “representatividade” vem sendo bastante discutido ultimamente em todo o mundo, principalmente na literatura. Mas o que é representatividade? Segundo Bobbio (2004), em seu dicionário de política, este conceito “liga-se à ideia daquele que representa politicamente os interesses de um grupo, de uma classe ou de uma nação. Ela se concretiza através da ação, adesão e participação dos representados” e ainda escreve mais a frente sobre o valor da representatividade. Vejamos:

O valor da representatividade pode ser mensurado pela quantidade e pela qualidade da informação e da interlocução regular com os representados, pela condução das ideias, opiniões, vontades e interesses dos mesmos representados com o grupo que representa, pela representação e participação institucional que realiza, e pelas lutas, propostas reivindicativas e negociações coletivas que desenvolve. (2004, p.38)

Ou seja, a representatividade é um ato político, onde há representantes de um determinado grupo que estaria silenciado e sem participação ativa na sociedade, pois suas vozes não teriam frentes ou representantes. Normalmente, o representante tem interesses, opiniões e ideias iguais aos representados, isto é, passa a ser algo pessoal, o que aumenta ainda mais a importância do termo, pois se presenciou situações que o enquadram dentro do contexto da classe, pode falar e participar com mais propriedade. É o que podemos chamar também de “lugar de fala”.

Começaremos a entender com exemplos práticos que, tudo surge com uma exceção (que é um diferencial) para afirmar que tal pessoa estaria representando através dos atos uma luta coletiva. No século XIX, podemos observar algumas colocações distintas das normalmente empregadas. Um exemplo disto é o romance *Úrsula* (1859), da escritora Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira, embora pouco se fale sobre ela. Há um diferencial em sua obra, pois, além de ser uma mulher negra escritora em pleno século XIX, quando ainda permanecia o sistema escravocrata, também, a partir de sua escrita, coloca negros e brancos como iguais, dando voz ao negro. Entretanto, exemplos como o de Reis se fizeram com muita dificuldade, pois a idealização do homem branco sempre foi a que permanecia.

Buscar o lugar de fala na literatura, compreendida, dentre tantas outras acepções, como uma forma de conhecimento e expressão humanas, com certeza não foi menos difícil, principalmente porque a literatura é tida como um conhecimento para poucos e isolada do acesso às minorias, o que dificultou ainda mais o processo de representatividade dentro deste âmbito. Podemos usar como exemplo o escritor José de Alencar, que ao escrever sobre o índio o colocava como um herói, um forte guerreiro e, ao descrever Iracema, uma índia, além de apresentá-la como guerreira, também a situou como uma mulher apaixonada pelo seu colonizador. Nesse caso, vemos a posição de Alencar, da sua perspectiva no romance nacionalista. Imaginem, naquele contexto, a importância de se ter

um índio escrevendo de sua própria perspectiva. Ele que teve suas terras roubadas, sua cultura desrespeitada. É neste ponto que observamos a importância da representatividade.

Outro caso que podemos observar é o do mais importante escritor brasileiro: Machado de Assis, sobre quem até hoje é necessário lembrar a cor de sua pele. Mas porque essa necessidade? Assis tem passado há muito por um processo de embranquecimento. As fotos do escritor são (em sua maioria) clareadas, dando muito bem a entender que ele era branco. Recentemente uma faculdade coloriu uma foto do escritor para lembrar que ele era negro e que a elite o desconstruiu. A importância disto é enorme. Veja bem: o mais importante escritor brasileiro era negro. A população negra em nosso país, que ainda sofre todo tipo de preconceito pela cor da pele, é uma minoria no sentido da exclusão, mas maioria em número populacional, com certeza sente a importância e, principalmente, deve se sentir representada. Esta representatividade não se dá apenas pelo escritor ser negro, mas, principalmente pela sua escrita, rica de tantos personagens diferentes. Compreende-se que a literatura não é alegação direta do contexto do autor, entretanto, pode fazer refletir e carregar “[...] marcas culturais que afetam os processos de formação, com suas peculiaridades e possibilidades, ou seja, o registro de uma construção das diferenças e das distintas formas de se lidar com as experiências do desenvolvimento social e cultural do indivíduo e da coletividade.” (ZINANI & POLESSO, 2010, p. 100)

Um último caso de representatividade é sobre as mulheres. Escrever nunca foi tarefa de mulher, os homens sempre assumiram este ofício, mas há mulheres que escreviam mesmo sem o consentimento dos seus maridos, pais, irmãos ou protetores. Para elas era necessário falar, mesmo que por um papel. A mulher sempre teve sua fala roubada, principalmente na literatura. Posso até afirmar que a maioria dos estereótipos ligados às mulheres surgiram diretamente da literatura produzida por homens (o maior exemplo é a Bíblia Sagrada). Homens criaram espaços, falas e projetaram tudo

nas mulheres. As que se atreviam a escrever não tinham como se mostrar, então era necessário o uso de um pseudônimo. O caso mais recente e conhecido é o da escritora J. K. Rowling, que ao escrever a série de livros *Harry Potter* teve que esconder seu nome para não afastar os leitores masculinos.

Hoje em dia temos, então, conhecimento de muitas mulheres que escrevem sobre mulheres. Mulheres que abordam diretamente a sua condição e de tantas outras, criando espaço para que outras tantas mulheres possam também falar e ser ouvidas. A representatividade na literatura é essencial para que possamos entender que ninguém tem lugar pronto, e que todos podem chegar onde quiserem. É muito relevante se ver em um lugar que ninguém viu. “Eu estou neste texto”, “Ela é como eu”. A literatura nada mais é que a representação da sociedade, mas é preciso, ainda, inserir alguns grupos nesse espaço. Os convidar a mostrar-lhes a sua realidade ou o que viram. É o que veremos no próximo tópico. Por uma parede, Edna Duarte nos mostra a realidade de uma mulher, que pode ser a de várias. Isto é representatividade feminina na literatura.

(Continua na próxima edição)

DENISE COUTINHO DE SOUZA (Autora). Especialista em Literatura e Cultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: denisecoutinho@hotmail.com. **CÁSSIA DE FÁTIMA MATOS DOS SANTOS**: (Orientadora). Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: cassiafmsantos@gmail.com

AS CONTRIBUIÇÕES DE RUI BARBOSA E DE ANTÔNIO GONÇALVES DIAS PARA A HISTÓRIA OFICIAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Francisco Fernandes Marinho

Homenagem aos 120 anos da publicação da obra Impugnação dos embargos do Ceará pelo Rio Grande do Norte, de Rui Barbosa, em 1908.

A grande figura de Rui Barbosa (1849/1923), ornada com as mesmas qualidades por ele atribuídas à imagem do seu pai, no Discurso proferido na Faculdade de São Paulo, como “espírito supremo daquele que me ensinou a sentir o direito, a querer a liberdade”, sobretudo com o culto à moral, ao estudo, à erudição, ao idealismo, à universalidade, na qual era a própria cosmovisão, o homem “legenda” da sua geração, passa despercebida ou de relance, até mesmo na pena de alguns dos seus mais importantes biógrafos, para a História do Rio Grande do Norte.

Fernando Nery, em Rui Barbosa: ensaio biográfico, no Capítulo “Patrono de Estados”, publicado em 1956, afirma, apenas, que “além do pleito do Amazonas com a União Federal para reivindicação do Acre, foi ainda Rui constituído patrono dos Estados: Rio Grande do Norte, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, - que contendiam, em questões de limites, o primeiro com o Ceará, o segundo e o quarto com Minas Gerais e o terceiro com o Dr. Américo Werneck (nulidade de arbitramento)” e que, “em 1904 publicou as razões finais pelo Rio Grande do Norte, volume de 467 páginas, escritas em vinte dias, e, em 1908, a Impugnação dos embargos do Ceará pelo Rio Grande do Norte.”

Em Limites entre o Ceará e o Rio Grande do Norte: razões finais de Rui Barbosa, o próprio Rui afirma que o Razões Finais pelo

Rio Grande do Norte foi “escrito em vinte dias e impresso em quinze, passando-nos as provas pelas mãos apenas uma vez, e rapidamente, um trabalho amplo, complexo, dificultoso e miúdo como este força é que se ressinta de não raros e, talvez, não leves defeitos”. É claro que, em se tratando em um caso de ordem pública, de interesse nacional como a fixação de limites entre dois estados brasileiros, o volume de informações constantes nos autos, a complexidade, a variedade e o imenso acervo de documentos, tinham que formar os quatro grossos volumes manuscritos e os treze volumes impressos, somando-se a esses ensaios, monografias, artigos jornalísticos, referentes aos dois Estados. E Rui debruçou-se sobre todos eles, lendo-os, inteligentemente, em semanas de assídua atenção, com a ponderação devida à gravidade do litígio e à majestade do tribunal, entre um trabalho de investigação imemorial e a lei expressa, na crítica forense, “para alegar, contestar, replicar, treplicar e, em geral, para dizer nos autos” e “ainda bem que ao Rio Grande do Norte se oferece lugar de acudir pelo seu direito”.

Os autos eram constituídos por nada “menos de quatro grossos infólios manuscritos e treze volumes impressos, encerrando 4.627 páginas. Dessas, perto de três mil cabem ao Ceará, cuja aparatosa colheita de provas se engrossa profusamente com as monografias, os ensaios, os artigos jornalísticos dedicados pelos seus naturais à causa de sua terra”, sem que fossem juntas aos autos as produções impressas, da parte do Rio Grande do Norte.

Rui, quão investigador hábil, além de coletar “quantas brochuras se ocuparam com a questão segundo o ponto de vista cearense”, mostrou-se “grato ao muito que devemos, neste apressado trabalho, aos que antes de nós ilustraram o assunto quanto aos direitos do Rio Grande do Norte”. Entre os trabalhos analisados, para melhor conhecimento, não apenas ilustrativo, mas da própria História e da Geografia do Rio Grande do Norte, e alguns, à época, ainda inéditos, podemos citar, dentre outros, “Questões de limites com o Ceará e o Rio Grande do Norte ou Potiguarânia”, “Questões de limites entre os estados do Ceará e Rio Grande do Norte. Exposição apresentada à honrosa Comissão de Cons-

tituição, Legislação e Justiça da Câmara pelo Deputado Augusto Tavares de Lyra”, “Limites entre o Ceará e o Rio Grande do Norte. Resposta ao Questionário Preliminar e réplica à do 1º Árbitro pelo Dr. A. Coelho Rodrigues”, “Questões de limites com o Ceará. Apontamentos e documentos (1ª Série) coligidos pelo Procurador Geral”, “Questão de limites entre o Ceará e o Rio Grande do Norte. Simples Notas ao Laudo do Sr. Conselheiro Lafayette por F. de S. Meira e Sá”, “Apontamentos sobre a questão de limites entre os estados do Ceará e Rio Grande do Norte”, etc.

O Limites sobre o Ceará e o Rio Grande do Norte: razões finais de Rui Barbosa, além de ser uma peça jurídica de caráter plenipotenciário, como patrono legal do Brasil na demanda contra a Bolívia, e Senador, caracteriza-se como uma página de História tanto do Ceará, quanto, e principalmente, do Rio Grande do Norte, por ser o seu patrono voluntário.

Bem além da visão de jurisperito, Rui Barbosa escreve sobre a criação das capitanias, a partir de 1598, e sobre a tradição geográfica, não apenas só dos cartógrafos e geógrafos, mas também de historiadores, citando o Barléus, cujas lucubrações foram contemporâneas, como já se viu, aos primórdios das duas capitanias, seguido de Gabriel Soares, do século XVI, Simão de Vasconcelos, do século XVII, e Jaboatão, do século XVIII, entre outros.

Rui faz um estudo sobre o *divortium aquarum*, entre o Ceará e o Rio Grande do Norte, e analisa a jurisdição do Rio Grande do Norte, antes e depois de 1793, sob a rubrica de foro, primeiro elemento de toda a civilização, e de registro de terras e, através da correspondência de Gedeão Moritz, concluindo que buscam os cearenses os títulos de posse das regiões salineiras, desde o regresso de Pedro Coelho, para afirmar que, em 1630, Verdonck, na Memória que então dirigiu ao Conselho Político do Brasil, ocupando-se com o Forte dos Reis Magos, faz referência à produção das salinas, apresenta uma Relação de atos e fatos administrativos, da parte do Rio Grande do Norte, a partir de 1799, e, com *O uti possidetis*, conclui

os Limites entre o Ceará e o Rio Grande do Norte: razões finais de Rui Barbosa, que se completa com a publicação, em 1908, da obra *Impugnação dos embargos do Ceará pelo Rio Grande do Norte*.

A tal extensão material para as contribuições ruínas, fundamentais para a compreensão de parte da História Oficial do Estado do Rio Grande do Norte, apoia-se, sobretudo, em “historiadores” norte-rio-grandenses do quilate de um José Leão, Tavares de Lyra, Vicente de Lemos, Antônio de Souza, Meira e Sá, Pedro Velho, de Coelho Rodrigues, e na inigualável contribuição prestada por Antônio Gonçalves Dias (1823/1864), quando da sua “comissão” encarregada pelo Governo Imperial às Províncias do Norte e do Nordeste para estudar a situação da instrução pública e fazer pesquisa histórica nos arquivos locais, entre 1851/52. A pesquisa histórica na Capitania do Rio Grande do Norte, realizada entre novembro e dezembro de 1851, resultou no “Catálogo dos capitães gerais e governadores da Capitania do Rio Grande do Norte, com anotações históricas e documentos oficiais”, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, tomo XVII, no ano de 1854.

O Catálogo que, provavelmente, serviu de base para “Capitães-Mores e Governadores do Rio Grande do Norte”, 1º volume, da autoria de Vicente de Lemos, publicado em 1912, e do 2º volume, concluído pelo Professor Tarcísio de Medeiros e publicado em 1980, e “Governo do Rio Grande do Norte (Cronologia dos Capitães-Mores, Presidentes provinciais, governadores republicanos e Interventores Federais, de 1597 a 1939) - com 195 biográficos e dados administrativos, históricos e econômicos”, de Luís da Câmara Cascudo, publicado em 1939, compõe-se das três seguintes partes: “Dos capitães-mores e governadores da Capitania do Rio Grande do Norte”, “Anotações ao catálogo dos capitães-mores e governadores da Capitania do Rio Grande do Norte”, e “Documentos que acompanham o Catálogo dos Capitães-mores e governadores da Capitania do Rio Grande do Norte”.

FRANCISCO FERNANDES MARINHO é escritor e professor, autor de “Bibliografia do Rio Grande do Norte” e outros livros.

QUEM FOI PADRE CÍCERO?

Benedito Vasconcelos Mendes

Padre Cícero (Cícero Romão Batista) foi um sacerdote e político cearense, carismático, caridoso, virtuoso, que dedicou todo o seu trabalho ao povo humilde do Nordeste. Nasceu na cidade cearense de Crato no dia 24 de março de 1844 e morreu em Juazeiro do Norte-CE no dia 20 de julho de 1934. Passou toda sua vida religiosa e política em Juazeiro do Norte. Entrou na política partidária com 67 anos de idade, quando em 1911 conseguiu elevar a então vila de Juazeiro para a categoria de município e tomou posse como seu primeiro prefeito, por articulação do médico baiano Floro Bartholomeu da Costa (1876-1926), que a partir daí passou a ter grande influência na vida política do sacerdote. Padre Cícero foi ser pároco na pequena e atrasada vila de Juazeiro em 1872, dois anos depois de ter concluído seus estudos no Seminário da Prainha em Fortaleza e se ordenado padre e aí permaneceu até sua morte. Sua vida religiosa foi muita conturbada, devido às divergências que teve com seus superiores diocesanos, primeiramente, com o segundo Bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira (1836-1917), e depois da instalação da Diocese de Crato, com o primeiro Bispo Diocesano, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva (1863-1929). O motivo das desavenças do Padre Cícero com seus superiores eclesiásticos foi o suposto milagre ocorrido em 1889, por ocasião de uma missa que ele celebrava. Uma de suas beatas, Maria de Araújo (Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo, 1863-1914), ao receber a comunhão das mãos do Padre Cícero, observou que a hóstia ficou vermelha em sua boca. O povo considerou o fenômeno um milagre, acreditando que teria sido o sangue de Jesus Cristo, que se fazia presente na boca da beata. A notícia do milagre se espalhou rapidamente e as romarias a Juazeiro se intensificaram, em busca da benção do Padre Cícero. Em 1894, a Santa Sé negou o milagre, determinou a saída do Padre

Cícero de Juazeiro, sob pena de ser excomungado, e suspendeu suas Ordens Sacerdotais, proibindo, assim, o Padre Cícero de celebrar os sacramentos e outros atos religiosos. Em obediência às determinações da Igreja, padre Cícero foi residir na cidade pernambucana de Salgueiro. Em 1898, ele viajou à Roma para se defender pessoalmente, perante as autoridades do Vaticano, das acusações que resultaram na sua punição. Ele foi ouvido pelo Supremo Tribunal do Santo Ofício e foi, em parte, absolvido, sendo-lhe permitido voltar a residir em Juazeiro e poder abençoar os fiéis, porém continuou proibido de celebrar missa e outros sacramentos. O então bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira e, tempos depois, o bispo de Crato, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, foram acusados pelo povo de perseguirem o Padre Cícero. Com o passar do tempo, cada vez mais foi aumentando o número de romeiros que se deslocavam até Juazeiro para pagar promessas. Com o aumento do número de romeiros do “Padim Ciço”, Juazeiro cresceu vertiginosamente e a liderança religiosa do Padre se tornou fanática, a ponto de ser considerado “santo” pelos sertanejos.

Em 1908, chegou a Juazeiro um médico baiano, Dr. Floro Bartholomeu da Costa (1876- 1926), que introduziu o Padre Cícero na política partidária e, a partir daí, começou a influenciar, de maneira decisiva, as ações políticas do Padre Cícero.

Em 1911, Padre Cícero, com a ajuda dos conchavos políticos de Floro Bartholomeu, foi escolhido para ser o primeiro Prefeito Municipal de Juazeiro do Norte e, na sua posse no cargo de prefeito, reuniu sob sua liderança 17 chefes políticos (coronéis) de toda a região do Cariri Cearense e firmou o famoso “Pacto dos Coronéis”, documento assinado por todos os 17 coronéis da região, garantindo que nenhum chefe político procuraria depor outro chefe, mantendo entre eles inquebrantável solidariedade, não só pessoal como política, sendo, em qualquer emergência, “um por todos e todos por um” e que manteriam incondicional solidariedade ao então Governador do Ceará, Comendador Antônio Pinto Nogueira Acciolly (1840-1921).

Em 1912, o Governador Nogueira Acciolly foi deposto e o Tenente-coronel Marcos Franco Rabelo (1861-1920) tomou posse como Governador do Ceará e demitiu o Padre Cícero do mandato de Prefeito de Juazeiro. Em fins de 1913 e começo de 1914, Juazeiro foi invadida por tropas policiais do Governo de Franco Rabelo, evento que ficou conhecido por “Sedição de Juazeiro”. As tropas policiais invasoras foram rechaçadas pelo exército de jagunços organizado e comandado por Floro Bartholomeu, com a total concordância do Padre Cícero. Os jagunços comandados por Floro Bartholomeu, depois de expulsar as tropas invasoras da cidade de Juazeiro, entraram em diversas outras cidades, ocuparam Fortaleza e ajudaram a depor o Governador Franco Rabelo. Este fato deu notoriedade ao Dr. Floro Bartholomeu, que depois, em 1926, quando ele criou o Batalhão Patriótico, para combater a Coluna Prestes, foi homenageado com o Título de General Honorário do Exército Brasileiro.

Em 1914, Padre Cícero foi eleito Prefeito de Juazeiro do Norte e Primeiro Vice-governador do Estado do Ceará e Floro Bartholomeu foi eleito Deputado Estadual, oportunidade em que foi escolhido para ser Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Floro Bartholomeu, com a ajuda do Padre Cícero, foi eleito duas vezes Deputado Estadual e duas vezes Deputado Federal. Após a morte de Floro Bartholomeu, ocorrida em 1926, Padre Cícero, por ser seu suplente, fez jus ocupar a cadeira de Deputado Federal, mas nunca saiu de Juazeiro do Norte para exercer o mandato de Deputado Federal no Rio de Janeiro. O que ele gostava mesmo era de ser prefeito de sua amada Juazeiro, cargo que exerceu, sem interrupção, de 1914 a 1927, além do pequeno espaço de tempo em que ocupou o mandato de Primeiro Prefeito de Juazeiro de 1911 a 1912, quando foi deposto pelo Governador Franco Rabelo. Até a Revolução de 1930, Padre Cícero foi o mais importante coronel político do Nordeste brasileiro.

Além da influência recebida, nos assuntos políticos, de Floro Bartholomeu, Padre Cícero também foi muito influenciado pelo

professor, jornalista, intelectual e grande abolicionista cratense José Joaquim Teles Marrocos (1849-1910) e pelo Tenente-coronel da Guarda Nacional, José Joaquim de Maria Lobo, que era próspero fazendeiro do município de Lavras da Mangabeira.

Lampião (Virgulino Ferreira da Silva, 1898-1938) visitou o Padre Cícero em Juazeiro do Norte em 1926, quando o Rei do Cangaço recebeu a patente falsa de Capitão do Batalhão Patriótico, criado pelo Deputado Federal Floro Bartholomeu para combater a Coluna Prestes, que na época estava rondando os sertões nordestinos. Lampião recebeu também fardamento, fuzis e munições doados por Floro Bartholomeu (Batalhão Patriótico de Juazeiro do Norte), com a justificativa de que iria combater a Coluna Prestes. Com o objetivo de enfrentar a Coluna Prestes, que percorria o território brasileiro e que na época estava atravessando o Nordeste, o Deputado Federal Floro Bartholomeu, por solicitação do Presidente da República, Artur Bernardes (Artur da Silva Bernardes, 1875-1955), criou, em Juazeiro do Norte, o Batalhão Patriótico e teve a ideia de reforçar o referido batalhão com os cangaceiros comandados por Lampião. O Batalhão Patriótico de Juazeiro era formado por policiais da Polícia Militar do Estado do Ceará, por militares do Exército Brasileiro e por jagunços, requisitados dos coronéis sertanejos (chefes políticos). Floro Bartholomeu solicitou ao Rei do Cangaço que fosse até Juazeiro do Norte para ter uma conversa com ele, visando a entrada de Lampião e de seu bando de cangaceiros no Batalhão Patriótico. Nesta ida a Juazeiro, Lampião receberia armamento, munição e farda para seus comandados, mas no período em que Lampião esteve em Juazeiro (4 a 7 de março de 1926), o Deputado Floro Bartholomeu estava gravemente enfermo no Rio de Janeiro, onde morreu no dia 8 de março, um dia após a saída do bando de Lampião da cidade de Juazeiro. Devido à ausência de Floro, Padre Cícero ficou com a obrigação de receber o bando de cangaceiros e entregar os fuzis, munições e fardas.

Padre Cícero de Juazeiro, juntamente com o Padre Ibiapina (José Antônio Pereira Ibiapina, 1806-1883), Beato Antônio Con-

selheiro (Antônio Vicente Mendes Maciel, 1830-1897), Beato Zé Lourenço (José Lourenço Gomes da Silva, 1870-1946), Beato Zé Senhorinho (José Ferreira da Costa, 1892-1938) e com o Frei Damião (Pio Giannotti, 1898-1997), por terem vivido na mesma época e na mesma região (Sertão nordestino), originaram um tipo de religiosidade diferente, somente encontrado no sertão seco e quente do Nordeste brasileiro. Padre Cícero foi contemporâneo do Padre Ibiapina por 39 anos. O Beato Antônio Conselheiro foi contemporâneo tanto do Padre Cícero como do Padre Ibiapina durante longos 53 anos. Beato Zé Lourenço foi contemporâneo do

Padre Cícero por 64 anos. Beato Zé Senhorinho foi contemporâneo do Beato Zé Lourenço durante 46 anos. Frei Damião foi contemporâneo do Padre Cícero por 3 anos e do Beato Zé Lourenço durante 15 anos. Este tipo de religiosidade singular, praticada pelos sertanejos nordestinos, baseada na romaria, no misticismo, no compadrio, no aconselhamento, e no endeusamento dos líderes religiosos, tem muito haver com as tradições culturais dos sertanejos, herdadas dos tapuias. Os índios nativos do semiárido nordestino (tapuias) tinham o costume do apadriamento e do aconselhamento. Ao Pajé, eles pediam conselhos sobre assuntos de saúde e religião e ao Cacique sobre assuntos relacionados com guerra e convivência social. Estas tradições culturais fizeram com que Padre Cícero fosse alcunhado de “Padim Ciço”, devido ao grande número de afilhados que ele tinha. O nome de Conselheiro (Antônio Conselheiro) também foi devido ao costume dos sertanejos de pedir conselhos. Na realidade, todos estes santos populares, eleitos pelo povo (Padre Ibiapina, Padre Cícero, Frei Damião, Beato Antônio Conselheiro, Beato Zé Lourenço e Beato Zé Senhorinho) gostavam de dar conselhos e tinham muitos afilhados.

Segundo o Padre Francisco Sadoc de Araújo (1931-), Padre Ibiapina influenciou tanto o Padre Cícero como o Beato Antônio Conselheiro na maneira de fazer religião. Ele pregou tanto para o Beato Antônio Conselheiro como para o Padre Cícero, antes deles começarem suas vidas de líderes religiosos. O jovem Cícero

Romão Batista, dois meses antes de entrar para o Seminário da Prainha em Fortaleza, com 21 anos de idade, assistiu às pregações do Padre Ibiapina por ocasião das Santas Missões de Missão Velha-CE, no dia 2 de fevereiro de 1865, oportunidade em que foi também inaugurada a Casa de Caridade de Missão Velha. Padre Ibiapina foi o precursor desta maneira singular de prática religiosa, usada no sertão nordestino.

Uma outra tradição dos sertanejos, herdada dos tapuias e que foi utilizada por estes líderes religiosos é o trabalho em mutirão. Os índios, tudo que faziam era em mutirão, caçavam em mutirão, pescavam em mutirão, coletavam frutos e mel de abelhas silvestres em mutirão e guerreavam em mutirão. Estes religiosos também usavam esta tradição sertaneja em seus trabalhos, em favor do povo e da Igreja. Padre Ibiapina, Beato Zé Lourenço e padre Cícero utilizavam o trabalho em mutirão para construir igrejas, capelas, cruzeiros, cemitérios, roçados e pequenos açudes no sistema de mutirão.

Um fato curioso ocorrido na vida do Padre Cícero foi o relacionado com um touro da raça zebuína Guzerá, que o padre ganhou de presente do cearense e grande industrial de Alagoas Delmiro Gouveia (Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, 1863-1917). Padre Cícero encarregou o Beato Zé Lourenço de criar o referido bovino, conhecido por “Boi Mansinho”, no Sítio Baixa Dantas. Este bovino chamava muito a atenção dos romeiros, por ser de propriedade do Padre Cícero e de ser de um tipo de gado diferente, com cupim muito desenvolvido, chifres grandes e barbela extensa. Naquela época, os zebuínos estavam sendo introduzidos nos sertões nordestinos, trazidos da Índia. No sertão só existia gado de origem europeia, que não tem cupim desenvolvido nem barbela extensa. O Sítio Baixa Dantas passou a atrair grande número de romeiros do Padre Cícero, devido à presença do Beato Zé Lourenço e do Boi Mansinho, que passou a ser adorado como boi milagroso. Os romeiros retiravam pelos da vassoura da cauda, raspa dos chifres e dos cascos, fezes e urina do boi milagroso, para ser usado

como remédio para a cura das mais variadas doenças. Devido o fanatismo dos romeiros, o Deputado Floro Bartholomeu, amigo fiel do Padre Cícero, preocupado com o desgaste da imagem do padre, mandou matar o Boi Mansinho e distribuir a carne com a população e prender o Beato Zé Lourenço.

Padre Cícero tornou-se conhecido na região antes do milagre da hóstia na boca da beata Maria de Araújo. Pouco tempo depois da chegada do Padre Cícero a Juazeiro, ocorreram duas grandes secas (seca de 1877-1879 e a seca de 1888), que fizeram com que este sacerdote ficasse admirado em todo o Nordeste brasileiro, por seu admirável trabalho de auxílio social ao povo, fornecendo comida, remédios e apoio espiritual às vítimas do flagelo climático.

BENEDITO VASCONCELOS MENDES é engenheiro agrônomo, professor e escritor, autor de “As artes na civilização da seca” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, sócio do Instituto Cultural do Oeste e outras instituições.

MANOEL FERNANDES DE NEGREIROS

50 ANOS DE SAUDADES

Paulo Negreiros

Manoel Fernandes de Negreiros, filho de Porfírio Antunes de Negreiros e de Maria Alves Maia (em algumas genealogias consta como Maria Carolina Fernandes Maia - conhecida por Cocota), nascido em Iracema-CE em 31 de janeiro de 1894, migrou, ainda jovem, com os pais e toda a família, para o eldorado dos seringais na Amazônia. Não esperavam que a vida fosse ainda mais difícil. Se aqui a seca e a pobreza matavam, lá na Amazônia eram os mosquitos, a malária, e os seringais já secos, sem produzirem. Porfírio e Dona Cocota tiveram os seguintes filhos: Solon - 1891, Manoel - 1894, Carolina - 1897 (casada com Abílio Deodato do Nascimento, pais de Sanderson Negreiros), José - 1903, Margarida (casada com Pedro Ferreira do Monte), Diogo Fernandes de Negreiros (casado com Iracy Seabra de Melo), Celedon, Fenelon, Maria e Rodolfo. Perdem dois filhos em plena selva...

Morre Porfírio deixando dona Cocota carregada de filhos e filhas. Cocota lembra, então, da sua sobrinha, VÊSCIA XAVIER FERNANDES, casada com o maior empresário do Rio Grande do Norte, VICENTE FERNANDES, e vai ao seu representante comercial na Amazônia e expõe o drama que estavam vivendo. É expedida correspondência à sua sobrinha Vêscia, que morava no Rio de Janeiro. Imediatamente as providências foram tomadas: financiou e orientou todo o processo de retorno - “nos caminhos da volta ninguém se perde”. Uma mulher viúva carregada de filhos na mais extremada miséria.

Descem do navio em Aracati – CE. Em carro de bois vão até Pau dos Ferros, lá não conheciam ninguém, sem hospedaria, hotel nem pensar. Solon e Manoel, dois dos seus filhos, sensibilizam o páro-

co para abrir a Igreja Matriz e lá se instalam, onde conseguem dormir. Posteriormente uma filha de Solon, Elizabeth, casaria com um filho de Manoel, Rafael, primos legítimos e pais deste escriba e mais cinco irmãos. Pela ordem: Paulo Eduardo, Armando Aurélio, Ricardo Rômulo, Rafael Bruno Filho, Fernando Gabriel e Glenda Elizabeth.

O encarregado dos negócios de Seu Vicente é comunicado no dia seguinte, e após entendimentos com a firma em MOSSORÓ, Seu Vicente manda buscá-los e os acomoda, empregando-os em sua empresa. De Seu Porfirio não existe nenhuma foto, pesquisei e não encontrei!

Em MOSSORÓ a situação toma outro rumo, novos contornos, empregados, ganhando bem, mesa farta, dona Cocota bem instalada, a situação cada dia melhorando. Seu Negreiros – como papai chamava meu avô - sentiu a necessidade dos estudos, pois, faturamento, duplicata, protestos, números, orientações e instruções por escrito era um mundo novo e desconhecido. Aos livros como convém, tornou-se um autodidata, com uma letra bonita e desenhada, aprendeu rápido a fazer as cartas à mão, nunca aprendeu datilografia nem quis aprender a dirigir.

Observando, sem participar das encrencas e fuxicos dentro da empresa em que trabalhava, manteve-se sempre longe das fofocas, seu lazer eram os livros, raros àquela época.

Em 1919, no dia 4 de setembro, casa-se com Maria Adelaide Fernandes Gurjão, que passou a ser conhecida como SINHÁ NEGREIROS. Seus pais eram Abílio Gurjão e Maria Urcicina Fernandes Gurjão, sua mãe, minha Bisavó Urcicina era irmã de Seu Vicente casado com Dona Vésia. Lembram da atitude desse casal? Mudou o destino de todos nós!!!

Dona Sinhá Negreiros era um poço de caridade, bondade, gentileza, educação, erudição e de muita simplicidade. Sua vida inteira era amparar as comadres e os desvalidos da sorte, não tinha hora para atender a quem dela precisasse. Convivi com ela diaria-

mente, quando morou lá em casa durante três anos, foi através dela que fui iniciado na leitura quando me presenteou com “Os doze trabalhos de Hércules” de Monteiro Lobato. Do seu casamento com Manoel nasceram: Gabriel Fernandes de Negreiros, Francisca Ruth Fernandes de Negreiros Rosado (depois que casou com Tércio de Miranda), Rafael Bruno Fernandes de Negreiros, Rômulo Agostinho Fernandes de Negreiros, Maria Luzia Fernandes de Negreiros Costa (depois que casou com Raimundo Nonato). Perderam dois filhos bem novos.

O trabalho era intenso, só tinha hora para começar, parar só tarde da noite. Aprendeu em Tertuliano Fernandes & Cia. a receber os representantes comerciais das importantes firmas do sul do Brasil, a lutar com o agricultor que trazia o algodão, o pecuarista que trazia a pele dos caprinos e o couro do gado. Com a escola da vida resolveu desligar-se de TERTULIANO FERNANDES e pediu as contas a Seu Vicente, que muito a contragosto aquiesceu.

Fundou o seu próprio negócio, a **CASA NEGREIROS**, que chegou a ser um dos maiores empórios do Nordeste. Tudo começou com o capital de vinte sacas de café, que ele vendeu em uma só mão, ainda por cima fiado, o que fez Seu Vicente ficar estarecido.

O negócio só fazia aumentar, a preocupação com os filhos era a educação, melhores colégios, melhores professores, que eles, os filhos, escolhessem o que estudar. O crédito que a **CASA NEGREIROS** dava aos seus fregueses era ilimitado. O Brasil no **Estado Novo** de Vargas, crescia, exportava de tudo. A comunicação, entretanto, era por cartas e pelo telégrafo, cada empresa tinha o seu nome que já identificava para quem ia o telegrama!

Se o freguês tinha dificuldades no pagamento das duplicatas seu Negreiros facilitava. E foi assim que começou a vender nesse nosso ex-sicar dos sertões, recebendo novilhos e bodes em troca de mercadorias.

Resolveu partir para a agricultura e pecuária, adquirindo propriedades, que eram a diversão dos seus netos mais velhos: Ra-

fael, Paulo, Newton, Armando, Ricardo, Manoel Neto, Rafael Filho, Fernando, Ciro Calazans, e as netas mulheres que pouco iam lá em suas fazendas - **São Gabriel** e **Santo Agostinho** - lembravam o poema imortal de Manuel Bandeira: Pasárgada!!!

A sua casa era o Porto Seguro dos primos, parentes, aderentes, dos funcionários da sua loja comercial, todos eram acolhidos pelo casal Manoel e Sinhá, alimentados e empregados, mas tinha uma condição: todos tinham que estudar à noite. Lembro dessa frase que ele gostava: DESCANSO ENQUANTO CARREGO PEDRAS!

O homem incansável com os negócios e a família, o casal protetor e acolhedor, vê a casa de morada ficando vazia, os filhos casando e saindo, a sua severidade e rigidez dão lugar a um homem manso e mais afetivo. A perda de Sinhá foi um grande golpe no patriarca, com certeza o mais duro de todos. Aos 17 de março de 1955 ela, vovó Sinhá, resolve ir morar com seu filho Rafael e sua nora Elizabeth. Seu Negreiros cuidava pessoalmente dos seus negócios, as fazendas tomavam os seus finais de semana.

À noite, religiosamente, vinha à nova casa de Sinhá, já doente, com dificuldade de locomoção. Seu Negreiros via e acompanhava de perto, mas a medicina nada podia fazer.

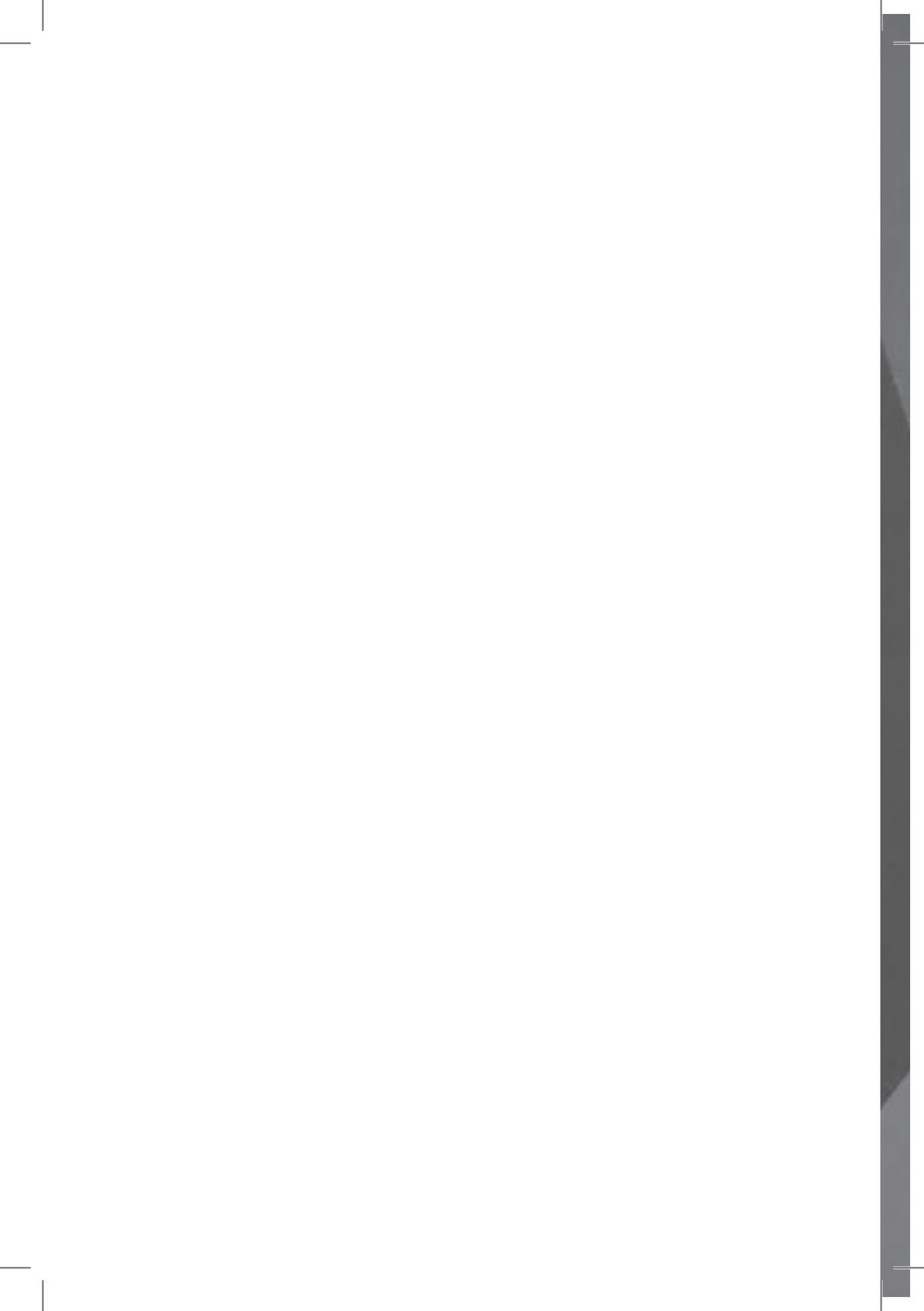
Maria Adelaide Fernandes de Negreiros faleceu em 12 de fevereiro 1958. Viúvo, Seu Negreiros envereda por uma forma de vida com muita meditação e começa a praticar a IOGA. Moramos quatro anos naquele casarão, acordando às quatro da madrugada e fazendo até as seis da manhã exercícios respiratórios e de auto controle emocional, que ainda hoje me servem e muito.

Inteligentemente ele foi reduzindo os negócios de forma gradual. Com a doença e morte do seu amigo e querido irmão, Solon Fernandes de Negreiros, ficou deprimido e encontrou, em sua prima de segundo grau, MARIA ZILDA DANTAS DE NEGREIROS, uma motivação para viver, contraindo segundas núpcias, na Catedral de Santa Luzia, no dia 4 de setembro de 1963. Zilda foi

sua companheira e esposa fiel até seu momento final. Em agosto de 1969 Seu Negreiros com uma disfagia (dificuldade de engolir) vai com seu filho Rafael ao Rio de Janeiro tentar um tratamento com Cobaltoterapia no Hospital dos Servidores do Estado (Hospital do IPASE), era o Hospital da Presidência da República, por lá vários presidentes tinham sido operados e curado suas mazelas, tudo debalde... de nada adiantou, a doença tirou-lhe as forças, o consumiu como quis, tendo partido no dia 07 de maio de 1970... Cinquenta anos!!!

Fica a lembrança, uma saudade que nos faz lembrar dos nossos mortos, dos meus mortos que são também de alguns de nós, na certeza de um reencontro na poeira cósmica.

PAULO NEGREIROS é médico dermatologista e escritor. Membro da Academia Mossoroense de Letras.



ENTREVISTA





MURILO MELO FILHO:

"AQUI EM NATAL FICARAM AS MINHAS RAIZES"

Jornalista e escritor de renome nacional, o potiguar Murilo Melo Filho se foi deste mundo no dia 29 de maio do corrente ano, deixando muitas saudades. Murilo era membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Norte-rio-grandense de Letras, dentre outras instituições culturais.

Em julho de 2008, ele concedeu ao acadêmico Livio Oliveira, por e-mail, a entrevista que reproduzimos a seguir.

LÍVIO OLIVEIRA. *Em todos os seus anos de jornalismo político, quais foram as figuras e os personagens que mais lhe impressionaram, no mundo, no Brasil e no Rio Grande do Norte?*

MURILO MELO FILHO. Esses personagens foram muitos e, para evitar queixas, vou citar apenas os mortos, com os quais estive pessoalmente. No Mundo, John Kennedy, Winston Churchill, Charles De Gaulle, Eisenhower, Salazar, Caetano, Albert Sabin, Thatcher, Golda Meir, Moshe Dayan, Nasser, Indira Ghandi, Ho Chi Min e Sukarno. No Brasil, Juscelino Kubitschek, Carlos Lacerda, José Américo de Almeida, Otávio Mangabeira, Barbosa Lima Sobrinho; Dom Helder Câmara, Betinho, Prestes, e, no Rio Grande do Norte, José Augusto Bezerra de Medeiros, Sylvio Pedroza, Gentil Ferreira, Mons. Walfredo Gurgel, José Ferreira de Souza, Café Filho, Djalma Maranhão, Dom Esmeraldo Dantas, Câmara Cascudo, Manoel Benício Filho, Dinarte Mariz, Tarcísio Maia e Aluizio Alves.

L.O. Como se deu sua trajetória no jornalismo? Quais foram os maiores percalços ?

M.M.F. Aos 12 anos de idade, ainda de calças curtas, entrei pela primeira vez na redação de um jornal “O Diário”, aqui em Natal, editado na Rua Frei Miguelinho. Aos 18 anos, fui para o Rio de Janeiro. Eu era então mais um personagem no extenso fabulário da minha geração de jovens nordestinos nômades, que fugiam de suas terras secas aqui no Nordeste para irem batalhar por um lugar ao sol, na selva das grandes cidades.

Hoje em dia, quando vejo a perplexidade e a indecisão de tantas pessoas sem saberem ao certo o que querem e para onde vão, eu me pergunto a mim mesmo o que se passava na cabeça daquele rapaz de Natal, que, menino ainda, e já naquele tempo, decidira ser jornalista no Rio de Janeiro.

Lá me ofereci em todos os 32 jornais diários que então ali se editavam. Nenhum quis nem sequer fazer uma experiência para ver se eu prestava ou não. Comi então o pão que o diabo amassou. Não gosto nem de me lembrar. O único que concordou em me dar uma chance foi o “Correio da Noite”, um jornal da Arquidiocese, na sua seção policial. Sucederam-se depois a “Tribuna da Imprensa”, o “Estado de São Paulo”, a Revista e a TV “Manchete”, dezenas de viagens à Europa, aos Estados Unidos, quatro à Ásia e três à África.

L.O. Quais as maiores vitórias de suas carreiras jornalística e literária? E as maiores lições?

M.M.F. As recompensas jornalísticas e literárias foram várias. E a maior delas foi a minha eleição para a Academia Brasileira de Letras.

L.O. Você ainda acredita que a imprensa escrita permanecerá viva num mundo globalizado e “virtual”?

M.M.F. O jornal escrito já venceu muitas ameaças, como as do rádio e da televisão. Vencerá a mais recente, que é a Internet, porque tem o tato e o cheiro de tinta, que elas três não têm.

L.O. Quais as suas influências essenciais no jornalismo e nas letras?

M.M.F. No jornalismo e nas letras, tive muitos exemplos e lições de correção, competência e dignidade, que tento, mas que nem sempre consigo, imitar.

L.O. Que importância existe para o RN no fato do Senador Garibaldi Filho ser hoje o Presidente do Senado? Ele tem ou terá algum papel de relevância histórica?

M.M.F. O Senador Garibaldi Filho é o segundo norte-riograndense a presidir o Senado. O primeiro foi Café Filho, cumulativamente com a Vice-Presidência da República. Garibaldi é também o terceiro na atual ordem da sucessão de Lula. Os outros dois são o Vice José Alencar e o Deputado Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara. Após o descalabro da presidência de Renan Calheiros, Garibaldi tem hoje uma oportunidade única: a de restaurar o prestígio do Senado, que está simplesmente no chão. É uma tarefa quase impossível, mas que ele, aos poucos e com simplicidade, está conseguindo.

L.O. Política, jornalismo e literatura são compatíveis?

M.M.F. São não apenas compatíveis, como complementares. Um jornalista culto será seguramente um bom político.

L.O. Em algum momento de sua história pessoal desejou participar ativamente da política partidária?

M.M.F. Há vários anos, houve algumas chances dessa participação, no Rio, onde eu tinha um programa “Congresso em Revista”, na TV-Rio, de razoável sucesso, que ficou no ar ininterruptamente durante sete anos, com o mesmo patrocinador: “Zenith, Rádio e Televisão”. Naquele tempo, eu contava com o convite e o apoio de Carlos Lacerda, que já havia eleito Amaral Netto, Mário Martins e Raul Brunini. Mas nunca aceitei a aventura por uma razão muito simples: porque eu conhecia de perto a vida de sacrifício e de privações dos políticos realmente dignos e honrados. Não queria ser um deles, inclusive porque a minha profissão de jornalista era permanente e duradoura, e o mandato de deputado era fugaz e passageiro. Enquanto eles passavam como parlamentar, eu continuava jornalista.

L.O. Que políticos vivos ainda podem dar exemplo no Brasil? Ainda haverá um Ulisses, um Capanema, um Afonso Arinos?

M.M.F. Temos de convir que, assim como aconteceu nos esportes, na diplomacia, no jornalismo, no empresariado, no Exército, na Marinha e na Aeronáutica, houve uma evidente piora também no Congresso. Lembro-me bem do tempo em que me iniciava no jornalismo, quando, embevecido e extasiado, assistia no Palácio Tiradentes debates históricos e únicos, num exercício diário de admiráveis oradores: Aliomar Baleeiro, Adauto Cardoso, Prado Kelly, Raul Pilla, Flores da Cunha, Vieira de Melo, Carlos Luz, Artur Bernardes, Nereu Ramos, os dois Mangabeiras (Octávio e João), Gustavo Capanema, Nelson Carneiro, Moura Andrade, Milton Campos, João Agripino, Pedro Aleixo, Juracy Magalhães, Ulisses Guimarães, Abelardo Jurema, José Bonifácio, Bilac Pinto, Gabriel Passos, Afonso Arinos, José Maria Alkmim, Almino Afonso, Oscar Corrêa, Tancredo Neves, Antônio Balbino e tantos outros.

L.O. Que relevo as eleições norte-americanas terão para o Brasil?

M.M.F. Na medida em que os Estados Unidos forem bem, nós iremos melhor ainda. São duas economias interligadas uma à outra, sobretudo agora quando a nossa já começa a dar os seus primeiros passos para assumir uma posição de solidez e segurança, deixando de ser um País sem importância e transformando-se numa Nação de primeiro Mundo.

L.O. Que importância tem a Academia Brasileira de Letras para a literatura nacional?

M.M.F. A minha Academia deixou de ser uma instituição fechada passando a ser um agente aberto para a sociedade brasileira, através dos cursos, seminários, conferências, exposições, debates, edições de livros, etc. Quando eu me elegi, já o fui em nome de uma nova Academia, presente e participante em todo o universo literário do País. Antes, a ABL recebia convites, sobretudo das Academias Estaduais de Letras e nem sequer os respondia. Agora, não. Onde quer que me convidem eu vou. Já fui de Manaus a Porto Alegre. E para compensar-me deste sobe e desce dos aviões, nestes aeroportos imprevisíveis, resta-me o consolo de ver pessoalmente como a minha Academia é unanimemente respeitada e querida.

L.O. A Academia cumpre o seu papel institucional e cultural?

M.M.F. No cumprimento desta nossa missão cultural e institucional, fico comovido com o carinho e a hospitalidade recebidos. Cutucam-me nos braços e nas mãos para verem se sou eu mesmo. Pois afinal de contas, aquela era a primeira vez que eles estavam vendo um acadêmico de corpo inteiro.

L.O. Quais foram, no passado, os maiores nomes da Academia?

M.M.F. A lista é extensa e vou abreviá-la: os Fundadores Machado, Coelho Neto, Rio Branco, Raimundo Correia, Rui, Nabuco, Beviláqua, Bilac, Romero, Veríssimo, Patrocínio, Laet, Graça Aranha, Afonso Celso, Oliveira Lima e os seus Sucessores: João Neves, Mário Palmério, Osvaldo Cruz, Carlos Chagas, Barbosa Lima, Athayde, Callado, Otto Lara, Darcy Ribeiro, Carneiro Leão, Felix Pacheco, Pedro Calmon, Álvaro Lins, Antônio Houaiss, Peregrino, Gustavo Barroso, Osório Duque-Estrada, Humberto de Campos, Euclides, Afonso Pena, Macedo Soares, Olegário Mariano, Dias Gomes, Luís Viana Filho, José Lins do Rêgo, José Américo, Afonso Arinos, Gilberto, Genolino e Jorge Amado, Menotti, Bandeira, Aurélio, Joracy, Viriato, Merquior, Setúbal, Chateaubriand, Santos-Dumont, Getúlio, Rocha Pombo, Alceu, Miguel Couto, João Cabral, Rodolfo Garcia, Roberto Simonsen, Vianna Moog, Hermes Lima, Zélia, Rachel, Faoro, Celso e Evandro, todos, hoje, já mortos.

L.O. É salutar a longa permanência de alguns intelectuais à frente de instituições culturais?

M.M.F. Depende de sua capacidade e dedicação. Sendo capazes e dedicados, eles devem ficar à frente de suas instituições, durante o tempo necessário para executarem os seus planos e projetos de trabalhos e de realizações.

L.O. Existe democracia nas Academias de Letras?

M.M.F. Sim, na medida em que elas estão de portas abertas para elegerem candidatos democraticamente apresentados, sem distinção de credos, raças, fortunas ou preconceitos. Eu mesmo, com as origens humildes de onde vim, sou o resultado mais concreto dessa democracia acadêmica.

L.O. Situe-nos a figura de Austregésilo de Athayde.

M.M.F. A ABL foi presidida, durante 33 anos, por um mesmo presidente: Austregésilo de Athayde, ao qual somos muito gratos, pelo seu excelente desempenho no cargo, com a construção de um moderno edifício de 33 andares, bem no centro do Rio de Janeiro. Através de um comodato com a Ecisa, uma empresa imobiliária, ele assinou um contrato de construção do prédio, num terreno recebido em doação e concedendo-lhe, como pagamento da obra, o direito de receber os seus aluguéis durante 20 anos, findos os quais o imóvel retornou de graça para a Academia, que hoje tem nele o grande instrumento para a sua total independência financeira: não tem um metro quadrado vazio.

Com a morte de Athayde e a fim de evitarmos a repetição de sua vitaliciedade, fizemos uma reforma nos Estatutos da Academia, permitindo a eleição dos presidentes por um ano e renováveis apenas por mais um.

L.O. Que sentimento você nutre hoje pelo RN?

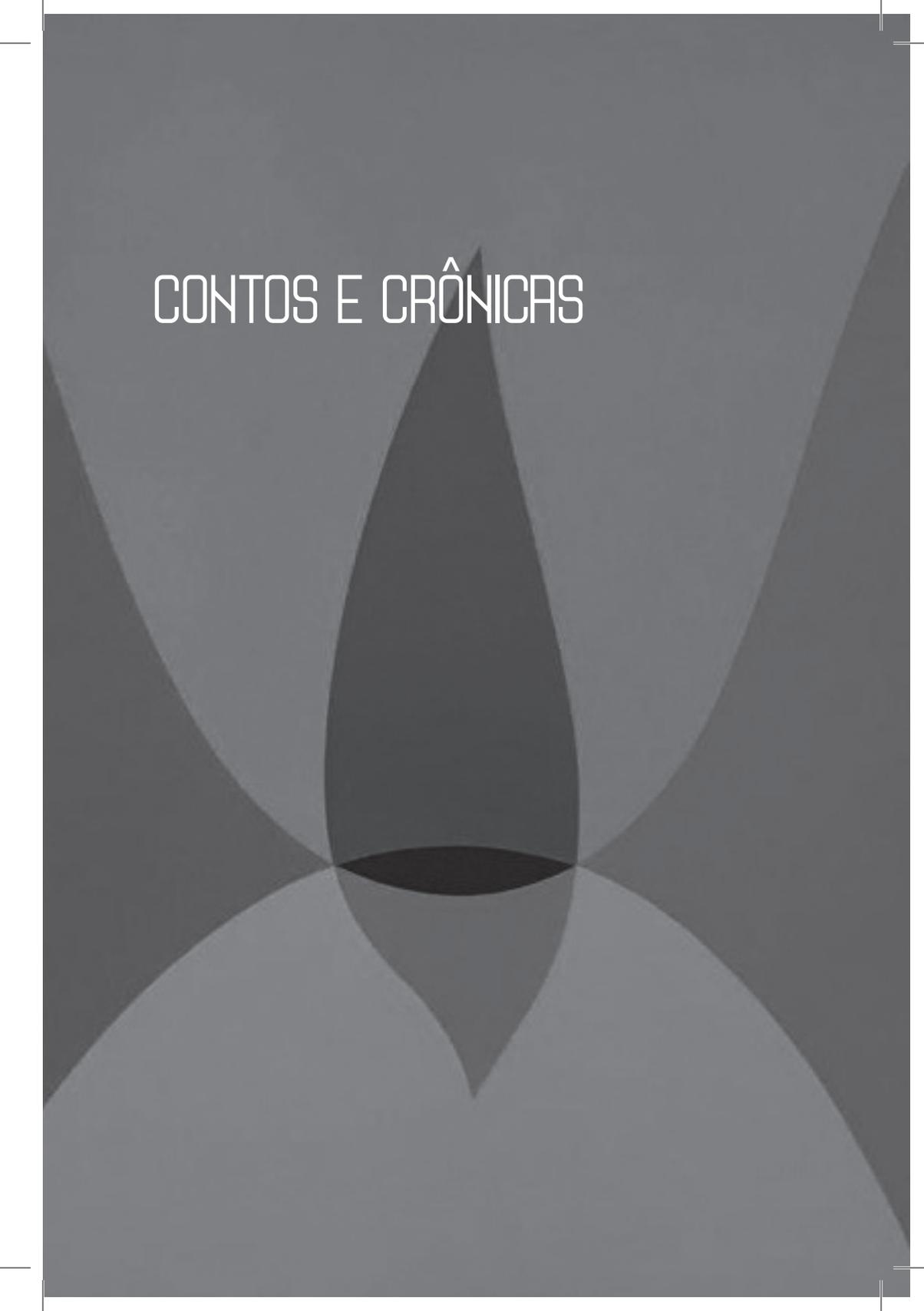
M.M.F. Um sentimento de profunda saudade dos tempos da minha infância na Rua Apody, onde, em 1938, fomos praticamente os pioneiros, com a Igreja de Santa Teresinha na frente e o Seminário de São Pedro ao fundo; saudades das peladas com bola de meia nos campos de areia e capim, com Marcelo Carvalho, Renato e Humberto Magalhães; saudades do bonde ronceiro; das regatas no Potengi, com Marito, Sólon e Alvamar; das bailes no Aero-Clube, com Boquinha, Carlos e Antônio Lamas; do papo no Grande Ponto, com Mussolini, Nei e Mozart; dos cursos no Carnaval, com Zé Herôncio, Zé Areias e o Dr. Bacorinha; das conversas na Cova da Onça e no Café Globo, com João Câmara, Aristófares, Manezinho, Antônio Justino e João Bianor; dos acordos políticos no Grande Hotel, com Teodorico, Dinarte, Djalma e Jessé; dos espetáculos no Teatro Carlos Gomes, com Sandoval Wanderley, Carlos Siqueira, Meira Pires e Alcides Cicco; da boemia na Confeitaria Delícia, com Cascudo, Garcia e Roberto

Freire; das madrugadas em “A República”, com Waldemar Araújo, Luiz Maranhão e Rivaldo Pinheiro; das noites em “O Diário”, com Djalma Maranhão, Aderbal de França e Rui Paiva; dos encontros na Farmácia Natal, com Cloro Marques, Dr. Aldo e Duó; das aulas no Atheneu, com Vésicio, Cônego Monte, Edgar Barbosa, Gentil Ferreira, Celestino Pimentel, Clementino Câmara e Chamirranha; dos julgamentos no Tribunal do Júri, com Manoel Varela, João Medeiros e Claudionor.

Aqui em Natal, ficaram as minhas raízes, as minhas origens, a minha família: pai e mãe, tios e tias, irmãos e irmãs, primos e primas, sobrinhos e sobrinhas, pessoas muito queridas ao meu coração, das quais até hoje sinto muita falta e saudades imensas.

Saudades de um tempo inesquecível, que infelizmente não volta mais.

CONTOS E CRÔNICAS

The background of the page is a dark gray color. It features a central, abstract graphic composed of several overlapping, teardrop-shaped elements. These shapes are rendered in different shades of gray, creating a layered, three-dimensional effect. The central shape is the darkest, while the surrounding shapes become progressively lighter as they extend outwards. The overall composition is symmetrical and minimalist.



O CORTEJO

Humberto Hermenegildo

Quando ainda estavam fazendo quarto, o velho determinou aos filhos que o enterro seria numa rede velha, usada, partindo do sítio até a rua. Depois, poderiam botar o corpo no caixão.

Chovia forte quando ele fechou os olhos e crispou as mãos dentro da rede armada na sala do casarão da fazenda encharcada naquele momento. Chavões da morte dominaram o ambiente e começou a romaria dos moradores, compadres e políticos do lugar, já em despedida.

Na cabeça do neto mais novo, o velho criou asas.

Dois homens trouxeram o caibro virgem da mata e nele armaram a rede amarela, para dar início ao acompanhamento. Cascos de cavalos batiam no chão, ritmando as vozes dos vaqueiros, graves e pausadas, respeitosas, no meio das serras.

Uma vaca, o burro Sulamérico, um concriz e outros bichos foram soltos naquele dia. A pancada da porteira marcou o fim da manhã e, pela vereda, seguiram os cavaleiros que acompanhavam o defunto na tipoia carregada por dois homens.

Andam sem pressa. Desenho de cascos de cavalo e pés de gente. Terra adulada por pés de bichos e de homens. Terra ciscada. O estrume seco, ao forte sol, é amparado nas bordas, para dar viço ao mato das encostas. O pó é macio e cobre as pedras.

A areia é fina, alva alva. Acima, o açude e as vazantes. Abaixo, a plantação de batatas, estrumada com esterco de andorinha. Aí, areia já é barrada e, se cavam o chão, ele vai se avermelhando.

Perto da cacimba, o pé de mangas, as goiabeiras, o pé de seriguelas. Areia de arear vasilhas, areia de encher travesseirinho de se ajoelhar na igreja. Molhada, atola os carros no tempo das chuvas. Areia quente no fundo da panela de barro: estoura o milho...

O chão é duro quando se desce no rumo dos Balanços – soalho de serrotes escuros e brilhosos. Chão como se fosse vestido de velha, uma viúva velha. Terra dura, esta. Babugem começa a tomar conta do mundo nas primeiras chuvas. Cardeiros, sodoros e catingueiras prometem flores.

A cuia de milho, a quanto estará? O Feijão macáçar terá preço no armazém?

E a vereda já é estrada estreita. Pedras arredondadas, seixos rolados organizados pela máquina moderna. Juremas abanam a gente que vai passando. Raposas, tejuaçus e pebas se equilibram, calmos, nas pedras redondas, quando atravessam pela noite a estradinha. Barro seco, ali, para alimentar a olaria. Pedras cortadas, acolá, da pedreira.

Apareceu a estrada larga, amaciada pelos pneus dos carros. Seguiam, paralelos, os fios do telégrafo. O pontilhão, na fazenda Fortaleza, deixava passar a água das plantações que vingariam na areia, mais abaixo, nas beiradas do rio.

A comitiva foi se avolumando nas passagens pelas fazendas. Os vaqueiros marchavam encourados e alguns levavam a mulher na garupa do animal, o menino na maçaneta da sela. Muitos deles iam a pé. Pancada de chocalho de rês, distante...

Apareceu a entrada da rua, já sem cor de terra. Chão, contudo, marcado por antigas jornadas. O calçamento lavado na chuva de ontem e os pés de algaroba aparados, tudo organizado. Rua sem

poeira. Os cavalos traziam, nos cascos, a lembrança do caminho.

Depuseram o corpo no caixão, no centro da sala. A caravana do Ermo chegou atrasada. O cunhado asmático, de Currais Novos, veio de ônibus. Manoel Cirilo ficou parado num canto, ajeitando as arreatas das apragatas. Entrou na casa uma mulher que estava na calçada esperando o povo chegar. A morder os lábios, deixou as sandálias na entrada da sala e se aproximou do caixão. Quando conseguiu se postar ao lado do defunto, ela segurou na mão dele e disse, sussurrado: meu padrinho. Passaram com a bandeja de café.

A procissão seguiu para a missa de corpo presente, na matriz de Nossa Senhora da Guia. No céu, no céu! Com minha mãe estarei, rasgaram nas gargantas as beatas comadres do grande homem dos serrotes.

Seguiram todos para o cemitério.

Desceu a primeira pá de terra. Voltava o pó dos começos, um pó fino sem adubação, entremeado de pedras miúdas, quase basculho. Mas é solo que se comunica com o chão do sítio. Terra molhada da chuva de ontem, de onde brotaria a boa-noite, plantada pela mulher dos pés descalços.

O neto mais novo avistou, da porta do cemitério, uma nuvem se estirando muito distante da terra. Nuvem de braços e pernas. Meneava a cabeça, esgueirava-se entre cerros, desmilinguia-se nos cirros.

HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO é poeta e escritor, professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Autor de diversos livros, dentre eles, “Rastejo” (romance) e “Argueirinha” (poemas).

SENTENÇA

Clauder Arcanjo

Ainda na madrugada fria, a convocação:

— Está na hora.

De repente, percebi que dormira vestido; como, supremo absurdo, não quisesse perder tempo no dia seguinte.

— Vamos?

— Um momento — pedi-lhes.

Fui à pia, companheira de tantos anos. Lavei o rosto, escovei os dentes e passei o pente nos cabelos revoltos de sonho. Estranhei a minha imagem decidida, até me julguei elegante.

Sáímos. Eu e os dois homens designados a acompanharem-me. Passado o portão maior, o céu se mostrou sereno, nem sequer um pio de pássaro ou o saudar de um galo insone.

Ajustei a gola do meu gasto jaleco, sem perder o conselho do meu velho pai: “Em qualquer situação, mantenha a cabeça erguida”.

No centro do pátio, cabisbaixo, o padre Oswaldo. Quando quis se dirigir até a mim, sinalizei — um simples gesto com a mão esquerda — a não necessidade. Mastigou uma velha prece, benzeu-se e se afastou.

— Algum pedido? — ouvi de um daqueles que me acompanharam.

— Se eu o fizesse, você não me atenderia, nem me entenderia. Logo, sejamos breve. Nunca fui de perder tempo, vocês bem sabem.

Elevei os olhos para a estrela mais radiante, sorri... e uma rajada de tiros espantou os pombos que dormitavam, inocentes, nos beirais da secular e augusta prisão.

CLAUDER ARCANJO é poeta, escritor, editor e engenheiro civil. Autor de “Licânia”, “Novenário de Espinhos” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e outras instituições culturais.

UM DIÁRIO MEIO ATRASADO (TRÊS FRAGMENTOS)

Lívio Oliveira

[I]

Já se passou um bom tempo. Não sei exatamente quantos dias, mas alguém me fala sobre dois meses e mais um tanto. Busquei manter a sanidade nessa quadra estranha. Nem sempre consegui.

A mente segue perturbada, alterada a alma. Criatividade e produção baixaram a quase zero, apesar de todas as tentativas de reordenação das ideias.

Eu nem queria mais escrever os meus fragmentos...isso...esses pedaços...sigo fragmentado, retalhado como os tecidos que via no ateliê da minha mãe, na infância, enquanto ela deslizava a tesoura em retas, perfeitas linhas, partindo os panos.

Aliás, sinto falta dos abraços da minha mãe, ela numa torre e eu noutra. Espero revê-la logo, dar um abraço forte, de quem retorna de uma longa viagem.

Estou lutando também para conter o ódio, não somente aplacar a tristeza profunda, mas uma ira e uma mágoa crescentes de muita gente, muita coisa, tudo por trás dessa máscara e dessa pele encharcada de álcool, dentro e fora.

Ainda estou com esperanças, mas não quero mais ver a cidade ensolarada, prefiro quando a névoa encobre a Ponte Newton Navarro e a Fortaleza dos Reis Magos. Tudo fica mais real, menos enganador.

Não quero viver uma ilusão a mais. Já basta termos tantos cretinos no poder, na vida, no mundo insano da província e longe dela.

Melhor mesmo é me entender nesse jogo de vida e morte diante da peste, jogar xadrez com os dias ilhados e com as noites cheias de armadilhas.

Vencerei?

[II]

“O sol brilha lindamente”, diz a jornalista, diretamente de uma rua do Alecrim e enchendo de ar a máscara, que esvazia rápido num movimento inquietante e formas meio obscenas.

A bela apresentadora, no estúdio, anuncia a morte de um paciente idoso que morreu na fila por um leito na UTI. Foram horas com sede diante do mar. O sistema colapsou, enfim. A peste avançou como uma grande onda.

Olho novamente pela janela. A visão da cidade entre azuis busca novamente encobrir a realidade. A cidade também está de máscara, enganando, como os livros que compõem o cenário da live do vergonhoso e cruel governante.

Ontem, mais uma vez, fiz tentativas vãs de acelerar as atividades acadêmicas. Parece que as palavras se embaralham diante dos olhos. Empaquei. Também recebi livros através da Estante Virtual. Só consegui abrir para higienizar. As obras, na sua maioria, tratam de peste e melancolia.

Ainda tento me erguer da cama. Escrevo com o polegar direito e diretamente no celular. A visão ainda meio embaçada pelo diabetes e pelas notícias na TV ao fundo.

Tento alcançar o cheiro de café na cozinha. É uma maneira simples de manter um fio de esperança. E finalmente me levanto para enfrentar mais um longo dia na viagem contínua dentro do meu apartamento.

[III]

As nuvens voltaram. Os números cresceram. O meu olhar é circular, mas ainda vejo pouco. Fizeram uma poda nas árvores da praça. Talvez o sol penetre um pouco mais. Ainda prefiro as amenidades climáticas e dos assuntos. Os assuntos não são amenos.

Escrever diminui a confusão mental, traz um novo tráfego de pensamentos. Faz parte do processo de autoanálise e permite uma melhor compreensão da cena externa. Por isso sentei aqui num canto, com a testa franzida e esse aparelho multitarefas na mão direita.

Hoje é sexta-feira. Nem sei se é. E o que representa? Um xis a mais na folhinha. O calendário não é lógico. Nem cronológico. São dias dispersos dentro de mim. Noites.

Nada de escrever muito. Vou desligar esse pequeno equipamento. Desligarei a TV. Volto a me dedicar à leitura dos livros que acumulei. Vou retomar à leitura da vida, nada simples, nada pura.

Mais tarde lerei as notícias mais recentes, que chegam tão céleres...em proporção exata ao aumento da contaminação, em proporção contrária ao avanço civilizatório deste país em que ainda sobrevivemos.

E voltarei a esse diário de páginas umedecidas e amarrotadas.

LÍVIO OLIVEIRA é poeta, escritor e Procurador Federal. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do IHGRN e da UBE/RN. Autor de “O Colecionador de Horas”, “O Teorema da Feira” e vários outros livros.

A DESONESTIDADE ATÉ COM NÚMEROS

Armando Negreiros

É impressionante como uma grande parte da imprensa menospreza e subestima a inteligência alheia. É uma verdadeira falta de respeito! A zombaria, o escárnio explícito e contundente. A totalidade dos anúncios, propagandas, oferecem produtos por 99,99, como se o cliente fosse um imbecil. Não entendo como os empresários aceitam essa ideia de jerico de 100% (quase digo 99,99%) dos publicitários. O pior é que ainda tem cliente que se refere ao valor de 299,99, como sendo duzentos e pouco!!!

Mas o assunto é outro, mais grave ainda. Dados estatísticos são apresentados de forma totalmente desonesta. Até determinados gráficos, curvas, são manipulados para enganar o observador desatento. Nessa pandemia do COVID-19, os dados apresentados nos diversos canais de TV beiram a insanidade. Lembra-me o velho Nelson Rodrigues quando falava no complexo de vira-lata de alguns brasileiros. Desculpem-me o excesso de sinônimos, mas é o que estão querendo fazer com a nossa inteligência: menosprezar, desprezar, desdenhar, menoscar, desconsiderar, desvalorizar, depreciar, diminuir, inferiorizar, embromar.

O covid-19 apareceu na **Itália** em 21 de fevereiro e no **Brasil** quatro dias depois. A população brasileira (210 milhões de habitantes) é 3,5 vezes maior do que a italiana (60 milhões), portanto se a Itália contabiliza 32.200 mortos, na mesma proporção o Brasil deveria ter 112.700 mortos, entretanto temos 16.370. **Em (18.05.2020).**

Em relação à **Espanha** (população de 45 milhões) o Brasil tem 4,5 vezes mais habitantes. Na Espanha morreram 28 mil, quase o dobro dos brasileiros. Aqui, para manter a proporção, teríamos 126.000, ou seja teríamos que multiplicar os nossos mortos (16.370) por 7,7!

O Reino Unido tem uma população de 67 milhões, o que representa um terço do Brasil. Se no Reino Unido já registra 34.800 mortos, aqui deveríamos contabilizar três vezes mais, ou seja, 104.400.

Resumindo, apresentamos abaixo os números reais e os proporcionais, ou seja, quantos deveriam ter morrido no Brasil para manter os mesmos índices dos outros três países:

PAÍS	POPULAÇÃO (18.05.2020)	ÓBITOS POR COVID-19	MORRERIAM NO BRASIL: MANTENDO A MESMA PRO- PORÇÃO DOS OUTROS PAÍ- SES
BRASIL	210.000.000	16.370	16.370
ITÁLIA	60.000.000	32.200	112.700
ESPANHA	45.000.000	28.000	126.000
REINO UNIDO	67.000.000	34.800	104.400

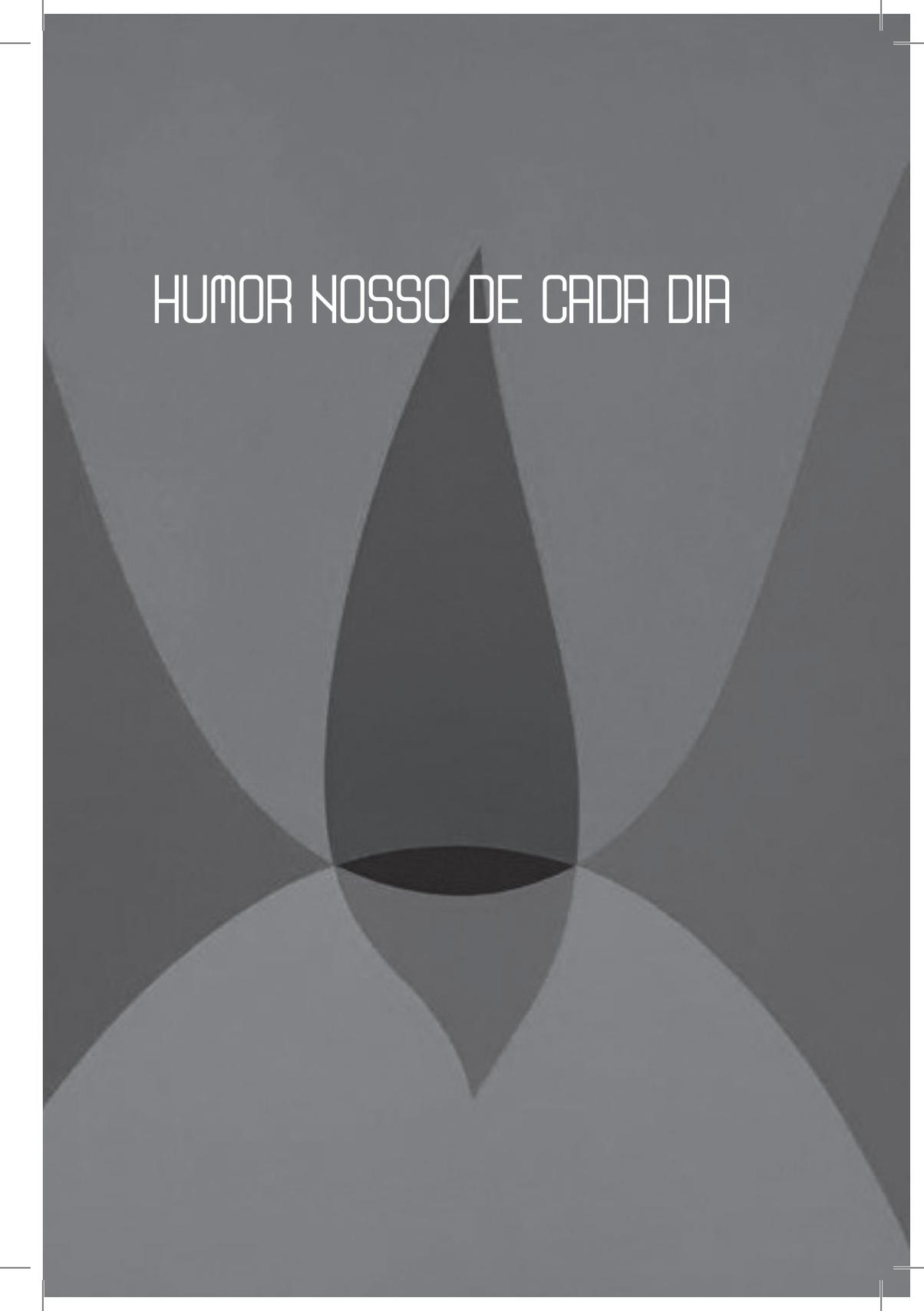
Dessa forma, só temos a lamentar o despreparo ou, o que é mais provável, a má fé de grande parte da nossa imprensa. Devemos ficar atentos para não comprar (ou comer?) gato por lebre: você compra um produto pensando que ele é bom mas na verdade ele é ordinário.

Você ajuda a eleger um político pensando que ele vai trabalhar pelo povo mas na verdade ele “só quer é se arrumar”.

“Comer gato por lebre” é ser enganado. Já “vender gato por lebre” é enganar alguém, e com dolo. Em ambos os casos, há ludíbrio. O sujeito é vítima ou vigarista.

ARMANDO NEGREIROS é médico e escritor. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras, autor de vários livros, dentre eles “Na Companhia dos Imortais”.

HUMOR NOSSO DE CADA DIA

The background of the page is a dark gray color. It features a central, abstract graphic composed of several overlapping, teardrop-shaped elements. These shapes are rendered in different shades of gray, creating a layered, three-dimensional effect. The overall composition is symmetrical and minimalist.



MEMÓRIA POPULAR V

Valério Mesquita

01) Assu é uma fonte inesgotável de histórias pitorescas porque é a terra dos poetas e escritores, além dos notáveis políticos que se projetaram no Rio Grande do Norte. O deputado Pedro Soares de Amorim foi um deles, como líder político, deputado e presidente da Assembleia Constituinte de 1947. Homem religioso e pacato, Dr. Pedro não perdia a missa dominical ao lado de D. Beatriz, sua esposa, sem antes passar na residência do rábula Adroaldo Soares de Macedo para o costumeiro cumprimento matinal. Só que naquela manhã ele estava de porre e foi advertido pela esposa que fosse se vestir e retirasse aquela toalha de banho da cintura, pois Dr. Amorim e D. Beatriz já se aproximavam. “Dê-se o respeito, você está bêbado Adroaldo!”, brada a mulher. “E você quer negar esse fato”, pontifica Adroaldo, com a consciência cívica e a razão que só aos bêbados é conferida.

02) O prefeito Walter Leitão, do Assu, tomava café ao lado do seu filho Carlos Alberto (Juca) e Chico Gacheiro, que cuidava da sua propriedade Córrego do Maia, no município de Ipanguassu. Nessa época Walter passava por difícil situação financeira, diga-se de passagem. Juca pede ao pai um cigarro e recebe dez e para Chico Gacheiro só repassa um. “É isso mesmo. Eu lhe sirvo por mais de vinte anos na sua propriedade e você só me dá um cigarro”, reclama desapontado o empregado. “Ô Chico”, devolve Walter de forma pedagógica: “Você deixa eu fazer com a sua mãe o que eu faço com a mãe dele?”. Papo encerrado.

03) Francisco Martins Fernandes foi vice-prefeito de Assu na gestão de Francisco Amorim, lá pelos anos 50. Homem rico, emprestava dinheiro quando não existiam bancos na cidade. Foi suplente de deputado e chegou a assumir a cadeira algumas vezes.

Foi um padrão de honradez em todo o vale. Certa vez, foi procurado por Chico Duarte, que lhe fez a seguinte proposta: “Seu Chico, eu soube que tem um boi brabo lá pelas quebradas das serras e preciso de cem cruzeiros para pegar o bicho!”. Sempre disponível e prestativo, Francisco Martins emprestou o dinheiro. Mas, a verdade é que Chico Duarte só queria pegar na grana para gastar com bebidas, e como não realizou a empreitada, passou a se esconder durante uns seis meses do seu financiador. Um belo dia, esquecido da inadimplência, foi ao mercado público. Chico Martins ao vê-lo, bateu-lhe no ombro com a inevitável pergunta: “Chico pegou o boi?”. Duarte, doutor em desfaçatez emendou: “Não, seu Chico, o “barbatana” é muito brabo. Mas estou nas pegadas dele!”. Calmo, o velho Chico Martins ponderou: “Pegou, Chico. O boi sou eu!”.

04) O saudoso e querido professor Antônio Soares Filho foi um mestre na arte de dissimular e interpretar, tanto na política como no teatro amador, no tempo áureo de sua mocidade. Numa peça teatral sobre o Império dos Césares, ele vivia o papel do prefeito de Roma. Ao entrar em cena, esqueceu de repente o diálogo. Sem se perturbar, bateu com a mão na barriga do ator que desempenhava Júlio César e disse: “E aí, tudo bem, César?”.

05) Ainda no pique de suas grandes interpretações teatrais, é-lhe atribuída a cena em que a atriz, sozinha no palco, deveria acender um fósforo e queimar um papel. Como esqueceram de deixar a caixa sobre a mesa, atônita, começou a rasgar o papel. O ator que deveria entrar em cena exclamando sobre o cheiro do papel queimado era Antônio Soares, que de repente, mudou o script: “Mas que cheiro de papel rasgado!”.

06) Tempo melhor da política foi o dos anos cinquenta na fase áurea do PSD versus UDN. Aqui no Rio Grande do Norte a política era um pastoril animado e lírico. Na Assembleia Legislativa se engalinhavam dois deputados da região agreste: o Coronel Zé Lúcio e o deputado João Frederico, que tinha como logomarca de sua atuação parlamentar, a expressão: “É um só mas vale por

dez”. Aí a turma imaginava tudo que queria para macular a frase ambivalente do combativo deputado. Mas, estava escrito que o coronel Zé Lúcio não perdoava a invasão dos seus redutos pelo Dr. João Frederico que discursava bem, além de valente e obstinado. Numa sonolenta sessão vespertina da Assembleia, o deputado José Lúcio resolve discursar (coisa rara), despertando a curiosidade geral, inclusive do presidente da Casa, Dr. José Augusto Varela. “Senhor presidente”, iniciou o representante de Santo Antônio do Salto da Onça, já aos gritos. “Subi aqui para dizer que o deputado João Frederico tá comendo a empregada dele!”. A campainha da mesa soou estridente, acionada pelo Dr. José Varela. “Deputado, V.Exa. está ferindo o decoro e o regimento da Assembleia”, censurou energicamente. “Mas, acontece, Zé Varela, que eu provo!”. Aí foi um Deus nos acuda! Colegas parlamentares desceram Zé Lúcio da tribuna e o levaram ao gabinete do presidente para curar a sua febre repentina de defensor das minorias. João Frederico não deu ouvidos. E a sessão continuou sem mais alteração.

07) O padre Alcides Pereira foi um dos mais atuantes que passou por Macaíba. Certa vez, foi escolhido para fazer o batismo do filho do preto e fanático aluizista João Curador. Corria os anos 60. Aluízio Alves era governador a quem o padre Alcides não via com bons olhos. O batizado foi marcado para 17 horas. Igreja cheia. Aluízio no auge. A família de João Curador toda vestida de verde. O menino que se chamava Aluízio, vestia enxoval verde, toca verde, bubu verde, sapatinho verde, tudo verde. Aluízio deu uma massada de duas horas, para desgosto e irritação do padre Alcides. Quando o governador chegou, de repente, todos se reuniram em volta da pia batismal e aí o padre Alcides, possesso, se referindo à criança, soltou o vozerão: “Tragam o garfanho!!!”.

08) Era noite de posse do jornalista e acadêmico Paulo Macedo na Academia Norte-Riograndense de Letras. Expectativa geral e observação do novo imortal em lotar o auditório da Academia, à altura do prestígio que desfruta na sociedade. Eu era o presidente da Fundação José Augusto, à época, e havia me deslocado a Ma-

caíba a fim de preparar-me para o evento. Dezenove e quarenta e cinco, Paulo Macedo, tenso e aflito, percorria as salas e salões da academia preocupado com a frequência. Nisso surge a figura do ex-vereador macaibense José Alves Machado, funcionário da Fundação José Augusto que, interrogado por Paulo sobre o meu atraso, recebeu a seguinte resposta de forma pausada e conciliadora: “Calma, Dr. Paulo, só de Macaíba, Dr. Valério vem aí de ônibus com mais de quarentena intelectuais conterrâneos”.

09) Dr. Valtércio Bandeira quando era juiz em Macaíba, nomeava-me sempre defensor dativo de réus pobres, principalmente nos processos criminais. Certa vez, num processo de lesão corporal, fora indiciado o popularíssimo Sérgio, um velho septuagenário, alcoólatra, contumaz, que se autoproclamava de “cabeceiro boçal”. Era um desses bêbados inofensivos, prosadores e entoadores de modinha pelas ruas da cidade. No dia do interrogatório em juízo, ao ser inquirido através do juiz pelo seu advogado dativo, se ele Sérgio havia também, ao modo de outros, mantido relações com a prostituta, aproveitando-se da sua total embriaguez, o nosso “cabeceiro boçal”, olhando para o doutor Valtércio com surpreendente sobriedade e candura, afirmou “Doutor, eu não levanto mais!!!”. Foi absolvido.

10) Do velho “Natal Clube” de Djalma Marinho, Romildo Gurgel, Firmino Moura, Leonel Mesquita, Joca Melo e tantas outras figuras, chegou-me uma estória de um ex-frequentador da casa que estivera ausente de Natal uns 10 anos. O sujeito violento tinha um apelido horrível (Mané Dedo Melado), que o tornava possesso principalmente quando estava perdendo no jogo. Numa tarde, organizada uma mesa entre parceiros que não conheciam o recém-chegado, Leonel Mesquita armou uma presepada. Confidenciou ao jogador que se sentara ao lado do dito-cujo que o apelido do garçom era “Mané Dedo Melado”. O pobre inocente, à guisa de pedir água ao servente, sapecou-lhe o apelido, que ao ser ouvido pela vítima real, esta desfechou-lhe uma violenta bofetada que o prostrou a dois metros do local completamente nocauteado. E o jogo, claro, terminando.

11) Nos anos difíceis da Revolução de Março de 64, instalou-se no país a prática da delação. Um dos instrumentos mais comuns era a famosa Subcomissão Geral de Investigação (SUB-C. G.I.). Em Natal, funcionava Comando da Guarnição Militar, situado no prédio onde funciona hoje o Memorial Câmara Cascudo, à Praça André de Albuquerque. A SUB-C.G.I./RN teve vários presidentes, um deles foi o saudoso ex-reitor Genário Alves da Fonseca. Certa vez, foi denunciado e convidado a depor o ex-deputado Luiz Antônio Vidal. Não precisava dizer que, tanto Genário quando Luiz Antônio, a época, eram amigos e correligionários do senador Dinarte Mariz, o qual já havia conversado com o ex-reitor no sentido de “maneira a barra” do deputado, visto que a denúncia formulada não passava de futrica da política de Santo Antônio do Salto da Onça. Na tarde do interrogatório, Genário tranquilizava Luiz Antônio em plena audiência, afirmando-se amigo de Dinarte e censurando a intriga municipal de política de campanário. Inesperadamente, surge no corredor a temida figura do general Duque Estrada, integrante da chamada “linha-dura” da Revolução. Ao pressentir o militar, Genário transformou-se, mudou a postura conciliatória, e aos berros, esmurrou a mesa e dedo em riste, esbravejou: “A Revolução não convive com corruptos. O seu lugar é na cadeia! Você tem que dizer a verdade!!!”. O general olhou com ar de aprovação e passou. Como um raio, Genário voltou ao normal e ao ouvido do assustado Luiz Antônio confidenciou brandamente: “Não se preocupe. Tá tudo bem. Dinarte já falou comigo. Vá tranquilo!». O próprio Movimento de Março de 64, que viveu de aparências e nada mais, tem nessa história o seu modelo mais irônico, mais patético, mas cômico e mais autêntico. Daí a frase de um contestador e crítico daqueles anos: «Toda autoridade é cômica!».

12) Manoel Forte, personagem folclórico do Rio Grande do Norte e da Paraíba, era um dos personagens preferidos. Era alto, corpulento e tinha um vozeirão. Certa vez, em Catolé do Rocha “Mané Forte”, parente distante dos Maias, foi convidado para um

pomposo jantar oferecido pela família da matriarca, genitora de Tarcísio Maia. Na confraternização, tipo banquete, “Mané Forte”, consciente do parentesco distante, sentou-se na extremidade da imensa mesa. O jantar foi organizado seguindo etiqueta da Escola Doméstica. Mocinhas da sociedade enfileiradas portavam, cada uma, diferentes pratos que iam servindo sucessivamente aos convivas. Carnes, massas, peixes, verduras e frutos eram colocados nos pratos dos Maias ilustres: Tarcísio, João, Otávio, Sérgio, Isauro, etc., etc., mas levantavam voo quando se aproximavam de “Mané Forte”. Lá pras tantas, chega uma travessa de fãrfa que sobrevoou os pratos dos notáveis mas aterrissou no de “Mané Forte”, enchendo até as bordas para sua decepção. Inconformado, “Mané Forte”, exclamou trovejante e contrafeito: “Presta atenção ao serviço menina! Aqui só tá chegando cereais”.

13) Outra de “Mané Forte”. O doutor Fábio Mariz viajou com “Mané” a João Pessoa e juntos se hospedaram na residência do deputado estadual Américo Maia, representante de Catolé do Rocha na Assembleia. Na hora do jantar foi servida uma sopa aos convidados. Para surpresa de todos, “Mané Forte” despejou o farinha quase todo na sopa e fez aquele “grolado”. Advertido polidamente pelo deputado, “Mané Forte” foi enfático: “Américo.... Só gosto de comer que faça bosta!!”.

14) Em 1975, realizou-se no Rio de Janeiro, o Congresso Mundial da ASTRA, evento turístico que reunia todos os agentes de viagens, empresas de turismo, de aviação, de hotelaria, enfim, todo o trade turístico internacional. Valmir Targino era o diretor técnico da Emproturn e eu, o presidente. Valmir havia avançado uns uísques no almoço, quando o “ônibus frescão” chegava para recolher os congressistas do hotel onde estávamos hospedados, com destino ao Hotel Nacional-Rio, sede do encontro. O coletivo estava cheio de gringos e somente nós éramos brasileiros, para não dizer nordestinos. No último banco, Valmir olhou para mim e falou: “Tou com uma vontade danada de latir para esses gringos!!”. Gelei. “Homem não faça isso!!”. Logo nos primeiros grunidos os

americanos começaram a se entreolhar e a examinar debaixo dos acentos. Uma velhinha foi logo dizendo: “The dog! Has a dog in the bus!!”. De repente, era todo mundo procurando o cachorro e Valmir com a cara mais cínica procurando também e falando inglês, no melhor sotaque de Janduí.

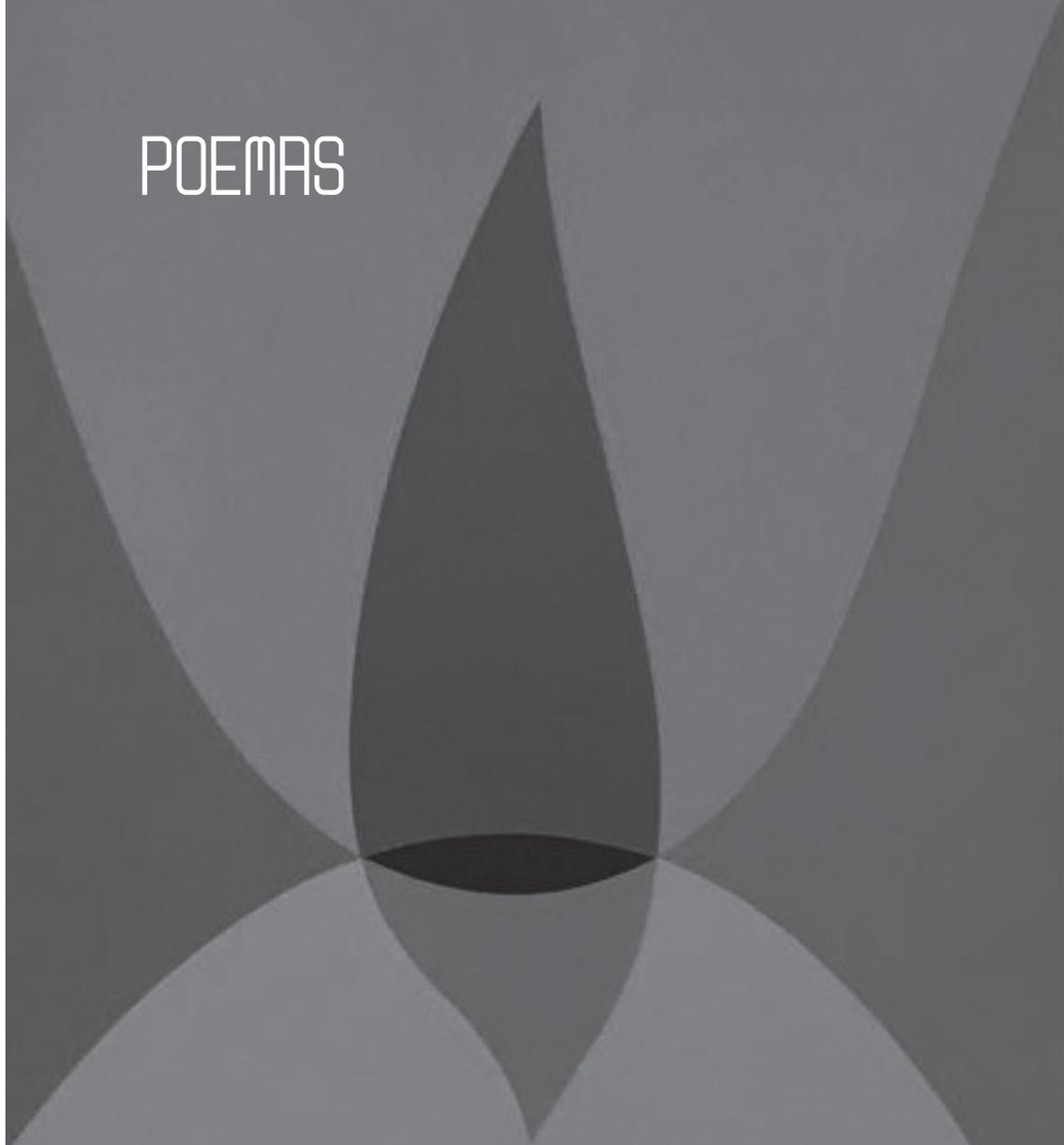
15) Luiz Tavares era um homenzarrão, com aquela insustentável leveza de ser, dentro do agigantado involucro corpóreo, batia um coração imenso de amizade e bondade, que poucos conheciam. Trabalhamos juntos na Campanha Nacional de Alimentação Escolar durante cinco anos. Conheci-o já setentão. O inesquecível Humberto Nesi me contou esta, numa tarde no Campus da UFRN, quando juntos trabalhávamos lá. Os rapazes da sociedade dos anos 30, 40, encenavam peças teatrais, onde o então teatro Carlos Gomes era o point da sociedade natalense. Numa determinada cena da peça, o personagem do corpulento Luiz Tavares jazia no chão definitivamente fora do fio da trama, quando foi atingido acidentalmente por um jarro que despencou de uma mesa do cenário. Afobado e agressivo, Luiz levantou-se e dirigiu-se ao ator principal e, diante da plateia e dos artistas assustados, largou um berro trovejante, com um dito muito em voga na época:: “Quer matar papai, oião!!”.

16) O saudoso jornalista Ubirajara Macedo, macaibense “marca registrada”, contou-me essa dos bons anos 30. Chico Cúrcio, meu tio avô pelo lado materno, imigrante italiano, estabeleceu-se em Macaíba. Tinha vários negócios. Um deles era um restaurante-bar, em cuja fachada do prédio mandou pintar o nome fantasia do seu comércio: “A Pérola de Chico Cúrcio”, para isso, contratou os serviços do exímio pintor e decorador macaibense José Muniz, de saudosa memória. Muniz, brincalhão, começou o letreiro de trás pra frente e deixou-o pela metade para retomá-lo no dia seguinte. À tardinha, numa breve espiada, Chico Cúrcio teve um troço. Muniz deixara escrito: “A rola de Chico Cúrcio”.

17) Frei Damião em Caicó. O povo devoto e fiel espalhou-se pela praça da Matriz de Nossa Senhora de Santana. O santo frade ia começar a liturgia da bênção da cruz de todos que estavam ali. “Atenção povo católico de Caicó”, anuncia ao microfone o frei Fernando, “levantem todos a sua cruz para a bênção agora do nosso Frei Damião”. No meio do povão o caicoense Pedro Diniz suspende a sua mulher para espanto dos circunstantes.

VALÉRIO MESQUITA é escritor e advogado, autor de “Notas de Ofício” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

POEMAS





DOIS POEMAS DE RACINE SANTOS

Para Jarbas Martins

Bem-te-vis

Bem-te-vis tecem a manhã
Das árvores do meu quintal
(ofício que aprenderam
com os galos de João Cabral)

Lição de poesia

Poesia
Foi inventada no Recife
Por Bandeira e João Cabral.
Morou na Rua da União
E depois ganhou o mundo.
Petrarca, Whitman
Pound e Drummond
Vieram depois de um chope
No Bar Savoy.
Poesia foi inventada no Recife
Por Bandeira e João Cabral.

RACINE SANTOS é dramaturgo, poeta e ficcionista, autor de “Macaíba em Alvorço” e outros livros.

TRÊS POEMAS DE JARBAS MARTINS

AO MODO DE FRANK SINATRA E DO MEU JEITO

Ao modo de Sinatra e do meu jeito
confesso nestas páginas finais
- que singrei pela vida contrafeito,
atropelando siglas e sinais.

Esqueci-me de Deus só por despeito.
Cruel fui comigo, amigo, até demais.
O amor não pude resguardar no peito
- o pecado das almas imortais.

Arrependi-me, sim, sem leviandades
da derrota a acusar-me, testemunha
feroz e sequiosa de inverdades.

Mas a verdade, a sós, estraçalhei
com a coragem que tive e já supunha.
Cantei, amei, chorei, sorri. My Way.

HAICAI

Passarinho sem mais
o pássaro titular da tarde
bica o tronco de uma árvore.

HAICAI

Teu seio, uma lua.
Como furtivo gnomo
minha mão se insinua

TRADUÇÃO

UM SONETO DE JORGE LUIS BORGES

LA LLUVIA

Bruscamente la tarde se ha aclarado
Porque ya cae la lluvia minuciosa.
Cae o cayó. La lluvia es una cosa
Que sin duda sucede en el pasado.

Quien la oye caer ha recobrado
El tiempo en que la suerte venturosa
La reveló una flor llamada *rosa*
Y el curioso color del colorado.

Esta lluvia que ciega los cristales
Alegrará en perdidos arrabales
Las negras uvas de una parra en cierto

Patio que ya no existe. La mojada
Tarde me trae la voz, la voz deseada
De mi padre que vuelve y que no ha muerto.

A CHUVA

Bruscamente o ar se fez iluminado
Porque já cai a chuva minuciosa.
Cai ou caiu. A chuva, por enganosa,
É uma coisa que ocorre no passado.

Quem a ouve cair crê resgatado
O tempo em que a sorte venturosa
Lhe revelou uma flor chamada *rosa*
E a curiosa cor que é o encarnado.

Esta chuva, que cega o cristal, há de
Alegrar num perdido arrabalde
As negras uvas de uma parreira e o seu

Pátio que já não existe mais. Molhada
Traz-me a tarde de volta a desejada
Voz, a voz do meu pai que não morreu.

JARBAS MARTINS é poeta, escritor e professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Contracanto” e outros livros.

ATRACA A CATRAIA

Oreny Junior

atraca a catraia

neste pier ribeirinho
auscultando o eco do mar
nas conchas dos mariscos

atraca a catraia

as cordas envoltas
seguram as cascas de nozes
de reis pescadores

atraca a catraia

avoadores ressecados
são estendidos no varal
refrigerando o sabor a céu aberto

atraca a catraia

ORENY JÚNIOR é poeta e livreiro. Autor dos livros “Forceps” e “Metamorfomas”.

O ARTISTA DA CAPA

Abraham Palatnik nasceu em Natal, 1928 e faleceu no Rio de Janeiro, 2020. Grande artista plástico de renome internacional. Escultor e pintor, inovou a sua arte, realizando ousadas associações entre cores e formas. Pioneiro da arte cinética (Ver artigos, páginas 14 e 44)

Segundo Dorian Gray Caldas, “A arte de Abraham realmente tem uma magia inventiva, um sortilégio. Transubstancia em outras formas numa crescente evolução de Arte pura” (Artes Plásticas do Rio Grande do Norte”. Natal-UFRN-FUNPEC – SESC, 1989).

QUADRO DE ACADEMICOS 2020

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado, Humberto Herme-negildo de Araújo.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira, Daladier Pessoa Cunha Lima.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima, Luiz Alberto de Faria
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas, Roberto Lima.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra, Clauder Arcanjo
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Ne-greiros

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes (vaga)
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluízio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho. (vaga)
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn, Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário de Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo. (vaga)
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluízio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto, Ivan Lira de Carvalho (eleito)
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga.(eleito)
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	Geraldo Queiroz



Este livro foi composto em
Adobe Garamond Pro
e impresso em cartão
Duo Design 250g./m². (capa)
e Pólen Bold 90g./m². (miolo)
pela Offset Gráfica, Natal/RN,
em julho de 2020

www.offsetgrafica.com.br